

Universidade de Lisboa
Faculdade de Belas Artes



Sarah Affonso
Vida e Obra

Volume III- Anexo Documental

Maria João Gomes Pedro

Orientadora: Professora Doutora Maria Margarida Calado

Mestrado em Teorias da Arte

2004

Índice

Parte I - Entrevistas

- nº 1. José de Almada Negreiros
- nº 2. Maria José de Almada Negreiros
- nº 3. Maria Germana Tânger
- nº 4. Madalena Gomes
- nº 5. Violante Braga
- nº 6. Teresa Amado
- nº 7. José-Augusto França
- nº 8. Manuel Gardão
- nº 9. Maria José P. C. Ferreira da Fonseca
- nº 10. Natália Correia Guedes
- nº 11. Teresa Cottinelli Telmo
- nº 12. Maria Teresa D'Orey S.P.S. Botte
- nº 13. Artur Manuel Cruzeiro Seixas
- nº 14. Agustina Bessa Luís
- nº 15. Mário Soares
- nº 16. Ester Soeiro
- nº 17. Jorge Meira
- nº 18. Maria José SottoMayor

Parte II - Manuscritos

nº 1

Carta de Sarah Affonso a Manuel Mendes, Costa da Caparica,
1 de Outubro de 1921 (Fundação Mário Soares 4490.001, im. 11-12)

nº 2

Carta de Sarah Affonso a Manuel Mendes, Costa da Caparica,

24 de Abril de 1930 (Fundação Mário Soares (4490.001, im. 39)

nº 3

Carta de Sarah Affonso a Manuel Mendes, Costa da Caparica,
19 de Agosto de 1930 (Fundação Mário Soares (4490.001, im. 1)

nº 4

Carta de Sarah Affonso a Manuel Mendes, Costa da Caparica,
21 Agosto de 1931 (Fundação Mário Soares (4490.001, im. 20-4)

nº 5

Carta de Sarah Affonso a Germana Tanger, Lameirinha,
22 de Agosto (s/a)

nº 6

Carta de Ana Paula Almada Negreiros a Germana Tanger, Bicesse,
3 de Setembro de 1963

nº 7

Carta de Fernando Amado a Germana Tanger,
acompanhando o convite para “Deseja-se Mulher” (s/d)

Parte III - Catálogos de exposições em que Sarah Affonso participou

nº 1- 1929 (Dezembro) - Catálogo da exposição

“Sarah Affonso / José Tagarro”,
Lisboa, Galeria Bobone

nº 2 - 1953 (Janeiro) – Catálogo da “Exposição de Pintura de Sarah Affonso “

Lisboa nona exposição da Galeria de Março

nº 3 – 1954 (Abril) – Catálogo da exposição

“ Móveis para todos “ e “ Em louvor da tesoura e do dedal “,
Lisboa , SNI

- nº 4 - 1960 (Junho) - Catálogo da exposição
“ 15 Artistas Premiados pelo SNI com o Prémio Sousa Cardoso “
Amarante, Museu Municipal de Amarante /
Câmara Municipal de Vila Real
- nº 5 - 1962 (Maio) - Catálogo da exposição
“Sarah Affonso “,
Porto, Galeria Dominguez Alvarez
- nº 6 - 1962 (Junho)- Catálogo da “Exposição Itinerante de Arte Moderna da Galeria
Alvarez, Homenagem a Sarah Affonso “,
,Amarante, Biblioteca – Museu de Amarante
- nº 7 - 1966 (Setembro)- Catálogo da exposição
“Arte Contemporânea / Coleção Particular”,
Amarante, Biblioteca – Museu Municipal de Albano Sardoeira
- nº 8 -1977 (Janeiro) - Catálogo da exposição
“Sarah Affonso” ,Estoril, Junta de Turismo da Costa do Sol
- nº 9 - 1978 (Junho)- Catálogo da exposição
“Retratos de Sarah Affonso (1927 – 1947),
Estoril, Junta de Turismo da Costa do Sol
- nº 10 - 1978 (Agosto)- Catálogo da exposição
“ Retratos de Sarah Affonso (1927– 1947)”,
Porto, Centro de Arte Contemporânea / Museu Soares dos Reis
- nº 11 -1986 (Novembro / Dezembro)- Catálogo da Exposição
“Sarah Affonso (1899 – 1983)”,
Vila Moura, Galeria d’Arte
- nº 12 - 1995 (Junho) - Catálogo da Exposição
“Sarah Affonso e José de Almada Negreiros”,
Oeiras, Galeria Verney
- nº 13 - 1996 (Março/ Maio) - Catálogo da exposição
“ Almada Negreiros e Sarah Affonso “,
Cascais, Palácio da Gandarinha
- nº 14 -1999 (Janeiro / Março)- Catálogo da exposição
“Memórias de Viana, Sarah Affonso (1899-1999)”,
Viana do Castelo

Parte I
Entrevistas

Parte I

Entrevistas

nº1

Entrevista a José de Almada Negreiros

1º Encontro

A primeira vez que conversamos com o Arquitecto José de Almada Negreiros, filho mais velho de Sarah Affonso e Almada Negreiros, foi ainda no decorrer do primeiro ano do Mestrado em Teorias da Arte quando procurava, no âmbito da disciplina de Pensamento Plástico, fundamental para a interpretação iconológica da obra de Sarah *Família* (1937).

J.A.N.: Estou muito entusiasmado por aparecer alguém interessado em estudar a Mãe, já que tantos se têm debruçado sobre o meu Pai. Quando for procurar trabalhos da minha mãe não se esqueça de ir procurar registos de trabalhos em cerâmica, na Fábrica Viúva Lamego.

E.: Tem registos, recordações, das duas temporadas que a sua mãe passou em Paris? Bilhetes de comboio, postais, cartas enviadas ou recebidas, moradas das casas que habitou, bilhetes de exposições ou de espectáculos?

J.A.N.: A mãe era muito ordenada, guardava tudo, mas que infelizmente não tenho nenhum documento desse tipo. Quem poderia ter guardado esse tipo de informações pois também ela tinha esse hábito de guardar todas as recordações, era a minha tia Paula, irmã da minha mãe, mas já faleceu. Só está vivo o meu tio José, irmão da minha mãe, mas que como está muito velhinho, não me parece conveniente realizar qualquer tipo de entrevista.

E: Estamos interessados em fazer um levantamento das obras de diferentes artistas que tivessem representado a sua mãe, sabe quem o fez ?

J.A.N.: O meu pai representou-a muitas vezes. Fez desenhos, óleos. Tenho muito gosto em deixar ver e fotografar. Eu próprio lhe fiz um retrato, que está num catálogo duma exposição, penso que na da Gandarinha. Há também, no museu Rainha Sofia de Madrid, um busto da mãe, realizado por Matheo Hernandez, Ele foi amigo dela em

Paris, é um escultor espanhol, que penso também viveu em Portugal, e à semelhança de Diogo de Macedo e de Canto da Maya, trabalhava directamente a pedra com grande influência da *Art Deco*.

E.: Tem alguns desenhos das ilustrações dos livros infantis que a sua mãe fez?

J.A.N.: Não tenho nenhum, mas tenho alguns desenhos originais, realizados a lápis de cera, destinados a ilustrar a história para meninos *O Crocodilo e o Passarinho* de Madalena Gomes. Essas ilustrações foram apresentadas Festival de Ilustração do Livro Infantil, em Bratislava. A minha mãe também fez a capa para *A Sibila*, da Agustina, mas eu não o tenho. Tenho aqui, neste catálogo do Palácio do Monteiro Velho, a reprodução dum figurino para uma peça teatral, não tem data mas ela colaborou em 1928, na criação de cortinas para teatro de revista no Parque Mayer.

A minha mãe sempre foi muito activa. Já com setenta e tal anos, colaborou com o Ministério da Educação, juntamente com Teresa Cottinelli Telmo. Era, inspectora do ensino, corria todo o país. No regresso dessas deslocações, contava-nos como algumas crianças do distrito de Bragança passavam dificuldades com as baixas temperaturas, chegando a levar para a escola um tijolo aquecido e embrulhado em jornal, para aquecer os pés. Para a minha mãe a cultura popular, «a sabedoria dos analfabetos» era muito valorizada. Gostava muito de estudar, corria todas as feiras, procurando aprender com os artesãos, sabendo todas as técnicas de tecelagem. Para ela era muito importante o diálogo entre a arte popular e a arte erudita. O seu trabalho era desenvolvido no sentido de chamar a atenção dos professores para a importância da arte popular. A sua grande preocupação era a preparação, a formação estética das crianças. Ela considerava que essa formação podia ser feita através da disciplina de Lavoros Femininos.

A minha mãe chegou a ser agraciada com uma comenda pelo Presidenta da República. Quem a veio buscar á escadaria do Palácio de Belém foi um amigo dela, o Luís Pereira Coutinho.

E.: Tem nesta casa alguma obra da sua mãe que nos possa mostrar ?

J.A.N.: Venha ver as *Anémonas*, o “meu retrato”, e o *Auto-Retrato* dela. Também veja estes desenhos a preto e branco, e estes coloridos.

E.: No fim do meu trabalho escrito, posso integrar reproduções destes inéditos?

J.A.N.: Claro que deixo, mas minhas filhas podem fazer as fotografias.

2º Encontro

Quando voltámos a conversar com José Almada já havíamos percorrido uma parte do caminho na descoberta das obras de Sarah, para nós até então desconhecidas, e do caminho na descoberta do seu “mundo pessoal e cultural”.

E.: Não lhe parece que as *Meninas* (1928), obra exposta no *Sallon d'Automne* no Grand Palais em Paris, parecem «meninas bem portuguesas»?

J.A.N.: Pois eram. A Mãe pintou esse quadro em Paris, mas foi realizado a partir de esboços levados de Lisboa. Essas meninas eram vizinhas, e iam muito lá a casa, pois elas moravam num pátio perto da nossa casa de Campolide. Eu gostava tanto da casa do meu avô. Tive um enorme desgosto quando, após a morte do meu avô, essa moradia foi demolida e transformada em prédio.

E.: O seu avô era militar, e a família acompanhava-o quando era colocado em diferentes cidades. Que casas, e em que terras morou a sua mãe ?

J.A.N.: A Mãe nasceu em Lisboa. Começou por viver, no Beato perto da unidade militar onde o seu pai estava colocado, depois em Tavira, seguindo-se Viana do Castelo, onde viveu até aos catorze anos.

Quando a família regressou a Lisboa viveu, primeiro, na Rua da Saudade, no Quartel dos Lóios, e depois em Campolide, na Rua Conde das Antas, nº 26. Esta casa tinha uma grande varanda e um jardim com muitas plantas trazidas pelo meu avô, no regresso das campanhas militares em África.

O meu avô desenhava muito bem. Em África desenhava muito, e quando vinha trazia esses desenhos que depois eram emoldurados. Eram de plantas e de insectos.

Foi um bocado por influência desse meu avô, que quis ir para o Colégio Militar, mas também tive a influência do meu tio António, irmão do meu pai, que era oficial de cavalaria.

Depois do seu casamento, os meus pais foram viver para aquela rua que desce para S. Bento, quem vem de S. Mamede. Acho que se chama da Fábrica dos Pentes. Tive lá uma intoxicação com gás.

Depois devia eu ter dois ou três anos, fomos morar para a Rua de S. Filipe de Nery. No verão íamos para perto de Sintra, para casas alugadas, antes de se fazer a casa de Bicesse. Quando é que quer lá ir?

E.: Soube que a sua mãe em nova, muito antes de ir para Paris e de namorar o seu pai, teve uma grande paixão por um dos D'Orey, do Barracão. Sabia disso? Gostava de lhe mostrar duas aguarelas, uma assinada por ele outra não, para me dizer o que pensa. Acha que pode ser um retrato que o Guilherme D'Orey fez dela ??

J.A.N.: Sabia. Vamos lá olhar para elas. Olhe esta que está assinada é de amator. E a que não está assinada, nem representa a minha mãe, nem é pintada por ela. E essas letras que você quer ver no tecido pintado, eu não as vejo.

n ° 2

Entrevista a Maria José de Almada Negreiros

1º Encontro

Já conhecíamos a escritora através da leitura dos seus livros, *Conversas com Sarah Affonso* (1993) e *Sarah Affonso* (1989), posteriormente entrevistamo-la em Bicesse.

E.: Podemos começar por dar um passeio á volta da casa?

M. J. A. N.: Claro, vamos, como dizia o meu sogro, pela rua Nova do Almada. Aqui era o atelier dele, que agora está fechado.

Todas estas flores, todas estas árvores que temos na quinta, foram plantadas por Sarah. Ela tinha imenso jeito para tratar do jardim e da horta. Tudo o que plantava crescia. Temos até sombra a mais, pois todas as plantas cresceram imenso.

Estas casinhas pintadas de cor de rosa, umas eram para fazer o pão, outras para guardar coisas.

E.: Sabe onde era o Roseiral da Amizade, de que falava a Fernanda de Castro?

M. J. A. N.: Já não sei, acho que já não existe, devia ser ali atrás. Vamos sentarmo-nos ali no alpendre a conversar.

E.: Era aqui que passavam o serão? Era costume almoçarem cá fora?

M. J. A. N.: Sempre que o tempo estava bom. Ela e ele gostavam muito de cá estar, e recebiam muitos amigos. Vou-lhe buscar para você ver, o vestido de baptizado do Zé, que ela fez.

E.: É tão bonito! que perfeição de bordado! Posso fotografar ?

M. J. A. N.: Claro, vamos pôr em cima da relva. Vou buscar mais coisas. Vou buscar um bordado que ela fez em linho, parece um desenho de Arte Nova.

E.: Posso fotografar tudo? O painel de azulejos, as Sereias com conchas, aquele coração de conchas naquela parede ao fundo ?

M. J. A. N.: Vá à sua vontade, fotografe tudo o que quiser. Depois, vamos lá para dentro ver o resto.

E.: Aqui na sala tudo parece dominado, pela Sarah (obra de Almada, representando Sarah, que se encontra sobre a lareira), nunca tinha visto este quadro. Está tudo como no tempo dela?

M. J. A. N.: Tudo. As flores secas dos palmitos, a colecção das conchas, os barros do Minho.

E.: Estas almofadas de linho, foram bordadas pela Sarah?

M. J. A. N.: Foram, e tenho outras, que não de ponto de cruz, são de cetim bordadas a matiz na casa de Lisboa. Se quiser leve-as lá para fora para as fotografar.

E.: Podemos ir também lá acima?

M. J. A. N.: Claro, mas tem pouco que ver.

E.: O azul do quarto deles é fascinante! Tem também o tecto pintado da cor das paredes! Como me disse o seu marido, este azul cobalto, foi influência de Paris, do Canto da Maya, da Arte Nova. Posso fotografar? Gostava de apanhar em conjunto as cortinas de patchwork, o azul, as camas de ferro e as colchas de *crochet*, posso ?

M. J. A. N.: Pode, mas as colchas não têm interesse nenhum. Qualquer criada as faz.

2º Encontro

Na sua casa de Lisboa, José e Maria José, mostraram-nos, com grande generosidade outras obras de Sarah.

E.: Mais uma vez, Maria José, muito obrigado por me receber e por me mostrar as coisas lindas que a Sarah fez.

J. A. N.: Estes botões e estes alfinetes de peito foram feitos na Viúva Lamego, cozidos lá no forno. A mãe moldava um em cerâmica, mas como cada vestido ou casaco precisava de vários iguais, ela enchia de gesso as caixas de fósforos da cozinha e daí fazia o molde. Não sei onde os vendia, talvez na Casa Batalha... . Sustentou a casa com eles uma data de tempo. Ninguém comprava arte.

E.: Posso cá voltar para os fotografar?

M. J. A. N.: As minhas filhas fazem isso, deixe lá. Quer ver as calças que ela fez para o Boneco? Quem as usa sou eu. São muito modernas. Gosto muito de as usar. São de óptimo tecido, muito bem talhadas, e muito bem cozidas. O vestido da Boneca já foi para o Museu do Teatro.

3º Encontro

E.: Posso começar pelo tapete de arraiolos? Como tenho pouco alcance, e já tenho uma fotografia a preto e branco da *Bem Viver*, vou tirar só a um pormenor. Que pena estar tão velhote! A seguir vou fotografar a almofada de cetim, e depois já que me dá licença, vou começar a tirar as medidas aos desenhos, e a atribuir nomes a alguns deles.

M. J. A. N.: Outro dia vamos à outra casa fotografar os desenhos, pois as minhas filhas nunca mais o fazem

nº 3

Entrevista a Maria Germana Tânger

Documentos cedidos:

- Carta de Sarah Affonso para Germana Tanger, enviada da Lameirinha a 22 de Agosto.... , 2p., f/v (anexo nº 5)

Nesta carta Sarah oferece a quinta como local de férias ao filho de Germana, amigo dos seus filhos Zé e Ana, sugerindo a possibilidade de irem os três á praia. Informa a amiga, dizendo:

“(...) o meu Zézinho voltou a ser chamado para prestar serviço militar e está agora na recruta em Queluz”(...) “Está bastante aborrecido pois vai no 4º ano afastado da sua profissão de que tanto gosta, além de todos os prejuízos que esta situação lhe causa.”

“Deve saber que a minha Ana voltou a perder o ano e deve também calcular o desgosto e as preocupações que este facto me traz . Ela agora diz que se quer empregar.”

“Eu não tenho passado bem. Sinto-me cansada, desanimada, e sem forças para gostar da vida como é necessário.”

. Carta de (Ana) Paula a Germana Tanger, enviada de Bicesse a 3 de Setembro de 1963 (anexo nº 6)

Pede desculpa pelo atraso na resposta á carta recebida, e conta:

“a quinta tem estado invadida.(...) durante 3 dias seguidos houve 10 a 16 pessoas a almoçar e a jantar. Um dia estiveram 35 pessoas. O meu primo disse que parecia um casamento de ciganos.(...) O remédio está a dar bom resultado.”

Dois Convites:

. Um de Fernanda de Castro para a Exposição de Primavera de «A Colmeia», que se realizava de 28 a 30 do corrente...(ano ?), na Rua Capitão Afonso Pala, 41(às Necessidades) (anexo nº x)

.Um de Fernando Amado, «para a representação, na 4ª feira, da peça de Almada Negreiros “Deseja-se Mulher”. Começa às 22 horas.» (anexo nº7)

. Duas Fotos de alunos, ano lectivo de 1911/ 1912:

. Pátio da Escola Nacional

. Parque da referida escola (no verso das fotografias, foi manuscrito: Almada Negreiros com o Tio Vasco) .

– Duas Fotos da apresentação de um livro de Ana Paula de Almada Negreiros.

Legenda do documento: «Poesias ditas por mim e por José Carlos Ary dos Santos».

E.: Muito obrigada por me receber em sua casa. Gostava de conversar consigo sobre a sua amiga Sarah Affonso, pode ser?

M.G.T.: Tenho muito prazer em falar dela, era uma grande amiga... . Conheci o casal Almada e Sara, quando uma vez me foram ouvir dizer uns versos, e a partir daí era chamada para tudo e mais alguma coisa.

Quando foi da inauguração dos Irmãos Unidos, tudo organizado pelo Almada, eu fui dizer uns versos.

Eu era íntima da casa, almoçava, passava a tarde, trocávamos ideias. Gostava muito de me sentar numas cadeiras baixas de palhinha que havia na sala, lá na casa da Rua de S. Filipe de Nery.

A Sara era uma extraordinária dona de casa! Sempre a vi com trabalhos de mãos, estava sempre a cozer. Mesmo fumando, e ela fumava muito, continuava a cozer.

Para a nossa casa de Sintra a Sarah fez-me uns cortinados, cosidos por ela, ponto por ponto, mas infelizmente já não existem.

Vou procurar o que tenho dela, acho que talvez tenha um retrato. Saíamos muitas vezes juntas, descíamos o Chiado, tomávamos um café e conversávamos.

Nas nossas conversas contou-me um dia que esteve para casar com um D'Orey, que foi um namoro muito aceso..., mas que ele morreu. Parece que ele dizia-lhe: “Você gosta de saber tudo das famílias, mas só não sabe de onde eu venho!”. Ele era descendente do Kaiser. Claro que isto foi muito antes do Almada.

Sabe, eu fui secretária de redacção na revista *Eva*, e um dia a Carolina Homem Cristo, que era a directora, deu um chá para o qual convidou todos os antigos colaboradores.

A Sarah estava muito bonitinha! Ela era bonita por dentro, e tinha um ar de bondade interior, que se exteriorizava. Nós ficámos sentadas junto, tínhamos uma grande empatia.

E.: Também trabalhou , com a Sarah e a Eunice Munõz, a Inês Guerreiro no grupo infantil «O Pássaro Azul», da Fernanda de Castro?

M.G.T.: O que foi importante, foi o que se fez na Colmeia. Sabe, O Almada detestava o António Ferro.

Na Colmeia trabalhámos, eu e a Sarah, com a Inês Guerreiro, uma grande artista, que foi a única discípula dela.

A Inês desenhava muito bem, mas tinha pouco tempo para ter lições, ela era muito explorada pela Fernanda de Castro.

E.: Conte-me do que se passava em Bicesse, como era o ambiente, o que faziam?

M. G. T.: Eu gostava muito de lá ir. Dormi lá muitas vezes, umas vezes com o meu filho António, outras sozinha.

Quando lá fui a primeira vez, Almada deu-lhe o braço e disse: “Vamos dar um passeio na rua nova do Almada”! Que era um caminho que Sara tinha mandado fazer, ligando a entrada da quinta á casa. Na quinta Sarah nunca parava. Trabalhava em casa e no jardim.

Que lindo que era o roseiral e o morangal! À noite era costume ficar-se até tarde a conversar.

Um dia, em que estávamos todos muito revoltados a discutir assuntos de política e de cultura, o Almada que estava muito calado a um canto disse: “As retaguardas estão podres!”

Eu gostava dos dois filhos da Sarah, eram amigos do meu filho, mas de quem eu era mais amiga era da Ana Paula, que era também muito minha amiga.

Quer ver uma carta dela que eu guardei? Se precisar, para o seu trabalho, poder levar. Pode levar também esta que a Sarah me escreveu da Lameirinha, nós dantes escrevíamos muito, não havia os telefones.

Pode levar também estas fotografias, estas duas são do Almada e o meu Tio Vasco, que andaram juntos no colégio da Escola Nacional, era um colégio de meninos ricos, que tinha um grande jardim.

Eu gostava muito da Ana Paula, ela era uma infeliz. Era um muito amiga dela. Trabalhou na Fundação Gulbenkian e depois o Manuel Ivo Cruz levou-a para televisão. A Naninha era boa poeta, era muito inteligente, publicou dois livros de poesia, não me lembro dos nomes. Quando do lançamento de um deles, fui com o Zé Carlos Ary dos

Santos dizer os poemas, foi numa livraria, ali para a Duque d'Ávila. O Almada estava muito entusiasmado, estava na sala ao lado, mas muito contente.

Pode, se quiser, levar estes dois retratos meus com a Naninha, e o Zé Carlos.

Sabe, a Sarah tinha uma enorme predilecção pelo filho, tinha um grande orgulho nele.

Também gostava muito da nora.

E.: Como era a relação da Sara com o Almada?

M. G. T.: Ele era muito amigo dela e ela gostava muito dele. No entanto, penso que a ela não era feliz!

Sentia nela, por vezes, uma grande angústia, mas também dava grandes gargalhadas. Ela era uma artista extraordinária, mas apagou-se na Arte e dedicou-se totalmente à arte na quinta .

Quando o marido "hibernava", entre Novembro a Março, procurando o "número de ouro", os lençóis da cama eram mudados todos os dias, pois ficavam cheios de tinta da china!

A Sarah tinha uma trabalhadeira, mas também já estava habituada.

Uma vez, fui visitar a Sarah, que tinha sido operada, estava no Hospital Ortopédico, ela estava muito confusa por causa das anestésias, e disse-me: "Vamos ao teatro .Tenho ali um vestido preto com uma flor encarnada .Acha bem ?"

nº 4

Entrevista a Madalena Gomes

Entrevistámos Madalena Gomes, a 28 de Fevereiro de 2003. Madalena Gomes é a autora da história para meninos *O Crocodilo e o Passarinho*, que na sua primeira edição (edição de autor) em 1975, foi ilustrada por Sarah.

E.: Madalena, muito obrigada por me receber. Gostava de falar consigo sobre a Sarah Affonso. Conte-nos o que se lembra e goste de recordar .

M. G.: O meu relacionamento com a família começou quando a minha amiga Condessa de Caminha me apresentou ao Almada, e como eu morava no Largo do Rato, perto da Rua de S. Filipe de Nery, onde Sarah habitava no nº42, éramos vizinhas, e tornamo-nos amigas.

Sarah era uma óptima dona de casa, e também gostava muito de fazer paciências com cartas.

Sabe, eu sou açoreana, mas vim viver para Lisboa com dezanove anos.

E.: Madalena, o que me pode contar sobre a sua convivência com este casal ?

M. G.: Sabe, eu era muito amiga dos dois, mas acho que era mais amiga do Almada por este ser mais aberto, mais efusivo do que a Sarah.

Ela embora mais fechada, era uma senhora muito simpática. Nós visitávamo-nos em Lisboa e em Bicesse, e tínhamos amigos comuns, como a pianista Francine Benoit, que também dava lições de piano à Ana Paula.

A filha dela e eu tínhamos quase a mesma idade, éramos muito amigas, e até íamos habitualmente juntas aos concertos da Academia dos Amadores de Música.

A primeira vez que me convidaram para ir a Bicesse, foi para mim uma aventura! Embora Ana Paula me tivesse dado todas as indicações, eu por ser muito distraída, perdi-me no percurso a pé que fiz desde o comboio até á quinta, e dei com um camelo!

Posteriormente soube, que esse animal pertencia a um circo que estava acampado nas redondezas. Até fiz uma crónica a contar essa minha aventura que foi publicada no jornal da Associação Fernando Pessoa.

Nessa noite dormi no quarto de Ana Paula que ficava no primeiro andar, ao lado do quarto dos pais.

Recorda-me que conversamos até muito tarde e depois levantámo-nos da cama às quatro da manhã e fomos para o exterior da casa, ver o nascer o sol. Sabe, a Sarah tinha um jardim japonês do qual tão bem cuidava.

Era também costume fazer jogos no jardim, com bolinhas ou com flechas, que se jogavam na zona mais espaçosa do jardim.

E.: Como surgiu a ideia das ilustrações para o seu livro? Lembra-se quanto pagou?

M. G.: Sarah era uma grande artista que eu muito admirava. Achei que era a pessoa indicada.

Paguei pelo conjunto das ilustrações realizadas a lápis de cor, a quantia de 30.000\$00, que mesmo para os preços da época, acho que foi só um valor simbólico, dada a grande categoria da artista.

Quando o livro saiu, a Sarah estava doente, encontrando-se internada no Hospital da C.U.F., eu fui visitá-la, e levei-lhe um exemplar do *O Crocodilo e o Passarinho*. A Sarah apreciou muito o arranjo gráfico, a 1ª edição foi de autor, a 2ª da *Arlequim*, e a 3ª da *Veja*.

E.: Soube que esse seu livro concorreu à Bienal de Ilustração em Bratislava. Foi a Madalena que se propôs como autora?

M. G.: Não, não fui eu que tratei disso. E como essa primeira edição foi de autor, não sei quem foi. Só sei que depois foi exposto no Palácio Foz, numa exposição que incluiu todos os livros apresentados na Bienal de Bratislava, não sei se quem tratou disso foi a Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entrevista a Violante Braga

E.: Gostava que me falasse do seu relacionamento com a Sarah Affonso. Sei, pelo José Almada que viviam próximo, em Bicesse, e que gostava muito dela.

V. B.: Sabe, eu nasci em 1928, era muito mais nova do que Sarah, mas muito amiga dela. Recordo-a com amizade e muita saudade. Ela era uma pessoa muito discreta, que todos adoravam, mas que não se valorizava nada. Ela era de uma grande gentileza, mas dura quando era preciso. Ela defendia-me de todos, dava-me um grande apoio, quando eu, nas discussões de adolescente com os adultos da sua família, tinha opiniões diferentes, que eles não queriam entender. Ela apoiava sempre quem tinha razão, fosse criança ou adulto.

Também era muito decidida. Quando fui à minha primeira festa, foi ela quem me penteou com o “cabelo ao alto”, dizendo a toda a minha família que assim é que ia bem. Eu vi nascer a Lameirinha, e então quando fizeram o atelier do Almada foi cá uma festa!. No Verão tomava-mos banho no tanque, era ótimo.

Eu segui Agronomia e hoje penso que terei escolhido esta profissão pelas vivências na Lameirinha. As tomadas de decisão em conjunto com Sarah sobre o jardim, tudo o que aprendi com ela sobre as plantas, como se desenvolviam. Durante o curso tive muito mais facilidade em entrar em muitas matérias do que os meus colegas.

E.: Visitava-a muitas vezes?

V. B.: Não se pode dizer que os visitava, pois era como se fossem da minha família. Ou eu ficava a dormir na Lameirinha, ou os Almada ficavam a dormir na Quinta das Giestas.

Quando os adultos tinham “onde ir”, ou eu ficava em casa de Sarah, ou a Naninha e o Zé ficavam nas Giestas. Quando a minha família ia a Lisboa, pois nós morávamos no Estoril, na Galiza, quase sempre ficávamos a pernoitar na Rua de S. Filipe de Nery, e às vezes acabávamos por ficar lá uns dias.

A Sarah teve durante muitos anos uma criada “excelente”, a Aurora, que cozinhava muito bem as receitas dela.

As refeições, sempre que o tempo o permitia, eram tomadas na mesa do alpendre. Sempre tudo muito bem arranjado, pois Sarah era muito boa dona de casa. Conversavam sobre bordados, trocavam agulhas e linhas, mas Sarah é que era a professora....

Ela fez para mim alguns vestidos, mas também me ofereceu “painéis de parede” bordados, e muitas “pinturinhas”.

nº 6

Entrevista a Teresa Amado

E.: Sei que conheceu Sarah Affonso, o que me quer contar?

T. A.: Conheci muito bem o Almada e a Sarah, eram amigos da família dos pais do meu marido.

Logo após o meu casamento, a Sarah insistiu em receber-nos e passámos um fim-de-semana na Lameirinha, mas depois fomos lá muitas vezes. Eu gostava imenso dela, e ela de mim, às vezes a Naninha até tinha ciúmes.

Eu tive uma loja na Rodrigo da Fonseca, onde expus a *Maternidade* do Almada, e *O Circo*, e a tapeçaria também dele.

A Sarah ia lá quase todos os dias, ficava à conversa comigo, era uma zanga para a Naninha.

E.: Como era o relacionamento entre eles?

T. A.: A Sarah era o leme daquela família. Ela venceu todas as crises.

Ela transmitia calor. Sabe, a Sarah e o Almada, ambos não eram pessoas simples.

A Sarah não era simpática com todos, não era condescendente com todos, só tratava bem de quem gostava, mas quando gostava, gostava muito.

Gostava muito da nora, e tinha uma enorme preferência pelo filho, que mimava excessivamente. Adorava as netas.

A Sarah era uma ótima dona de casa, recebia muito bem e fazia ou sabia mandar fazer. Era excelente uma galinha de cabidela, que lá comemos.

E.: Continuou a ir a Bicesse depois da morte do Almada?

T. A.: Sim. Ela ia muito para a Lameirinha, sentia-se lá muito bem, e gostava de continuar a ter amigos consigo.

Eu até gostei mais dela na fase final.

Com a idade ria-se muito, parecia uma criança, é claro no bom sentido, o que é bom, o simples, o ingénuo das pessoas, vem ao de cima.

Ela era uma pessoa muito culta, que transmitia calor.

Sabe, um dia, como tínhamos de visita em Portugal um artista inglês, o Tom Phillips, eu o meu marido fomos com ele à Lameirinha para ele conhecer a Sarah.

Embora ela não falasse inglês e Tom Phillips não falasse português, essa tarde ficou gravada de forma inesquecível nesses dois artistas pela empatia que ambos sentiram, e pela forma calorosa como comunicaram.

Anos mais tarde, o Tom Phillips, ainda nos perguntava quando nos escrevia, notícias daquela senhora tão culta e tão sensível.

José – Augusto França

E. Obrigada por me receber. Gostava de lhe perguntar sobre o seu relacionamento com Sarah Affonso

J. A. F. Conheci muito bem a Sarah, a partir dos anos cinquenta, quando a Galeria de Março organizou a primeira sua exposição com obras do Almada, que vendeu bem.

Já as exposições seguintes, não tiveram compradores para as obras apresentadas.

Fui muitas vezes à casa de Sarah e Almada, na rua de S. Filipe de Nery, e também a fui muitas vezes a Bicesse.

Sarah era uma mulher forte, que tomou o comando da casa e da família, conseguindo enfrentar as dificuldades da vida.

Ela, que adorava o marido, apagou-se como artista. No entanto, continuou a bordar, fazendo coisa muito bonitas.

A senhora devia falar com a viúva de Bernardo Marques, a Maria Elisa Marques, que era amiga de Sarah e também de Fernanda de Castro, senhora que frequentava a Brasileira, assim como a mulher de Diogo de Macedo.

E. O Sr. Prof. tinha conhecimento desse namoro com Guilherme D'Orey?

J. A. F. Não, mas também isso foi muito tempo antes de a conhecer. Eu sei umas coisas e a senhora sabe outras coisas que eu não sei.

Eu, e todos os do meu tempo, sabíamos dos “amores” de Sarah, da sua ligação amorosa com José Tagarro, pois todos os daquela época o sabiam.

O Tagarro era um rapaz muito simples, alentejano (daí o nome / alcunha) e de família humilde.

Ele que era um desenhador muito dotado, morreu novo em 1931, com uma septicémia provocada por uma infecção no ouvido.

E. Sr. Prof., tenho para lhe mostrar e pedir a sua opinião sobre estas duas obras. O que acha destas duas aguarelas?

J. A. F. Não conheci a Sarah nesta época (1917 / 1918), mas posso identificar na figura que a rapariga é muito jovem, tem uma boca carnuda, um cabelo separado por

risca ao meio , (como Sarah sempre usou) , mas um nariz é aquilino o que não corresponde aos retratos dela.

Quanto à técnica e à paleta cromática , os azuis e os acastanhados são semelhantes aos usados na obra assinada pelo Guilherme D'Orey .

E. Acha possível, que no canto esquerdo da aguarela representando a rapariga a cozer, isto seja um S e um A ?

J. A. F. Não me parece suficientemente identificável, como sendo uma assinatura.. Esta é uma obra de um amador dotado , que está acabada , não está assinada, mas não posso confirmar, não posso atribuir a Sarah Affonso.

Entrevista a Manuel Gardão

E.: Senhor Presidente, gostaria que recordasse os tempos do seu relacionamento com Sarah Affonso?

M. G.: Conheci a Sarah muito bem, desde os tempos de rapariga, quando no Moledo passava os meses de férias de verão na companhia da mãe e dos irmãos.

Construí a pedido dela, umas pequenas peças de madeira que ela posteriormente pintou.

Em solteira, era frequente ela ir a minha casa, gostando de sentar-se junto á janela, mantendo longas conversas com a minha mãe, que se chamava Maria dos Anjos, mas que era mais conhecida por Maria do Chastre (por ser filha dum alfaiate galego).

Ela, que já velhota, apreciava muito esses diálogos com a Sarah em que ia recordando para ela os hábitos, costumes e tradições do povo desta região.

Actualmente sou Presidente da Junta de Freguesia de Moledo, mas sempre fui uma pessoa simples, mas desde sempre, desde rapaz me relacionei com a gente culta que vinha e vem para o Moledo.

Mesmo depois dela casada, continuei a manter relações de amizade com a Sarah e também com o Almada, mas ele vinha cá pouco.

E.: Senhor Presidente, sabe se existem as casas que eles alugavam, as da família da Sarah, ou as casas que ela e o Almada habitaram?

M. G.: Já tudo foi abaixo menos a última, que está muito degradada. Vou indicar-lhe como lá chega.. Sabe, o casal alugou-a durante alguns anos para passar o verão.

E.: Como era passado o Verão, o que faziam nessa época aqui no Moledo?

M. G.: Nesses tempos em Moledo, era habitual no verão realizarem-se verbenas.

A Sarah frequentava-as como todos, muitas vezes acompanhada pelos seus amigos António Pedro e mulher, porque que a presença do Almada no Moledo não era assim tão habitual.

Tenho tanta pena que tenha desaparecido há pouco tempo, numas mudanças, um cartaz desenhado pelo Almada que representava um empregado de mesa chinês a servir, chamava-se “A Barraca do Chá”. Esse cartaz anunciava que se ia realizar uma verbenas.

Entrevista a Maria José P. C. Ferreira da Fonseca

E.: Quando e como conheceu a Sarah? De que falavam quando estavam juntas?

M. J. F. F.: Ela já ela era viúva há muito tempo. Nós conhecemo-nos em casa de amigas comuns, e foi através dos netos.

Falávamos muito do passado, a Sarah contou-me que quando era muito nova, teve um namoro às escondidas do pai, com um D'Orey, dos de Oeiras, do Barracão.

Também me contou que quando os filhos eram pequenos, para os manter calados e o pai poder trabalhar e concentrar-se, ela entretinha-os contando-lhes histórias, muitas delas aprendidas na sua infância no Minho.

Como a casa era pequena para alguns trabalhos de grande dimensão do Almada, acho que eram os da Gare de Alcântara, a Sarah colava o papel no alto da escada.

Dizia ela que os filhos à vinda da escola, tinham que se descalçar e passar com cuidado por cima.

Contou-me também que num dia em que choveu muito de noite, e houve uma inundação, os dois (Sarah e Almada), sem se deitarem, refizeram tudo em vinte e quatro horas.

Ela deve ter sido em nova uma mulher muito forte.

Ela contou-me também que “o marido era um pouco indeciso e nunca achava que o seu trabalho estava bem”, sendo muitas vezes ela, “que era corajosa e só dizia a verdade, quem o incentivava”.

Sabe, nós falávamos também de música, pois gostávamos as duas muito.

A Sarah com entusiasmo, dizia que gostava muito das valsas vienenses, mas também de Schubert, Mozart, e Liszt, mas que “apreciava ópera acima de tudo”, sendo Wagner o “maior de todos e Tannhäuser a sua preferida”, que continuava a ouvir na rádio.

Às vezes, comparava a Ópera de Paris e o S. Carlos. Ela adorava o S. Carlos, mas considerava o foyer e a escadaria de Paris mais imponentes.

Também falávamos de teatro, e Sarah contava como gostava de ir ao Dona Maria, e recordava episódios passados com os seus amigos Amélia Rey Colaço, Palmira Bastos e Chaby Pinheiro.

Nos seus últimos tempos Sarah já não via tão bem como antes, mas como era muito exigente com tudo o que fazia, já não fazia quase nada de arte.

Ela limitava-se a forrar caixinhas de lata com sedas antigas e galões, e também gostava de pintar leques, que gostava de oferecer às amigas.

Ela como adorava flores e borboletas, tinha conversas com amigos sobre os correspondentes nomes em latim.

Uma vez prometeu-lhe fazer um abat-jour com borboletas, parecido com um que tinha sua sala, mas não chegou a realizá-lo.

nº 10

Entrevista a Natália Correia Guedes

E.: Conheceste a filha da Sarah e do Almada?

N. C .G.: Sim, andei com ela no liceu Maria Amália. Ela era muito sensível, vivia num mundo à parte, parecia sofrer imenso.

Tinha uma voz difícil de entender, e também não era elegante, tinha um cabelo “não arrumado”, o que na época não era costume .

Ela teve um namoro que acabou, e sofreu muito.

Para as raparigas daquele tempo, que vinham dum colégio onde se andava sempre de farda, era difícil a mudança.

Ela era um pouco como o pai, que tinha o atelier no mesmo prédio onde eu vivia nessa época, e com quem me cruzava ao descer e subir as escadas, quase todos os dia.

Sabes, eles tinham uma vida interior de tal maneira rica , que nem ligavam ao mundo exterior, ao que se passava à roda deles.

E.: O livro *A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal*, sabes se refere a cortina de altar do Seminário dos Olivais que a Sarah Affonso bordou, e sabes se fizeram para essa publicação algum retrato?

N. C .G.: A Clara Menéres nada refere nesse livro, no entanto é provável que ao fazer o inventário geral, (são 1.000 entradas) das artes relacionadas com a Igreja dos últimos 50 anos, a tenha incluído.

nº 11

Entrevista a Teresa Cottinelli Telmo

E. A sua irmã Isabel emprestou -me o livro da Fernanda de Castro *As aventuras da Mariazinha, Vicente e C.^a*, e eu já fiz fotocópias. Soube pelo Zé Almada que trabalhou com a mãe dele a Sarah Affonso na Mocidade. O que me pode contar desses tempos? O que é que faziam?

T.C.T. Olhe, eu era uma miúda, uma adolescente.

O meu pai tinha morrido à muito pouco tempo. Eu queria fazer coisas.

A Sarah trabalhava na Mocidade e eu ia com ela quando ela ia fazer exposições e aos concursos. Corremos o país todo do Minho ao Algarve.

E. Eram trabalhos de que tipo ?

T.C.T. De todo o tipo. Bordados, rendas, trabalhos manuais, móveis pintados, tudo o que as senhoras faziam e as meninas das escolas aprendiam.

E. E sobre a Sarah, o que acha que me quer contar ?

T.C.T. Ela era uma mulher muito interessante. Muito culta. Sabia de tudo.

Gostava muito de aprender com os outros. Sabia dos usos, e dos costumes de todas as regiões.

Sabia imenso de tecidos, e de fiação.

Aprendi tanto com ela.

Gostava muito dela.

Entrevista a Maria Teresa d'Orey S.P. Sacadura Botte

E.: Esta conversa surge pela necessidade de confirmação e de obter mais informações, na sequência do que me disse Germana Tânger e a Maria José Fereira da Fonseca, sobre um namoro de juventude da Sarah Affonso com um D'Orey. Sabes, alguma coisa?

M. T. S. B.: Sei, ele era meu tio, era irmão da minha mãe, era o Tio Tatá..

E.: Então, conta-me o que sabes, e como chegaste a obter essas informações.

M. T. S. B.: O Tio Tatá, chamava-se Guilherme d'Orey. Era neto de Augusto Guilherme Eduardo Achilles D'Orey, que veio da Alemanha para o Faial em 1850, amigo de Franz Liszt com quem trocava correspondência.

Casou com uma senhora portuguesa, veio para o continente e foi pai de 7 filhos.

Comprou em Oeiras, uma grande propriedade de quatro hectares, que tinha junto à praia um grande barracão.

Essa construção foi inicialmente utilizada para guardar barcos, depois de algumas obras passou a casa de férias, tendo-se posteriormente tornado casa de habitação permanente daquela grande família.

O "Barracão dos d'Orey", manteve-se até há poucos anos, vivendo-se lá a viver várias famílias descendentes do patriarca..

O Guilherme, Tatá como era conhecido, nasceu em 1888. Era um aventureiro e um boémio, «adorado por todos», mesmo pelo pai que era um homem muito conservador e muito austero.

Estudava na Alemanha, (não se sabe o quê nem onde), contando-se que quando ia de Lisboa empenhava as malas, e quando queria regressar, levantava-as empenhando a sobrecasaca, uma vez que só lhe era necessária para frequentar as aulas.

Tendo Guilherme recebido a herança de uma madrinha comprou um *yacht* e durante vários meses a família não recebeu notícias suas, tendo a sua mãe vestiu de luto.

Um dia a família foi surpreendida pelos apitos estridentes de um cargueiro que desembarcou frente á casa na praia

Ele tinha um temperamento de artista, "que saía completamente fora dos carris da família", era aguarelista amador.

Contava-se em família que em diversas ocasiões, Guilherme e Sarah, partiam “de sidecar, carregados de pincéis” à procura de motivos para as suas criações.

Em 1918, quando a “pneumónica” surgiu em Portugal, a família dos D’Órey foi duramente atacada, tendo num mesmo dia havido “dois enterros e três macas a caminho do hospital”, tendo o Tio Tatá morrido com essa doença..

E.: Tens retratos dessa época? Poderei usá-los na ilustração da minha monografia?

M. T. S. B.: Podes levar esta do “Barracão” antes da construção da Estrada Marginal, nós descíamos deste muro para a Praia.

Esta do Tio Tatá em bebé, era lindo! E esta da família toda, ele é o terceiro contando da esquerda.

E.: Como sabes isso tudo, e como relacionas o teu tio com a Sarah Affonso?

M. T. S. B. A minha mãe era a irmã mais nova do Tio Tatá, e eu cheguei a conhecer Sarah.

Nós íamos com a mãe a Lisboa, íamos à Baixa e ao Chiado e lembro-me de pelo menos em três ocasiões, termos lanchado todas juntas.

Não posso dizer se esses encontros foram ocasionais ou combinados, mas acabavam na *Bénard* e na *Ferrari*, e eu lembro-me que tomava carapinhadas.

Eu nessa altura era uma miúda, mas recordo o olhar e a atitude carinhosa da Sarah para com a minha mãe, talvez lhe recordasse o Tio Tatá...

Sabes, toda a família tem aguarelas do Tio Tatá, queres vê-las? Ele pintou muitas marinhas, barcos e casinhas, mas só há uma com uma menina, e essa esteve sempre no quarto dele, quem mo contou foi a minha mãe.

Queres ir a casa de quem a tem? Acha que pode ser o retrato dela. Será parecida? Tu yens retratos dela nessa época ?

nº 13

Entrevista a Artur Manuel Cruzeiro Seixas

E.: Mestre Cruzeiro Seixas, o José Almada disse-me que organizou no Estoril e no Algarve, exposições com obras da mãe dele, mas como ele não tem os catálogos não sabe as datas nem quais as obras. Será que me podia ajudar?

C. S.: Sabe, eu não sou nada organizado, mas vou procurar. Se tiver alguma coisa, depois envio-lhe.

Essas exposições eram no Estoril, na Junta de Turismo da Costa do Sol, nas Arcadas, as obras expostas eram para venda.

As obras da Sarah eram do tempo da faculdade, obras cheias de personalidade e cor. Após 75, todas as galerias foram fechando, era muito difícil manter uma galeria.

Uma dessas exposições, não sei qual, foi inaugurada pelo Mário Soares.

Quanto à do Algarve, a galeria era da urbanização de Vila Moura, e foi um anos mais tarde.

Acho que a exposição da Sarah tinha além dos óleos também desenhos e gravuras.

E.: Conheceu bem a Sarah ?

C. S.: Muito bem. Depois de ficar viúva ela vivia muito sozinha. Eu ia muitas vezes visitá-la.

Ela adorava conversar, ter ouvintes, e era um encanto ouvi-la.

Muitas vezes disse aos filhos: “Vocês, ao menos, podiam gravar estas histórias”.

Eram histórias da Brasileira, anedotas, episódios de Paris, tudo contado com um encanto!

Ela falava, ia fazendo paciências, e fumando.

Acendia os cigarros uns nos outros. A casa estava toda amarela, até o tecto e os Amadeo's, tudo estava amarelo do fumo dos cigarros

. Ela teve sempre aquele penteado muito engraçado.

Para o fim agravou-se o problema antigo dos pés dela.

Ela vivia com grande simplicidade, como sempre viveu.

Eles, como quase todos os artistas nessa época, tiveram dificuldades.

nº 14

Entrevista a Agustina Bessa Luís

E.: Gostaria de lhe perguntar o que recorda sobre a capa da 1ª edição de *A Sibila* ?

A.B.L. A Sarah Affonso fez o desenho para a capa e eu gostei, no entanto a responsável pela editora, (Guimarães Editores) não a aprovou. Agora, tantos anos passados, já posso confirmá-lo.

E. A família de Sarah não tem o desenho, nem a editora. Ficou para si?

A.B.L. Não , e tenho muita pena.

n° 15

Entrevista a Mário Soares

E.: Sr. Dr., gostava de saber se tem ideia de ter comprado um quadro da Sarah Affonso, quando como Primeiro Ministro foi inaugurar uma exposição no Estoril organizada pelo Cruzeiro Seixas. E um Auto-Retrato dela? Já perguntei na Fundação e na Casa-Museu João Soares, mas informaram-nos que não faz parte da colecção. Fará parte da sua colecção particular, ou terá sido comprado pelo Estado?

M. S.: Minha Senhora, tenho uma vaga ideia da exposição, mas não me lembro de ter comprado nenhum quadro para mim.

Tenho pena, mas não tenho nenhum da Sarah Affonso.

Se tem essa imagem mande-ma para a Fundação, que vendo-a talvez possa ter alguma ideia.

nº 16

Entrevista a Ester Soeiro

E.: Obrigada por me receber aqui na sua casa de Sintra. A razão que motivou este encontro, foi o desejo de encontrar quem me pudesse fornecer informações quanto á colaboração de Sarah no Ministério da Educação.

Sei que mantém uma enorme capacidade de organização e que tem o seu arquivo muito bem organizado. Também sei que a sua memória me irá ajudar muito. Lembra-se da Sarah Affonso? O que fazia ela no Ministério da Educação?

E. S.: Sabe, eu fui bolseira em Itália no tempo de Carneiro Pacheco.

Tenho livros italianos do tempo do Mussolini, que trouxe de lá.

No regresso a Portugal fui responsável pela orientação dos Centros da Mocidade Portuguesa Feminina, e também professora de Formação Moral .

Conheci muito bem a “Senhora D. Sarah”, lembro-me que trabalhava em conjunto com Mamia Roque Gameiro, e que colaborava na revista *Menina e Moça*.

Eu tenho todos os exemplares da revista, estão encadernados por anos.

Quer consultá-los? Tenho também alguns exemplares da *Revista de Lavoros*.

E.: Muito obrigada. Vejo que em alguns destes artigos na *Menina e Moça* há referências a exposições de trabalhos manuais, mas não é indicado nenhum nome de professores, e também nada é referido quanto a quem era responsável pelo júri dos concursos. Sabe se a Sarah fazia parte dos júris ou se organizava estas exposições?

E. S.: Já não me lembro bem. As professoras eram todas de grande qualidade, muito competentes.

Nesse tempo, se calhar, não era costume escrever os nomes de quem orientava as aulas e também de quem montava as exposições, mas como vê, eram exposições muito variadas, com trabalhos excelentes e realizadas em todos os distritos.

Sei que a Sra. D. Sarah era muito considerada, todos a admiravam, ela era uma grande artista.

Eu tenho todos os exemplares da *Menina e Moça* encadernados, quer procurar se há desenhos ou trabalhos da Sarah Affonso ?

Entrevista a Jorge Meira

E.: Sr. Meira, o senhor é o actual proprietário do Hotel Meira, aqui em Vila Praia de Âncora, gostaria de colher algumas informações acerca da Pensão Meira, local onde Sarah Affonso e Almada passaram a sua lua-de-mel em 1934.

J. M.: Não sabia que esta casa tinha tido tão ilustres hospedes, fico muito surpreendido e orgulhoso.

A antiga Pensão Meira, foi fundada por Simão Pinto Meira e Felisbela Garcia Gomes de Brito, meus pais, em 1934, e funcionando até 1944 no 1º andar do lado direito do edifício da Assembleia.

Do lado esquerdo desse edifício funcionava a Assembleia, onde nos seus vários Salões se realizavam belíssimos bailes, sendo o ponto de encontro dos «banhistas», que era o nome pelo qual eram conhecidas as famílias que frequentavam a Praia de Âncora.

Tinha também «Roleta» e jogos de cartas, entre outros entretenimentos.

A partir de 1944 e até 1974, a Pensão Meira ficou localizada num edifício situado na Rua 5 de Outubro, passando então á categoria de hotel.

E.: Sr. Meira, o senhor acha que existem registos dessa época?

J. M.: Vou procurar tudo, registos escritos e fotográficos da pensão na época, e depois envio-lhe.

Entrevista a Maria José SottoMayor

E.: Sendo tu especialista em Literatura e Ilustração Infantil, e indo a todas as Bienais de Bratislava, sabes como lá foi apresentado *O Crocodilo e o Passarinho*, que a Sarah Affonso ilustrou ?

M. J. S. M.: Pois é, eu vou lá desde 1981, mas essa Bienal foi iniciada em 1965.

Para se poder concorrer, o livro podia ser enviado pelo escritor, pelo ilustrador, ou pelo editor, sendo condição ter sido editado no período entre duas bienais.

E.: A Madalena Gomes diz que ela não concorreu e que a edição era de Autor, o José Almada diz que a mãe nessa altura estava muito doente e que também não o fez. Quem terá levado *O Crocodilo e o Passarinho* a essa exposição de ilustração? Ela também diz que foi feita depois uma exposição dos livros portugueses que participaram, no Palácio Foz, nos Restauradores.

M. J. S. M.: Não faço ideia nenhuma. Eu colaborei com o Fernando de Azevedo e o João Machado, o “maior” gráfico do Porto, na montagem da exposição dos livros que participaram, quando vieram para Lisboa.

Não posso precisar o ano, foi nos salões da S. N. B. A., e devido às limitações financeiras que havia, não foi possível a realização de um catálogo.

O Pintor Fernando de Azevedo teve a excelente ideia de escrever os nomes de todos os participantes nos cartazes e nos desdobráveis, foi como que uma substituição dum catálogo.

Parte II
Manuscritos

nº 1

Carta de Sarah Affonso a Manuel Mendes, Costa da Caparica,

1 de Outubro de 1921 (Fundação Mário Soares 4490.001, im. 11-12)

Costa 1 outubro 921.

ARQUIVO
MÁRIO SOARES

4490.00)

(m. 1)

Meu caro Manoel: Estão resolvidos em
"conselho de família" ficarmos por cá
até ao fim do mês, se o tempo se conser-
var bom... e em todos os dias ao acordar,
preguntado a meu irmão que é o madrugado
dos da família: "Onde que tal está o tempo?"
— Está enervado, mas isto não conta... —
se o tempo não levanta, tenho de me levantar
eu, e em roupa e chinelo, de sair em
punks, começo à mesma hora a actividade
doméstica, e o dia desliza calmo, pacato.
Quase todos os dias pinto um boi, cheir
de vontade de acertar e fazer qualquer coisa de
interesse. Mas o trabalho não corresponde
aos meus desejos, e, além por vezes para a
minha pintura com alguma tristeza... O ambiente
não é de todo favorável, e a todo o momento está
a casa invadida por pessoas animadas, barulhentas,
que vêm alardear, dessemear, fazer alarde —
a filha, por aqui, aí, filha, para aqui, e
depois de me deixarem todos as cadeiras
a dançar no meio da casa, com copos
d'água por cima da mesa, lá se vão a
qualhar como vieram. E só nos alertas que
ponho trabalho. Mas sinto-me bem disposto e
o ar do mar não me faz nervoso por o
paramente sair de casa.

Recebi uma grande carta do Carlos Lúcio
— que me diz que vão andar já a

trabalhar da esposa do Zé.

Diga-me você o que lhe parece, que isto
me interessa.

Fico à espera de sua visita, ou das
suas notícias.

Saudamos ao Chico e à Bertha.

Seus amigos por aí
de

Sandy Affonso

P. S. Se encontrar o Carlos Luís, diga-lhe
que lhe vou escrever, e que o preço das
passagens aqui é de 25.000 divisas.

nº 2

Carta de Sarah Affonso a Manuel Mendes, Costa da Caparica,

24 de Abril de 1930 (Fundação Mário Soares (4490.001, im. 39)

fruta - para 2 ~~fr.~~ alif.

Marcel. plizem pela informaçã
à cerca dos Independentes,
o que é certo é que não vultei a
pensar nisso. A 1 ou a 10 tanto
me faz...

Ha 2 dias um trabalho como umq
desesperada, - mas em fute, mas
em coisas prosaicas e positivas. E,
sem tempo tenho para pensar nos
tristes da vida.

Dois conselhos dos os artistas, um
dever ser, sober etc. Mas a
vida é feita de realidades e a toda
o momento tem de descer, e flui
tal mansira que, por vezes damos
com os ventos em terra.

Se não receber aviso em contrario,
pode ir ao atelier no proximo sábado
à hora do costume. Lá estarei
com todos os ganhos. Assim o espero.

Quando me lembro do retrato, penso
que talvez em esteje. Tã' mais como
me pareceu no último ~~dia~~ dia.
Talvez esteje ali uma obra-prima.
Quem sabe?... Mas em sabemos
nada.

Recebi uma carta do Tapirus em
pouco desanimada. Talvez Jê.

A Deus. Para a Deus ou os filhos
de natureza ~~que~~ que mandem um
leito do Sol no próximo sábado.

Mas, vejo pesados anáguas lá para
o Norte, o vento sopra do Sul e,
a chuva bate no vidro... Em fim
d'aqui até lá, venham.

Se não houver sol no espaço frei
por levá-lo dentro de mim.
Mas que parece esta poesia?

Para os amigos de

Lucy Affonso.

nº 3

Carta de Sarah Affonso a Manuel Mendes, Costa da Caparica,

19 de Agosto de 1930 (Fundação Mário Soares (4490.001, im. 1)

Costa 19 yatos 930.

Manuel: Pelos suas 2 cartas, vejo que
tomou interesse pelo meus affixos. Obrigada.

Vão me lembrar de quantos desenhos fig.

Vão sei se 20 a preto e 4 coloridos, ou

24 preto e 4 coloridos. (?) Não é que ache

mal paga a 30 escudos cada, mas, lembrando-me
muito o conto de reis. Tenho uma ideia

de que fig conta a 30 os pretos. Se no 20,

di 500. e os 4 a 50. 200: e mesmo assim

20 di 500! Decididamente não me lembro.

e tenho de parar com os contos e com o

fica sem perceber nada. Mas acho que

mesmo que sejam só 24 ao todo, não

é demais 1 conto, pois não se trata d'uma

ilustração para qualquer revista, mas sim

para um livro. que neste caso não tem

para melhor pagar.

Então tudo nos seus mãos e, vá como

seu amigo defende os meus interesses,

fiquei contente por saber que tinham de

ser, vá o Franco. O Franco já partir

para a Madeira?

Vão conto ir a Lisboa antes do fim do mes.

Pois me que ficha está a arder e isto

apenas de frente é melhor que a cidade

com todos os seus encantos.

Escolhi uma tela de Tazouaris dimensões,
mas a pequena é muito maior, de resto
quando se vem para fora é para desenhar.
Mas às vezes tenho remorsos. A conclusão
diz-me que é preciso lutar trabalhar, mas
o corpo - me pede - me laxa.

Fiz também um desenho, mas como a
perder o interesse pelos meus desenhos
porque como a repetir-me.

Sou demasiado exigente, o que me vale
os amigos dizem - me que tenho
um talento que ali é impossível.

Como a estar na casa e a supor!
Tenho uma casa que é uma vergonha.
As 9 1/2 estar na cama como bem e
dormir grandes restos. Se vou à praia
estabeleço-me na areia... em casa, se não
abancada à mesa, estou estabelecida em
cima da cama... e assim vão passando
os dias deste Verão à beira-mar.

São como os moios que sabem e dizem
o a força de se repelirem também de
iguais e monotonos.

Mande livros ou gracia. Primeiramente
psicologia.

De lembranças ao Tazouaris e ao Clivio.

Sua amiga Sarah Affonso.

P.S. Se v. ou o Tazouaris vierem a Costa
Tazouaris me um frasco de óleo de linhaca,
talvez me decida a trabalhar.

nº 4

Carta de Sarah Affonso a Manuel Mendes, Costa da Caparica,

21 Agosto de 1931(Fundação Mário Soares (4490.001, im. 20-4)

Costa de Caporina 21. qto 931.

Bravo, querido Manoel! A sua carta chegou-me de surpresa! Estava em cuídas com a falta de notícias, mas por fim a esportes do dia e vejo que você me respondeu no Volante do correio... É bom apressar de me sentir bem aqui, tendo a impressão de que estou na Costa há poucos dias!

Fizeste muito saber dos seus grandes projetos de trabalho. Ainda bem, e já me é um tempo. Quando se trabalha o tempo passa mais depressa, e a vida é muito mais agradável, assim as circunstâncias permitam. Eu também tenho trabalhos e estou cheio de projetos. Ainda me perdi um dia e já tenho um grande quasi pronto. Estou contente com a minha pintura, por que começo a entrar no caminho que procuro. Guardo alguns trabalhos que tenho e aperfeiçoar outros, e espero atingir este meu último quadro. Considero-o do melhor que tenho feito. É ainda cheio de contrastes, mas o colorido vale a pena. É mais delicado e é muito mais feminino. Você verá. Os bordados estão por agora, pela falta de parte. Neste janeiro 20 sei fazer com o paquet e isto, me está de acordo com a minha maneira de sentir. Espero encontrar qualquer outra coisa, e como antes com

Vontade de pintar, apovado, que é de resto
a única coisa que me interessa.

Antes não comecei com o boudoir de meu
e quasi não tenho tempo de vestir de cor.

Vão me resignava a viver apanhada ao pé
da mercearia e da lavadeira. Arrim de

manhã, sou senhora burguesa, de toda ordem
intelectual. Com boa vontade as coisas boas

risim-se e eu sou da raça Casanova, quanto
mais difíceis, mais faço tempo de vestir.

Mas isto que quero de dizer, talvez seja pala-
vras d'alação. É por que não 7 de manhã.

Acordei bem disposto, depois de dormir d'un
sono só, tendo a janela aberta e lá fora

há um sol muito apasvel e um céu azul
azul. Neste momento estou reconciliado.

figo os olhos com a vida.

Moro d'agora a janela, tendo a escrita a
bater à porta do quarto: "Meinha, o que é

isso por o almoço"? O peixe está muito
caro, etc. etc. Diabo! e eu que estava a pensar

em pintar, em esposições, a souber com um
vida mais elevada e mais bela... e lá

tendo eu de descer das nuvens e pegar no
livro dos deffijos: pão, tudo, curvas, tudo...

é talvez vá não acredite, ~~mas~~ ^{por} uma dona
de casa exemplar. É quando vejo dos por

meu no cozinha, a mexer um tacho de doce,
ou um petisco por o jantar, embora por o

relaxio e a contar 50 minutos, por se não

estrapor o ponto, com o mesmo interesse
com a mesma consciência! ^{por} que comprou
as tintas e procurou as complementos.
Lá vem, que tem feito? O aqui está a ve-
lo, subiu o Chisco, entou na Brasileira,
is até a cisterna onde o Feypo trabalhava e
doubta, tudo muito desarrumado, muito cheio
de pó, a cheias a bafio, ... Depois vai a dar
volta a Brasileira... e nessa vida tá cheio
de ocupações não tem tempo de me vir
fazer uma visita. (certo que vir à Costa
agora chama a Praia do Sal) mas as vezes
tem sido Praia do neneco, (Mar do vento)
(conforme a mãe do creador) é uma estufa.
Mas creia que muito gostoso ver os avós me
dia. O Chisco, o Feypo e a Bertina também he-
de vir.

Mas irmão ainda não está bem. O médico
diz que em coisa por 15 dias e já tá val
um mês... Tenho momentos tá tãdo, tãdo
desarrumado... Faz-me tanta, tanta dor de
a coxas, enstado a bengala, sem poder
arranhar a gente de sua cadeira. Tenho fi
que o Sal o cure, por enquanto passo melhor
está.

Eu lembro-me os olhos de lapins com o
que me diz de mãe do nosso amigo Frei
Tayano. E na verdade extraordinário.
Recebi de dia uma carta de Maria e

que me digam que a Mãe que queria
visitar e, que talvez dia venem aqui a
Corta. Fiquem muito impressionada, por o
pensei que em ~~de~~ as por mim que aqui
querem vir. E por o ~~de~~ terra de ~~de~~ o
Le gostava tanto, e aqui vinha muitas vezes.
Agora penso que talvez seja por me falar
do neto. Em todo o caso é muito triste por
mim esta visita. Vou e espero, é sinto um
grande calor da pelo sofrimento meu e dos
outros.

Ademais meu caro Manoel, espero em
cabeira se puder.

De a Bertha afetuoso abraço, e
se diga. Me queerei muito gostoso em
você.

Recordando-me também ao Cláudio e ao Feryo.

Para si muito saudades de sua
amiga

Cordeiro

P.S. No dia 27 vou a Lisboa. Não sei
ainda a hora em que poderei aparecer no
ateliê do Feryo. Se puder avisar.

nº 5

Carta de Sarah Affonso a Germana Tanger, Lameirinha,

22 de Agosto (s/a)

Lameirinha, 22 de agosto.

da Sarah Affonso

Emerida Germana

Estava preocupada sem saber nada de
vós, e com tão pouca sorte vim para cá
e por esquecimento deixei o numero do
seu telefone em Lisboa. Dois dias depois fui
a Lisboa e teelei telefonar sem obter res-
posta. Chegaram-me há dias o seu postal
que agradeço, e embora as matérias não
sejam completamente boas, visto o humil-
des sido submetido a nova operação e estarem
de novo no Hospital, há todos os esperanças
de francos melhores e eu e os todos
desejamos do coração que sejam rápidos
e definitivos. Pôsi vós em grande alívio
pelo bom resultado dos exames do Antonio
e desejo que os vossos desejos se ca-
litem completamente. Rig-me no seu
postal que ele tem cuidado a pensar as
ferias pelos casos dos amigos. Espero
que vos conte no numero dos seus
amigos e disponha de nós para o termino

também em minha casa. Sabe quanto
gostamos dele e como se ou com a
sua tria Comproula para ir a praia.
O meu Zé indo voltar a ser chamado
para prestar serviço militar e está
agora na reserva em Eucaly. Se o
serviço se prolongar é possível que em
outubro volte para o Colégio Militar, para de
do mais o mesmo. Está bastante aborrecido
pelo vai no 4º ano afastado da sua
profissão de que tanto gosta, além de todos
os prejuízos que esta situação lhe causa.
Deve saber que a minha mãe voltar a
perder o ano e deve ^{também} calcular o despesa
e as preocupações que este facto me traz.
Ela diz que agora se quer empregar...
Eu não tenho pensado bem. Lento, mel
paciência, desanimada, e sem fazer por
gostar da vida como é necessário.
No principio do mês vou a Lisboa e,
vou tentar estar um momentinho no
Desajo sinceramente as melhoras do
Manuel e a sua tranquilidade
Saudades amigos de todos um abraço
da sua amiga Sarah Affonso.

nº 6

Carta de Ana Paula Almada Negreiros a Germana Tanger, Bicesse,

3 de Setembro de 1963

AP. Luanda

Bicene 3-5-63

Querida Germana

Desculpe só agora. He responde à sua car. f. mas a quinta tem estado invadida por todo. Houve aqui há 15 dia que durante 3 dias seguido houve de 10 a 16 pessoas a almoçar e a jantar. Um dia esteve 35 pessoas. O meu primo disse que parecia um casamento de ciganos.

O António da Costa já cá esteve e nós demos muitas saudades e manda-lhe saudades e gostava de o ver.

O Sr. Dr. apareceu na televisão por causa do estudo do Fernando Pessoa e de Mallarmé. (Apareceu e a fotografia).

O Azevedo estava a dar sobre resultado.

O Tónio continua alegre?

Espero que volte cá ainda este verão pois gostamos que cá estivesse aqueles dias.

Um abraço da sua amiga e também pie
o Tónio da Paula.

P.S. - Os meus pais também lhe mandam saudades e estamos todos as melhores do Sr. Dr.

n° 7

Carta de Fernando Amado a Germana Tanger,
acompanhando o convite para "Deseja-se Mulher" (s/d)

Com os meus cumprimentos
junto ao deus em convite
para a representação, na 4^a feira,
do peça de Amadeo Nogueiras,
"Depois do Alho"

Commece às 22 horas

Fernando Amado

Parte III

Catálogos de exposições em que Sarah Affonso participou

III – Catálogos de exposições em Sarah Affonso participou

- nº 1- 1929 (Dezembro) - Catálogo da exposição “*Sarah Affonso / José Tagarro*”, Lisboa, Galeria Bobone
- nº 2 - 1953 (Janeiro)- Catálogo da “*Exposição de Pintura de Sarah Affonso* “ nona exposição da Galeria de Março ,Lisboa .
- nº 3 – 1954 (Abril) – Catálogo da exposição “ *Móveis para todos* “ e “ *Em louvor da tesoura e do dedal* “, Lisboa , SNI .
- nº 4 - 1960 (Junho)- Catálogo da exposição “ *15 Artistas Premiados pelo SNI com o Prémio Sousa Cardoso* “, Amarante, Museu Municipal de Amarante / Câmara Municipal de Vila Real
- nº 5- 1962 (Maio) - Catálogo da exposição “*Sarah Affonso* “, Porto, Galeria Dominguez Alvarez
- nº 6 - 1962 (Junho)- Catálogo da “*Exposição Itinerante de Arte Moderna da Galeria Alvarez, Homenagem a Sarah Affonso* “, Amarante, Biblioteca – Museu de Amarante.
- nº 7 - 1966 (Setembro)- Catálogo da exposição “*Arte Contemporânea / Coleção Particular*”, Amarante, Biblioteca – Museu Municipal de Albano Sardoeira.
- nº 8 – 1977(Janeiro) - Catálogo da exposição “*Sarah Affonso* “, Estoril, Junta de Turismo da Costa do Sol .
- nº 9 - 1978 (Junho)- Catálogo da exposição “*Retratos de Sarah Affonso (1927 – 1947),Estoril*, Junta de Turismo da Costa do Sol .
- nº 10 - 1978 (Agosto)- Catálogo da exposição “ *Retratos de Sarah Affonso (1927– 1947)*”, Porto, Centro de Arte Contemporânea / Museu Soares dos Reis.
- nº 11 – 1986 (Novembro / Dezembro)- Catálogo da Exposição “*Sarah Affonso (1899 – 1983)*”, Vila Moura, Galeria d’Arte.
- nº 12 – 1995 (Junho) - Catálogo da Exposição “*Sarah Affonso e José de Almada Negreiros*”, Oeiras, Galeria Verney.
- nº 13 - 1996 (Março/ Maio) - Catálogo da exposição “ *Almada Negreiros e Sarah Affonso* “, Cascais, Palácio da Gandarinha.
- nº 14 -1999 (Janeiro / Março)- Catálogo da exposição “*Memórias de Viana, Sarah Affonso (1899-1999)*”, Viana do Castelo .

Catálogo nº 1

1929 (Dezembro) - Catálogo da exposição "*Sarah Affonso/ José Tagarro*", Lisboa,
Galeria Bobone.

EXPOSIÇÃO

Sarah Affonso

José Tagarro

DESENHO - GRAVURA - BORDADOS

GALERIA BOBONE

DEZEMBRO

5 a 15

1929



AMP
1929

SARAH AFFONSO

DESENHO

1 — Varina	270.00
2 — Maternidade	300.00
3 — Irmãs	250.00
4 — Virgem	25.00
5 — Amigas	300.00
6 — Menina	100.00
7 — »	100.00
8 — »	100.00
9 — Rapariga	170.00

BORDADOS

10 — Ex-voto (motivo popular)	200.00
11 — Virgem »	300.00
12 — Virgem	250.00

POINTE-SÊCHE


Cada prova	120.00
----------------------	--------

JOSÉ TAGARRO

DESENHO

14 — O escultor Diogo de Macedo	
15 — Dr. Antonio Seixas	
16 — Dr. Ernesto Pereira	
17 — Rapariga	300.00
18 — Ovarina (pertence ao pintor WALDEMAR GUIMARÃES).	

19 — Cabeça	200.00
20 — Maria	250.00
21 — Marinheiros	350.00
22 — Maria da Graça	250.00
23 — Maria Clara	250.00
24 — Ana Maria	400.00
25 — Zéca	400.00
26 — Varina	200.00
27 — Varina	200.00
28 — Varinas	200.00
29 — Peixeiros	200.00


caim
 Centro de Arte Moderna
 Fundação Calouste Gulbenkian
 DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

40418



Catálogo nº 2

1953 (Janeiro)– Catálogo da “*Exposição de Pintura de Sarah Affonso* “ nona
exposição da Galeria de Março ,Lisboa .



□ *Exposição*

de □

□ P □ I N T U R A
de □ S □ A R A H
□ A □ F F O N S O



G A L E R I A D E M A R Ç O





galeria de
março

9

QUEM pinta crianças sempre as pinta do cimo dos anos que tem. Um abismo assim não há ternura nem pedagogia que o encha. É por isso que toda a literatura infantil, afora Perrault e Carroll é estupidamente imprópria. Os adolescentes, esses, podem os adultos lembrá-los: basta pintar de sonho e dúvida o contrário do que são — e um luto de si próprios, uma saudade ansiosa, os guiará. As crianças, não: é outro o mundo delas, secreto, completo e lógico — um mundo de absolutos a que o tempo não-perdoa.

Por isso tudo, a única forma de pintar crianças é a pintura das próprias crianças. Ou, então, a daqueles quadros dos Rousseaux, dos Vivins, dos “pintores de domingo” sem imitação de crescidos, dos pintores chamados “primitivos modernos”, que têm o segredo de uma mesma temeridade de cor, de uma mesma certeza de desenho, de uma mesma negação da ambiguidade da luz. Não pintem eles crianças — as crianças lá estão, presentes e seguras, autênticas e perfeitas, numa prega de túnica, nuns dentes de riso, num nariz exacto. Sempre o olhar infantil a inventar um universo que os nossos anos de vida depois de outra e incerta forma descobrem.

Sarah Affonso assim faz — com crianças ou balões, “papagaios” e estrelas ou borboletas, ou árvores, ou barcos e sereias. Vejam só a coragem do seu cor-de-rosa, do seu azul, do seu verde. “Pintura de domingo” — e de um domingo que lhe encheu, durante anos, os dias todos da semana; pintura que o estudo não atraçou, na qual a sabedoria da cor plásticamente acertada não contrariou a verdade da mesma cor infantilmente certa.

O Minho da naturalidade de Sarah Affonso tem uma alegria virada para o mar, uma aventura no sangue, e um noivado também. Noivado de imagem popular, rosado como o povo o sabe, as crianças

o vêem, e a rapariga o apetece. O seu Minho é diurno e soalheiro, pintado com alegria de rapariga. Os bois que se alinham na feira, numa propositada estratégia, são boisinhos de barro que noutro quadro brincam no verde, com crianças ao pé. E há também um carrocel com cavalinhos voando, presos no ar, sem máquina nem realidade — cavalos apenas com a única e imediata qualidade de girar que ao menino dá gozo. Os homens dos bigodes, assoprando no coreto ou mercando bois, têm os bigodes que só daquele jeito se retorcem no “deve ser assim” da imaginação infantil ensaiando a vida — e também olhando a terra que as mulheres trabalham. E tudo na mesma feira e no mesmo Minho.

E nada de crianças com graças que os adultos lhe dêem ou aluguem, nada de crianças sonhando lirismos de poesia sem sonho. Nada de mulherzinhas nem de mistérios. A cronologia não tem erros desses nos pinceis de Sarah Affonso. Ela sabe que não é aqui o lugar do mistério — mas sim o da maravilha. O da estrela, do balão, da dança, do barco e do menino suspenso nos ares por cima da cabeça de seus pais.

Pura, a pintura de Sarah Affonso vê o mundo com a veracidade e a inteira necessidade da criança. As crianças são-lhe, não modelo mas reflexo. E, depois, vão andando, atentas ao sucesso dos mundos da sua própria imaginação.

Assim crescem, ganham feições, outros olhos. Talvez que só uma mulher pudesse ver tal crescimento. Digo mulher e antes diria mãe, se a biografia aqui coubesse. E cabe.

OSÉ-AUGUSTO FRANÇA



SARAH AFFONSO passou a sua infância no Minho, terra de seu pai. Foi a última discípula de Columbano na Escola de Belas Artes de Lisboa, cujo curso completou. Trabalhou em Paris. Em 1929, expôs no «Salon d'Autmone» o quadro «Meninas» que actualmente se encontra no Museu de Arte Contemporânea.

Casou com o pintor José de Almada Negreiros.

Expôs pela primeira vez em 1924 e depois, individualmente, em 1928, em 1933 (no «Século»), em 1939 (no S. N. I.), em 1953 (na Galeria de Março) e em 1962 (na Galeria Alvarez). No «IX Salão de Arte Moderna» do S. N. I. teve o prémio Amadeo de Souza Cardoso, mantendo durante 15 anos uma actividade intensa.

Esteve representada na II Bienal de S. Paulo.

É autora de cartões para Tapeçarias (Hotel Ritz e colecções particulares), ilustrações em livros e revistas. Tem quadros no Museu de Arte Contemporânea, Museu Soares dos Reis, Museu de Bragança, Museu de Amarante, e em várias colecções particulares de Portugal e Brasil.

Os últimos trabalhos de pintura datam de 1948.

Há 9 anos que não aparece obra sua em qualquer exposição.



CATÁLOGO

- 1 — A ESTRELA 8.
2 — A SEREIA 8.
3 — O CORETO 4.5
4 — MENINAS E BOIS 6.
5 — O CARROCEL 6.
6 — A PROCISSÃO 6
7 — MENINAS 8
8 — CABEÇA 3
9 — A MENINA E O GATO 8
10 — FEIRA NO MINHO
(apontamento)
11 — MATERNIDADE 4.000
12 — ANA PAULA
13 — RETRATO 14 — RETRATO
15 — RETRATO 16 — RETRATO
17 — RETRATO DOS FILHOS
18 — AUTO-RETRATO

7 - 1.500
8 - 1
9 - 1
10 - 500
11 - 600
12 - 500
13 - 500
14 - 500
15 - 500
16 - 500
17 - 500
18 - 500

- 14 -
- 9 -
- 16 -
- 15 -
- 2 - man. entz
- 15 - 1930
- 9 - 1932
- 7 - 1927
- 13 - 1939
- 14 - *trazidos*
- 17 - 1947
- 18
- 16 - 1931

*Processos - 85 do livro
feitos livros*

- VIII } sem grege. e tipos populares
- VII }
- VI } grege chiniz
- III
- V - grege de tipos

**CATÁLOGO DA NONA
EXPOSIÇÃO DA GALERIA DE
MARÇO (GALERIA DE ARTE E
PUBLICITÁRIA, LIMITADA), NA
AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO
DE AGUIAR, 11-A, EM LISBOA,
DE 10 A 23 DE JANEIRO DE 1953.
FOI IMPRESSO NA TIPOGRAFIA ANTÓNIO
JORGE, EM LISBOA, E DELE SE FEZ UMA
TIRAGEM ESPECIAL DE 38 EXEMPLARES
EM PAPEL FEATHERWEIGHT, NUMERA-
DOS E RUBRICADOS PELO EXPOSITOR.**

- 1929
- 1930
- 1935
- 37
- 1943

- 3
 - 1
 - 6
 - 5
 - 4
- livros*

*aviso pelo
relatório de mercado e folha
v.*



galeria de março

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 11-A
LISBOA

*Convida V. Ex.^a a visitar, de 10 a 23 de Janeiro,
a exposição de pintura de*

SARAH AFFONSO

*Esta exposição, que é a 9.^a organizada pela "Galeria
de Março", é inaugurada às 16 horas do dia 10.*

Catálogo nº 3

1954 (Abril) – Catálogo da exposição “ *Móveis para todos* “ e “ *Em louvor da tesoura e do dedal* “, Lisboa , SNI .

EXPOSIÇÕES

MÓVEIS PARA TODOS

E

EM LOUVOR DA
AGULHA E DO DEDAL

Organizadas pela Revista BEM VIVER.

NO

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO
PALÁCIO FOZ

Lisboa, 3 a 9 de Abril de 1954

A mobília é o vestuário da habitação. Por isso se pode falar de paredes nuas e de casas frias. Também por isso é arte propriamente feminina a de mobilar ou vestir uma casa. Se se quizer ver como os homens mobilam uma casa é visitar uma repartição pública.

Como a mobília é para a casa o que as vestes são para o corpo, assim o material empregado no mobiliário é, como no vestuário, de natureza vegetal e animal; não é arbitrário que com essa matéria se cubra e esconda a rigidez mineral das edificações e não é, bem assim, indiferente que os minerais empregados no mobiliário se ageitem e retorçam, como nos ferros forjados, em formas que não são as da sua natureza rectilínea e angulosa.

No mobiliário das casas, a habitação da cidade distingue-se da rústica paralelamente às modas do vestuário feminino. Na sua persistência, o mobiliário rústico conserva as formas necessárias: a mesa do serão tem de ser redonda, a mesa das refeições tem de ser rectangular, as cadeiras têm de ter quatro pés, etc. O mobiliário urbano é mais arbitrário: os diversos estilos de decoração são estilos de cidade, e o mau gosto acentua-se quando as formas se afastam dos elementos necessários. Por menos afastado desses elementos, o mais belo estilo de decoração urbana é o do romantismo, oposto ao modernismo em que predominam a arbitrariedade e a abstracção.

Estilos, movimentos, escolas, são, porém, classificações da inteligência masculina. Arte feminina por excelência, a decoração da casa não importa classificar, distinguir e discutir. Tudo tem o seu lugar, quando a mulher toca, com mãos de fada, o que só ao homem se pode afigurar inútil.

ORLANDO VITORINO

EM LOUVOR DA
AGULHA E DO DEDAL

1.^a Exposição do Trabalho Feminino

CATÁLOGO

SARAH AFFONSO — Bordados de Arte sobre originais de Sarah Affonso e de Almada Negreiros.

HANSI STAËL — Cerâmica de Arte — Exemplaes originais.

SEREIRA AMZALACK — Tecelagem manual.

VERA LEROI — Madeira e Metal.

AMÉLIA MONTANO — Presépios, «Misérias», Trapologia.

INÊS GUERREIRO — Pintura decorativa, Aproveitamento de Móveis velhos, Decoração de louças e vidros.

MARIA LUISA FRAGOSO — Cerâmica de Arte.

FERNANDA DE CASTRO — Palmitos de flores e de frutos — Registos — Quadros de Flores secas — Estopa e Ráfia — Bordados.

LUÍSA REMUS REYNAUD — Bonecas, Presépios.

MARIA ISABEL NUNES DE ALMEIDA — Pintura em madeira.

MARIA INÁCIA VILLARDEBÓ CHAVES — Bordados, Pintura em Vidro, Restauro de Paramentos, Flores Ornamentais, Lacas, etc.

GISÈLE TOUZET — Jardins Japoneses.

TEODORA ANDERSEN DE ABREU — Pintura em Vidro.

MARIA DE LOURDES OLIVEIRA COSME — Bordados de Castelo Branco e de Viana do Castelo.

ELIZABETH LESSER — Candeeiros, quadros românticos, tabuleiros, etc.

MARIA MANUELA RIBEIRO SOARES — Cerâmica.

MARIA JOSEFA JÚDICE RAMOS — Bordados.

FERNANDA DE ALMEIDA GOMES DE ANDRADE —
Plissados à mão.

MARIA REMUS SOARES DE OLIVEIRA — Bonecas —
Trapologia.

MARIA LUÍSA GUERREIRO NEVES — Quadros borda-
dos românticos.

BABETTE D'AVILLEZ

^e
ENCARNAÇÃO LIMA MONTEIRO

{ Trabalhos em linho,
em lã e em cordel.

MARIA RENÉE LESSER HERMANN — Bonecas de trapos
sobre motivos portugueses.

MANUELA SALGADO CASIMIRO D'ALMEIDA — Borda-
dos e tecelagem em rafia e estopa de linho.

MARIA DAS DORES CERQUEIRA — Bordados de Viana
do Castelo.

MARIA DE LOURDES OLIVEIRA COSME — Cerâmica.

LIDUINA ARRUDA ALLAM — Bordados.

MARIA EMILIA NAVAL — Cerâmica.

MARIA HELENA PINTO MACHADO — Enfeites.

MAGDA GRAÇA — Cerâmica.

MARIANA MASCARENHAS — Malhas.

MARIA ALICE BUSTORFF VINHAS — Cerâmica.

LAURA MARIA CONSTANCIO DARGENT — Enfeites.

MANUELA BARRETO DE CARVALHO — Bordados.

ALICE LAZARO LOZANO
e
ANA MARIA LAZARO LOZANO } Cerâmica.

MANUELA REBELO — Palmitos de Papel e de Palhas.

WANDA GUERRA DALLY — Cerâmica.

JULIETA DA SILVA DUARTE NEVES — Trabalhos em
flores, Retalhos de lã, palma, pêlo de cabra, etc.

PRAZERES DA GLÓRIA PINHEIRO — Mantas e Liteiros.

AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES — Doces de figo e
amendoa.

MARIA DE JESUS PEREIRA — Palitos trabalhados.

MARIA CELESTE MACHADO DOS SANTOS — Doces de
ovos e amendoa, doces de figo, chila, etc.

(Apresentados pela pastelaria Almeida, de Portimão)

VIRGINIA FIGUEIREDO PEIXOTO — Ex-Votos.

MARIA DA GRAÇA — Palmitos de papel, palhão e penas.

e ainda :

BORDADOS E TRABALHOS MANUAIS pelas alunas da
Escola Industrial Josefa d'Óbidos.

RENDAS DE PENICHE pelas alunas da Escola Industrial
de Peniche.

TRABALHOS DE EMPREITA pelas Operárias da Fábrica
de Conservas de Peixe de Portimão, dirigidas por Maria
Palmira Pinto Duarte.

BORDADOS DE AÇORES executados por bordadoras do Ar-
quipélago e apresentados pela Casa Regional da Ilha
Verde, sob a direcção de Maria Antunes de Sá.

AMOSTRAS DE TECIDOS PARA MANTAS E TAPETES
por um Grupo de TECEDERAS DE SERPA, or-
ganizadas por Etelvina Lopes de Almeida, sob a direcção
técnica de Sereira Amzalack.

TRABALHOS DE EMPREITA da Escola de Empreita de Es-
tombar, dirigida por Margarida Vasconcelos.

BORDADOS DE GUIMARÃES executados por bordadoras
da região e apresentados por Teixeira de Ábreu & C.^a, L.^{da}

BORDADOS A CRIVO executados por bordadoras da região
de Braga e apresentados por B. Marques Pereira & Fi-
lhos, L.^{da}

MANTAS DE TERROSO tecidas pelas tecedeiras de Serjães e
apresentadas por José do Nascimento Vaz.

e, propositadamente no final desta lista

TAPETES DE BEIRIZ executados na Fábrica de Beiriz,
a maior fábrica de tapetes da Península, idealizada e
realizada pelo espírito criador e pela vontade tenaz de
Ilda Brandão de Miranda, a quem «BEM VIVER»
presta sentida homenagem de admiração e saudade.

Catálogo nº 4

1960 (Junho)- Catálogo da exposição “ *15 Artistas Premiados pelo SNI com o Prémio Sousa Cardoso* “, Amarante, Museu Municipal de Amarante / Câmara Municipal de Vila Real

15 ARTISTAS
PREMIADOS
PELO S. N. I.
COM O PRÉMIO
SOUSA CARDOSO

15 ARTISTAS
PREMIADOS
PELO S. N. I.

EXPOSIÇÃO PROMOVIDA PELO
SECRETARIADO NACIONAL DA
INFORMAÇÃO E PELA COMIS-
SÃO REGIONAL DE TURISMO
DA SERRA DO MARÃO

MUSEU MUNICIPAL DE AMARANTE
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL
JUNHO — 1960

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DESTA EXPOSIÇÃO

Foi em 1949 que Diogo de Macedo numa Alocução, para a Exposição de Artistas Premiados pelo S. N. I., interrogava, respondendo ele mesmo: «Mas será acaso a exibição de valores consagrados uma ofensiva contra os não consagrados naquelas exposições? Se assim fosse, o desafio seria imprudente e indelicado. Ora como a iniciativa desta manifestação de Arte foi sugerida exactamente com o fim delicado de mostrar gratidões e estimular colaboração, o aplauso é merecido. A homenagem aos presentes é um convite diplomático...».

A interrogação e a afirmativa mantiveram-se estes onze anos decorridos, e aplicam-se com a mesma verdade a esta exposição de 15 ARTISTAS PREMIADOS pelo S. N. I. com o PRÉMIO SOUSA CARDOSO.

*
**

Após o arranjo da sua sala — onde o Museu guarda e mostra trinta e cinco obras do pintor Amadeo de Sousa Cardoso —; após a grande retrospectiva que o S. N. I. efectuou no Porto e em Lisboa da sua obra, mostrada em Amarante, como anteriormente o fizera em Paris na Casa de Portugal; depois de ter projectado esse «grande bandeirante da arte moderna portuguesa» — como o definiu António Ferro, Director do S. P. N. — na V Bienal de S. Paulo, onde já estivera com menor número de obras; conhecido Amadeo amplamente, e colocado, por direito de conquista, no pedestal das glórias nacionais, sem se esquecer quantas aporções trouxeram galerias particulares, amigos, historiadores e críticos, pretendeu-se agora, com esta exposição de obras dos artistas galardoados com o Prémio que tem Sousa Car-

doso por patrono, ampliar a acção do ambito de uma modernidade brutalmente truncada em Espinho a 25 de Outubro de 1918, e colher a lição dessa modernidade actuante nas gerações seguintes.

*
**

Dois anos passados, da data da inauguração do Secretariado da Propaganda Nacional, era criado o PRÉMIO SOUSA CARDOSO.

Verdadeira e sã política do espirito se fortalecia então: pretendia-se assim, à sombra e a exemplo do exemplo e da obra dos maiores, não só estimular, mas demonstrar que as aptidões, os méritos, as virtualidades da raça portuguesa não se perderam, mas tão só tinham acompanhado, e reflectiam, o estado de doença da alma nacional.

Esta exposição — de obras de artistas premiados — é em Amarante prolongamento da acção cultural do seu maior pintor e das suas entidades oficiais.

Mas para além dessa lição uma outra mais ampla se tira e se propõe: o critério, da atribuição dos prémios, isento, totalmente isento e liberto, de condicionalismos estranhos às obras; a demonstração de um entendimento perfeito, e acolhimento, das mais avançadas correntes estéticas nos tempos decorrentes.

Até nisto há rigorosa coincidência com Amadeo: homem português mas do seu próprio tempo, sentindo-se a si, respeitando os outros, e tendo fé nas virtudes da raça.

15 pintores, a que muitos mais se poderiam juntar, são por um lado a materialização da mensagem de Amadeo: mas são também testemunho incontroverso de uma verdadeira e profunda renovação artística, num dos sectores do espirito onde mais vigorosamente se operou o reaportuguesamento de Portugal.

1935 MARIO ELOY

Nasceu em 1900 e faleceu em 1951. Expôs pela primeira vez no Salão de Ilustração Portuguesa, em Lisboa, no ano de 1924. Em 1925 expunha no I Salão de Outono na S. N. B. A. ; em 1927 fez duas exposições em Paris e uma em Berlim, onde voltaria a expor em 1931. Em Maio de 1930 expunha no I Salão dos Independentes ; em 1932 e 1933 no Salão de Inverno e na Galeria U. P. onde voltou a expor em 1934 ; em 1935 no S. P. N. e na I Exposição da Arte Moderna ; em 1936 na Exposição Artistas Modernos Independentes ; em 1937 na Galeria de Arte ; em 1938 na III Exposição de Arte Moderna e em 1938 na IV Exposição de Arte Moderna promovida pelo mesmo organismo ; em 1949 na exposição Artistas Premiados pelo S. N. I. Em 1950 esteve representado na XXV Bienal de Veneza, e na I e II Bienais de S. Paulo, respectivamente em 1951 e 1953.

Incluída a sua obra em quantas exposições retrospectivas de arte moderna se tem efectuado em Portugal, mereceu, pela sua importância, uma exposição retrospectiva, em Lisboa e no Porto, da sua obra, organizada pelo S. N. I. em 1958, na qual se juntaram centena e meia de trabalhos.

- 1 - VARINA - 116 x 81
- 2 - AUTO RETRATO - 35 x 27

1936 GUILHERME CAMARINHA

Nasceu em 1913. Tem o curso de pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Representou Portugal na II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Tem estado representado na maior parte das

os com os n.º 7, 8, 10, 15, 16 e do Estado; os que levam os n.º 1. colecções do S. N. I.; o trabalho ecção da poetisa D. Fernanda de es são propriedade dos autores. rabalhos vão indicadas em cm.

exposições de carácter moderno efectuadas entre nós. Realizou decorações de pintura a fresco entre outras: no Café Riaño do Porto, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da mesma cidade, no Tribunal Judicial de Chaves, no edifício da Junta Autónoma do Funchal, etc. Tem executado numerosos cartões de tapeçarias quer por encomenda do Estado quer ainda para colecções de particulares. 2.º Prémio de Pintura na Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian em 1957. É actualmente assistente na Escola Superior de Belas Artes do Porto.

3 - RETRATO - 50 x 50

1938 CARLOS BOTELHO

Nasceu em 1899. Frequentou as Academias Livres em Paris. Representou Portugal nas 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, tendo obtido na 1.ª o Prémio dos «Portugueses de São Paulo e Rio», e na 3.ª Menção Honrosa atribuído pelo júri internacional da mesma Bienal. Expôs nos Salões Internacionais de «Pintura de Messina», de Helsinquia, «Paradiso» de Veneza, na XXV Bienal de Veneza e na «III Mostra Internazionale di Bianco e Nero» de Lugano. Tomou parte em exposições oficiais e colectivas em Goa, Luanda e Lourenço Marques. «Grand Prix» na Exposição Internacional de Paris em 1937, 1.º Prémio na Exposição Internacional de S. Francisco em 1939 e Prémio Internacional «Hallmark» em New York, exposição a que entre outros concorreu o já falecido pintor espanhol Utrillo. É prémio Columbano do S. N. I. Está representado no Museu Nacional de Arte de São Paulo e nos principais museus portugueses e colecções particulares.

4 - RETRATO DO MÚSICO CARLOS BOTELHO - 74 x 63
5 - PRAÇA DE S. ROQUE - 41 x 33
6 - CAIS DAS COLUNAS - 41 x 33

1939 PAULO FERREIRA

Curso a Escola Académica e Liceu Pedro Nunes — discípulo de Columbano. Começo da carreira em 1929. Colaboração em todos os jornais e revistas nacionais e algumas estrangeiras. Obteve os seguintes prémios: em 1937, Exposição Internacional de Paris, Grand Prix em decoração; 1937, Exposição Internacional de Paris, diploma de honra em cerâmica; 1945, Prémio José Tagarro (S. N. I.) em desenho; 1947, do Salão de Lisboa (S. N. I.-C. M. L.) em desenho; 1955, Prémio (medalha de prata) International Travel Poster Competition, Tóquio, Japão; 1959, Salon Nautique Internationale, Paris, Medalha de prata da cidade de Paris; 1959, Montras de Portugal nos Campos Elyseos, 1.º prémio, Taça T. W. A. Representando no Museu Nacional de Arte Contemporânea, (Lisboa) Museu do Povo e em Colecções particulares nacionais e estrangeiras — Exposições individuais e colectivas em Lisboa, Porto e outras cidades. Rio de Janeiro (1938) Roma (1946) Exposição Internacional de Arte Cénica. Madrid (1947) Salon de Acuarelistas de Espanha y Portugal — Nova Iorque (1946) Exposição Internacional do Livro Ilustrado contemporâneo. Berna (1953) Roma (1955). Ilustração de vários livros em Portugal e em Paris. Autor de vários cartazes. Decoração da 1.ª estalagem «Lidador-Óbidos», do 1.º Posto Fronteiro «Vilar Formoso», Componente do grupo de decoradores dos Pavilhões de Paris (1937) Nova Iorque (1939) Mundo Português (1940). 1.ª Exposição Industrial, Salão da Criança, 1.º Salão

Paris). Ilustrações em livros. Expoz DEZASSETE QUADROS (1940-1950) em 1952 na Gal. de Março.

11 - EPISÓDIO COM UM CÃO - 89 x 50

1944 MILY POSSOZ

Nasceu em 1884. Fez os seus estudos em França, Alemanha e Lisboa. Desenvolveu grande actividade no estrangeiro como desenhadora e gravadora. Tem concorrido a numerosas exposições de arte moderna. Entre outros prémios citam-se: Medalha de Ouro atribuída pelo Juri Internacional de Gravura na Exposição Internacional de Paris, «José Tagarro». «Columbano» do S. N. I. e Prémio «Câmara Municipal» atribuído na Exposição de Artes Plásticas organizado pela Câmara Municipal de Almada. Fez parte em Paris do Grupo «Jeune Gravure Contemporaine». Ilustradora em Portugal, França e Bélgica Representada nos Museus de Arte Contemporânea de Lisboa, de Bruxelas, de Cleveland e na National Gallery de Londres.

12 - SINTRA - 50,5 x 61,5
13 - BATALHA DE CÂES - 38 x 49,5
14 - GATO E FEIXE - 25,5 x 43,5

1945 SARAH AFFONSO

Passou a infância no Minho, terra de seus pais. Foi a última discípula de Columbano na Escola de Belas Artes, cujo curso de Pintura completou. Trabalhou depois em Paris, em cujo Salon d'Automne expôs pela primeira vez em Lisboa em 1917 e, depois, tam-

bém individualmente, em 1930, em 1933 no *O Século* e em 1939 no S. P. N. Fez ilustrações em livros e revistas, mantendo, durante quinze anos, uma actividade artística intensa. Expôs em 1953 na Galeria de Março.

15 - PRIMAVERA - 105 x 80
16 - MENINAS - 92 x 97

1946 MAGALHÃES FILHO

Professor do Ensino Técnico. Concorreu à 2.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a, 7.^a, 8.^a, 9.^a e 10.^a Exposições de Arte Moderna do S. N. I., e à IV Exposição de Cerâmica Moderna do mesmo organismo. Esteve representado na Exposição 20 Artistas Contemporâneos na Galeria de Março onde efectuou uma Exposição de Desenho Infantil. Tem organizado numerosas exposições de arte infantil.

17 - GALOS - 46 x 55
18 - A FEMEA - 78 x 68,5
19 - A CAMPONESA - 65 x 81

1947 MANUEL BENTES

Nasceu em 1885. Em 1921 vai para Paris tomar contacto com as novas correntes de pintura, expondo então no Salão dos Independentes. Durante a sua estadia na capital francesa trabalha em publicidade especialmente para a Casa Dumas. Após o seu regresso a Portugal tem atelier numa dependência do Museu Nacional de Arte Antiga. Concorreu às principais exposições de Portugal, e presentemente é

Conservador da Secção de Pintura do Museu do Paço de Vila Viçosa.

20 - GLADÍFLOS - 75 x 54
21 - JARDIM - 33 x 34
22 - VILA VIÇOSA - 46 x 33,5

1948 CELESTINO ALVES

Nasceu em 1913. Tem o curso superior de pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Professor efectivo do Ensino Técnico Profissional. Realizou exposições em Lisboa (Galeria UP em 1936, Secretariado Nacional da Informação em 1945, 46, 50 e 57), Setúbal e Faro. Tem participado em várias exposições colectivas nacionais e estrangeiras, entre as quais se destacam: Exposições de Arte Moderna do S. N. I., Salão dos Artistas de Hoje, I Bienal de São Paulo, Exposição Hispano-Portuguesa de Sevilha, Vida e Arte Portuguesa em Lourença Marques, Pavilhão Português do «Comptoir» Suíço em Lausana. É prémio «Silva Porto» e de Vila Franca de Xira em 1960. Está representado nos Museus Nacional de Arte Contemporânea, José Malhoa, Abade de Baçal, etc. e em várias colecções particulares.

23 - RAPARIGA - 41 x 31
24 - CANAL DE SAINT-DENIS - 46 x 55
25 - FLORES - 65 x 54

1949 JULIO RESENDE

Nasceu em 1917. Curso de pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Bolsa de estudo do

Instituto de Alta Cultura. Em 1948 é professor do Ensino Técnico Profissional. Organiza em 1953 e 1955 duas Missões Internacionais de Arte. Fez parte do Grupo que colaborou no estudo para o monumento ao Infante D. Henrique em Sagres, e que no concurso internacional foi classificado em 1.º lugar. Individualmente expôs 14 vezes em Portugal e na Noruega. Participou em todos os salões Independentes; Exposições de Arte Moderna do S. N. I.; XV Bienal Internacional de Veneza; Salão de Oslo; I, II, IV e V Bienal de Arte Moderna de São Paulo; IV Bienal de Litografia Contemporânea do Museu Cincinnatti, etc. É prémio «Armando Basto», «Exposição dos Artistas de Hoje» e da «Bienal de São Paulo». Está representado no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Nacional de Arte Contemporânea de Lisboa, Soares dos Reis do Porto, etc.; 2.º Prémio de Pintura na Exposição de Artes Plásticas, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1952. É assistente na Escola Superior de Belas Artes do Porto.

27 - MULHER DEITADA - 131 x 163
28 - HOMEM E REDE - 100 x 81
29 - TIGELA AZUL - 81 x 100

1951 CÂNDIDO COSTA PINTO

Nasceu em 20 de Maio de 1911, Estudos liceais em Coimbra onde fundou um grupo inconformista de artistas plásticos. Temperamento versátil, desdobrou a sua actividade pelos géneros artísticos mais diferentes: caricaturista, capista de livros, cartazista, decorador, autor de grande número de selos de correio, etc. Fez importantes investigações sobre os materiais de pintura, tendo reconstituído um aglutinante oleoso

da União Nacional etc. Autor de várias exposições e stands de Portugal no estrangeiro. Genebra (1953) Bruxelas, Paris e outras cidades francesas. Decorações francesas. Decorações e pinturas murais nas Le-gações de Portugal em Berna e Roma, Centros Por-tugueses em Genebra e Roma, Casa de Portugal em Londres. Projecto e realização da Sala de Potrugal no Bureau Internacional de Educação — Genebra. Conservador da Secção Aldeias Portuguesas na Ex-posição do Mundo Português (1940), argumentista dos bailados «Menina Tonta» e a «Menina e os Fanto-ches». Vários cenários e figurinos para os bailados Verde Gaio, e óperas nacionais e estrangeiras, no Teatro de S. Carlos. Director de cena dos bailados portugueses. Actuação em teatros portugueses e es-trangeiros. Contratado pelo Grand Ballet de Monte Carlo (1949). Cenários e figurinos de l'Heros et le Soldat de B. Schaw. (Champs-Elysées) — 1950. Figurinos de um filme português e outro francês. Várias vezes membro do juri dos prémios nacionais de pintura. Condecorado em 1940 com o officialato da Ordem de Cristo.

7 — RETRATO — 61 x 46
8 — DESENHO — 22,5 x 34

1940 OFÉLIA MARQUES

Nasceu em 1906 e faleceu em 1953. Coursou a Facul-dade de Letras da Universidade de Lisboa. Pintora, decoradora, desenhadora e ilustradora esteve presente nas principais exposições de arte moderna, nomeada-mente na 5.ª e 8.ª de Arte Moderna do Secretariado. Foi incluída, pela Gal. de Março, na exposição 20 Artistas Contemporâneos em 1956. A par de uma obra

reduzida, mas cheia de interesse, de pinturas, ficaram desta artista numerosas ilustrações em livros e em revistas, das quais se deve salientar PANORAMA do S. N. I.

9 — AGUARELA — 32 x 29

1941 MARIA KEIL

Nasceu em 1914. Esteve representada, entre muitas outras exposições, na 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª Exposição de Arte Moderna do Secretariado Nacional da Informa-ção. Pintora e desenhadora, tem desenvolvido grande actividade como ilustradora. Interessada pela tape-çaria e pela cerâmica, é notável a sua acção no rein-tegramento desta arte. Em 1955 expôs azulejos e mó-veis de sua autoria — executados por M. Magalhães — na Gal. Pórtico em Lisboa.

10 — MENINA SENTADA — 56 x 46

1942 ANTÓNIO DACOSTA

Poeta e pintor açoreano, ligado ao movimento sur-realista, expôs pela primeira vez em Lisboa, em No-vembro de 1940, na «Casa Repe», juntamente com António Pedro e Pamela Boden. Participou depois em Salões de Arte Moderna do S. N. I. A grande maioria dos seus quadros ardeu no incêndio ocasional do seu atelier, na Trav. da Trindade, em 1944 (?). Vivendo em Paris desde 1946, apresentou dois qua-dros na Exposição do Grupo Surrealista de Lisboa (Janeiro de 1949). Colaboração diversa («Variante», «Acção», «Diário Popular» — crónicas artísticas de

1959 ARTUR BUAL

que não enegrece nem opacifica, que pode ser a solução do célebre «Problema Van Eyck». Participou em inúmeras exposições colectivas de pintura e desenho. Concorreu à «Exposition International du Surréalisme» (Paris, 1947) e expôs nas Bienais de Veneza (1950), de S. Paulo (1951) e Branco e Negro de Lugano (1954). Medalha de Bronze na Exposição de Bruxelas (1958). Viaja frequentemente a França, onde tem contactos com galerias. Quadros em colecções particulares norte e sul-americanas, parisienses, do continente e do ultramar português e em museus nacionais de Lisboa e Porto. A sua estética, nas diversas expressões por que tem passado, não é inserível, com rigor, em nenhuma das correntes consagradas. A sua última fase foi classificada em França por «Biomorfismo». A propósito desta classificação, o pintor, ajuando, declarou: «De facto existe em mim, inteiramente liberta, uma vitalidade que me impelle a pintar, modelar, criar realidades. Creio que é esta vitalidade-carne, liberta por acção do espírito, em todas as suas expressões artísticas, subtis, como em Leonardo, ou tumultuosas, como em Rubens, que dá perenidade à obra de arte». De entre as muitas opiniões que foram publicadas sobre o pintor, destacamos a seguinte, subscrita pelo professor e crítico Leitão de Barros: «Estamos em presença de um dos mais complexos e transcendentes pintores que Portugal produziu modernamente ou mesmo há muito tempo». (*O Século*, 1951).

30 - AURORA HIANTE - 56,5 x 48,5

31 - CEIFEIRA - 43 x 34,5

Nasceu em Lisboa em 1926. Tem o curso da Escola de Artes Decorativas António Arroio. Expôs colectivamente na Exposição Um Americano em Paris, efectuada em 1953 no S. N. I., nas Exposições Gerais de Artes Plásticas — 1953, 55 e 56 —, na do Prémio de Jovem Pintura — promovida pela Galeria de Março em 1954, — no I Salão de Arte Abstracta — na mesma Galeria em 1954 —, nas promovidas pela C. M. de Almada e na Galeria Pórtico, assim como na Exposição de Artes Plásticas organizada pela Fundação Gulbenkian e Salão de Arte Moderna da S. N. B. A. Efectuou exposições individuais na Galeria Pórtico, do Diário de Notícias e no S. N. I.

32 - REFLEXO - 97,5 x 128

33 - DESPERTAR - 88,5 x 66

34 - ANGSTIA - 116 x 88,5

Os trabalhos expostos com os n.º 7, 8, 10, 15, 16 e 30 são propriedade do Estado; os que levam os n.º 1, 2, 11 e 31 são das colecções do S. N. I.; o trabalho n.º 9 pertence à colecção da poetisa D. Fernanda de Castro; os restantes são propriedade dos autores. As medidas dos trabalhos vão indicadas em cm.

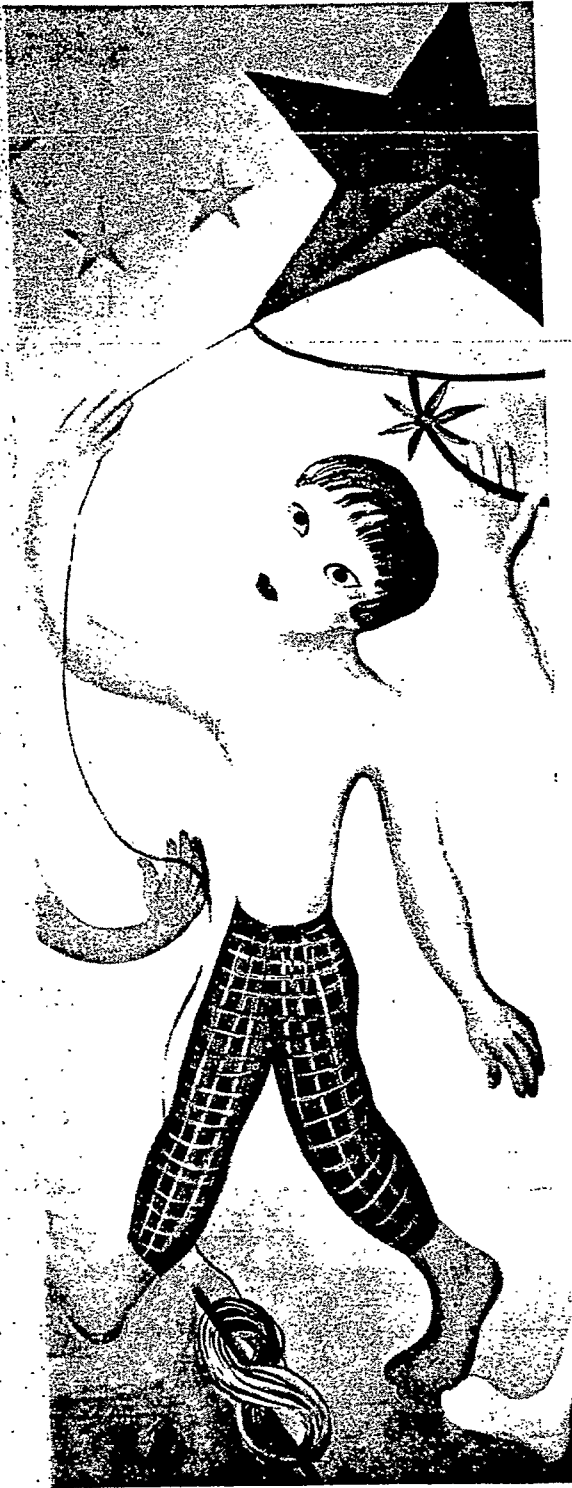
Catálogo nº 5

1962 (Maio) - Catálogo da exposição "*Sarah Affonso* ", Porto, Galeria Dominguez Alvarez

GALERIA DOMINGUEZ ALVAREZ



*Infancia
Pedro
Hernandez*



SARAH AFFONSO



DE 19 A 31 DE MAIO DE 1962

Rapariga do meu tempo, esta Sarah Affonso deixou nos quadros dela uma meninice que os anos não são capazes de enxovalhar, uma alegria dos olhos para ver azul e verde e cor-de-rosa que não precisava de ir aprender a Paris o modo de ser original.

Nesses quadros, tudo se passa em claridade: boizinhos, crianças, pinheiros, flores e mais a transparência loira do ar daqueles sítios que vão de Viana a Valença, onde só de noite é que passeiam as almas do outro mundo, enchendo o vazio entre as imagens com uma presença de objecto e sem literatura nenhuma.

Agora que, além de alguma pintura abstracta que felizmente também há, se arranjou sobretudo uma espécie nova de academia em que é preciso ir ver a assinatura para distinguir os pintores, a originalidade gostosíssima da aventura minhota desta pintura sem folclore — o Minho de que falo está na memória do gosto, não na anedota e é portanto categoria, não acidente — vale com certeza a pena voltar a ver-se com atenção.

Ou o pintor é um poeta, como a Sarah, que fala pela sua voz, ou no coral, mesmo afinado, só quem interessa é o maestro. Ora aqui não há maestro nenhum. A cor pintada sai dos dedos como um gesto pessoal. Aqui é a maneira própria de ver o mundo que nos comore e o conseguimento da ingenuidade (esse sim, que andou pelos Parises do mundo a aprender a sabedoria de parecer que não é) que chega a nós com um perfume silvestre que sabe bem.

O Almada, com quem namorou e casou e de quem teve filhos que já são gente, escreveu, entre outras coisas notáveis, um livro muito notável chamado «A invenção do dia claro».

Com a mesma lucidez, embora guiada por outros caminhos, a mulher dele andou, desde que foi capaz de enrolar sôzinha as tranças (usavam-se tranças nesse tempo e parece que era difícil enrolá-las) a reinventar também a claridade do dia.

Foi cada um por sua conta e, se as contas se somaram, não foi por conta das contas mas por conta de cada um...

Lembram-se da cabeça do Mateo Hernandez feita em diorite?

Era uma menina em que os olhos sorriam com a alegria de ver. O retrato estava parecido apesar da brutalidade da pedra. Pois os pincéis dos dedos foram pintando o que esses olhitos tinham visto na infância ou no sonho afeiçoado ao gosto do ser infantil.

Foi esse gosto que, com o tempo, se foi tornando mais sábio, mais puro, como quem desembacia uns óculos para ver melhor.

Os óculos... que a vista, desde a nascença, tinha o imutável condão de saber olhar assim.

ANTÓNIO PEDRO

GALERIA DOMINGUEZ ALVAREZ
RUA DA ALGÉRIA 171 PORTO

SARAH AFFONSO

DE 19 A 31 DE MAIO DE 1962
INAUGURAÇÃO ÀS 17.30 HORAS

Amarante

Catálogo nº 6

1962 (Junho)- Catálogo da “*Exposição Itinerante de Arte Moderna da Galeria Alvarez, Homenagem a Sarah Affonso*”, Amarante, Biblioteca – Museu de Amarante.

**BIBLIOTECA-MUSEU
DE AMARANTE**

**EXPOSIÇÃO ITINERANTE
DE ARTE MODERNA
DA GALERIA ALVAREZ**

JUNHO DE 1962

EXPOSIÇÃO PATROCINADA PELA
BIBLIOTECA-MUSEU E COMISSÃO
DE FESTAS DA VILA DE AMARANTE

HOMENAGEM A SARAH AFFONSO



SARAH AFFONSO passou a sua infância no Minho, terra de seu pai. Foi a última discípula de Columbano na Escola de Belas Artes de Lisboa, cujo curso completou. Trabalhou em Paris. Em 1929, expôs no «Salon d'Automne» o quadro «Meninas» que actualmente se encontra no Museu de Arte Contemporânea.

Casou com o pintor José de Almada Negreiros.

Expôs pela primeira vez em 1924 e depois, individualmente, em 1928, em 1933 (no «Século»), em 1939 (no S. N. I.), em 1953 (na Galeria de Março) e em 1962 (na Galeria Alvarez). No «IX Salão de Arte Moderna» do S. N. I. teve o prémio Amadeo de Souza Cardoso, mantendo durante 15 anos uma actividade intensa.

Esteve representada na II Bienal de S. Paulo.

É autora de cartões para Tapeçarias (Hotel Ritz e colecções particulares), ilustrações em livros e revistas. Tem quadros no Museu de Arte Contemporânea, Museu Soares dos Reis, Museu de Bragança, Museu de Amarante, e em várias colecções particulares de Portugal e Brasil.

Os últimos trabalhos de pintura datam de 1948.

Há 9 anos que não aparece obra sua em qualquer exposição.



SARAH AFFONSO

- 1 — MENINAS E BOIS
- 2 — MENINA E GATO
- 3 — A ESTRELA
- 4 — SEREIA
- 5 — ESTAMPA POPULAR
- 6 — FAMÍLIA
- 7 — RETRATOS
- 8 — O CORETO
- 9 — MATERNIDADE

ABÍLIO SANTOS — 1926

- 10 — DESENHO
- 11 — DESENHO
- 12 — GRAVURA
- 13 — GRAVURA
- 14 — GRAVURA

ALBERTO BAPTISTA — 1929

- 15 — PINTURA
- 16 — PINTURA
- 17 — PINTURA

ALMADA NEGREIROS — 1893

- 18 — MATERNIDADE
- 19 — FIGURA

Iniciou a sua actividade artística como caricaturista e ilustrador. A partir de 1956, dedica-se à pintura. Frequenta desde a sua fundação a oficina livre de gravura da Academia Alvarez. Tem participado em várias exposições colectivas e realizou duas exposições individuais (Porto, 1959 e 1962). Está representado no Museu Machado de Castro.

Começou aos 13 anos, a manifestar interesse pela pintura. Em 1954 entrou para a Academia Dominguez Alvarez. Tem participado em várias exposições colectivas, entre as quais, a dos «Novíssimos», do S. N. I. Dedicou-se à decoração e à pintura mural.

Desde 1910 teve intervenção em quase todas as manifestações artísticas e literárias em Portugal, e a acção que desenvolveu deu-lhe um posto de primeiro plano no movimento modernista. Esteve de 1919 a 1920 em Paris e estudou pintura, e de 1927 a 1932 em Espanha, onde realizou decorações em casas particulares e no Cine S. Carlos, Cine Barceló e Teatro Muñoz Seca. É autor dos vitrais da Igreja da Avenida de Berne, em Lisboa; das pinturas a fresco nas gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos; das decorações a mármore gravado e pintado, dos pórticos das Faculdades de Direito e de Letras, na Cidade Universitária de Lisboa; de duas tapeçarias para o Tribunal de Contas, e de uma grande Tapeçaria para a Exposição de Lausana (1958), etc. Em artigos de jornal e em livro, publicou numerosos trabalhos de divulgação, história e crítica de Arte. Conquistou vários prémios, merecendo referência especial os do S. N. I, e o de consagração na I Exposição de Artes Plásticas da Gulbenkian.

AMADEO DE SOUZA CARDOSO — 1887-1918

20 — FAROL BRETÃO

Amadeo de Souza Cardoso nasceu em Manhufe, Amarante, em 14 de Novembro de 1887. Coursou o liceu em Coimbra. Em 1905 foi para Lisboa frequentar o curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes. Em Novembro de 1906 partiu para Paris, frequentando várias Academias e ateliers, entre os quais o do espanhol Anglada, ao mesmo tempo que desenvolvia a sua vocação de caricaturista. Em 1911 ligou-se de amizade a Modigliani, com ele fez uma exposição no seu atelier, e começou a apresentar obras nos «salons» («des Indépendants» e «d'Automne»). Em 1912 publicou um álbum com «20 desenhos» e em 1913 participou na célebre exposição de arte moderna «Armory Show» nos Estados Unidos, onde lhe foram adquiridos todos os trabalhos. Neste ano integrou-se de certo modo, nos desenvolvimentos da estética cubista e expôs na Alemanha. A guerra de 1914 obrigou-o a regressar a Portugal onde fez exposições que, na época, causaram escândalo tanto no Porto como em Lisboa. Morreu em Espinho, a 25 de Outubro de 1918.

Amadeo de Souza Cardozo tem sido alvo de consagrações em Portugal e na França, sendo de salientar as exposições póstumas na Galeria Alvarez (1956), no Secretariado Nacional de Informação (1959) e na Casa de Portugal em Paris (1960). Parte da sua obra está exposta no Museu de Amarante.

ANTÓNIO CARDOSO — 1932

21 — PINTURA

22 — PINTURA

23 — PINTURA

Iniciou a sua actividade artística em 1954 frequentando a Academia Dominguez Alvarez. Concorreu às seguintes exposições: I e IV Salão de Arte Moderna da S. N. B. A., I, II e III Salões dos Novísimos; Exposições de Arte Moderna em Lourenço Marques; Exposição na Madeira, II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian e I Bienal de Paris (1959), onde lhe foi conferido o Prémio da Crítica. Está representado no Museu de Amarante.

ARTUR LUIZ PIZA — 1928

24 — GRAVURA

25 — GRAVURA

26 — GRAVURA

Nasceu em S. Paulo. Estudou gravura em Paris com Friedlaender. Concorreu às Bienais de S. Paulo, II Bienal de gravura em Lubliana, Salão de Maio em Paris (1953-56-57 e 58). Expôs no Museu de Arte Moderna de Tokyo, na Suíça, Buenos Aires, Paris, Lugano, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. «Grande Prémio de Gravura», da Bienal de S. Paulo (1959). Vive em Paris.

ARTUR BUAL — 1926

27 — DESENHO

28 — DESENHO

Participou em várias exposições colectivas como: «Prémio da Jovem Pintura» (1953), Exposições Gerais de Artes Plásticas, Um Americano em Paris, 1.º Salão de Arte Abstracta, 1.º Salão de Arte Moderna da S. N. B. A., Salões dos Novísimos, Exposições de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, I Bienal de Paris, V Bienal de S. Paulo, VI Bienal de Lugano, etc. Prémio «Souza Cardoso» e «Prémio do Sindicato dos Críticos de Arte» na I Bienal de Paris. Está representado nos museus nacionais. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

AURELIANO LIMA — 1916

- 29 — CONSTRUÇÃO**
- 30 — FIGURA DE PÉ**
- 31 — CONSTRUÇÃO**

Tem executado trabalhos para entidades públicas e particulares. Concorreu às exposições colectivas da Sociedade Nacional de Belas Artes e outras realizadas em Coimbra e Viseu. Fez parte da II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. Está representado no Museu Machado de Castro e Museu de Amarante.

CARLOS BOTELHO — 1899

- 32 — VARIACÃO**
- 33 — LISBOA**

Participou nas exposições internacionais realizadas em Paris, Lyon, Nova Iorque, Helsinquia, Lugano, Cincinnati, Messina, I, II, III e IV Bienais de S. Paulo, XXV e XXX Bienais de Veneza, «50 Anos de Arte Moderna» em Bruxelas, etc. Tem o 1.º Prémio na Exposição Internacional de S. Francisco da Califórnia, «Prémio de Portugal» na Bienal de S. Paulo, Prémios «Columbano» e «Souza Cardoso», do S. N. I., e 1.º prémio de pintura na II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. Está representado nos principais museus do país e no Museu de Arte Moderna de S. Paulo.

CARLOS PAÉZ VILARÓ — 1923

- 34 — EN EL BOLICHE DEL PUEBLO**
- 35 — ENAMORADOS**

Nasceu em Montevideo — Urugai. Concorreu a várias exposições internacionais. Expôs na Argentina, Brasil, Paris, etc. Realizou ainda exposições em Nova Lisboa, Luanda e Porto — Galeria Dominguez Alvarez (1956). Está representado no Museu de Amarante e em outros museus estrangeiros.

DOMINGUEZ ALVAREZ — 1906-1942

- 36 — HOMENS**
- 37 — ESPANHA**
- 38 — PAISAGEM**

Matriculou-se em 1926 na Escola de Belas Artes do Porto, onde formou com colegas o grupo «+ além». Terminou o curso em 1939. Concorreu a várias exposições colectivas e foi bolseiro do Instituto para a Alta Cultura. Em homenagem póstuma realizaram-se algumas exposições das suas obras, e fundou-se, no Porto, onde nasceu, a Academia Dominguez Alvarez.

DORDIO GOMES — 1890

- 39 — RIBEIRA**
- 40 — CAVALOS**
- 41 — GADANHEIROS**

Professor Jubilado da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Foi bolseiro em Paris (Legado Valmor), tendo como mestre Jean-Paul Laurens e Ferdinand Cormon. Conquistou os prémios: «Columbano» e «António Carneiro», S. N. I., e o 1.º prémio de pintura na I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. Figurou em várias exposições internacionais: Rio de Janeiro (1929), Paris (1931 e 1937), Bruxelas (1958), Bienal de Veneza (1950) e Bienal de S. Paulo (1951, 1953 e 1955), etc. Está representado nos principais museus nacionais.

EURICO GONÇALVES — 1932

- 42 — DESENHO
- 43 — DESENHO
- 44 — DESENHO

HERNANDEZ PIJUAN — 1931

- 45 — PINTURA

JAIME FERREIRA — 1910

- 46 — PORTO
- 47 — RUA TÍPICA

JAIME ISIDORO — 1924

- 48 — RIO DOURO
- 49 — CIDADE
- 50 — GRAVURA

JUSTINO ALVES — 1940

- 51 — PINTURA

JÚLIO RESENDE — 1917

- 52 — PINTURA
- 53 — LITOGRAFIA

Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa, expôs na Galeria de Março (1954), Galeria Pórtico (1955), Galeria Diário de Notícias (1958), Faculdade de Letras de Lisboa (1960), Clube Fenianos Portugueses (1960) e Galeria Sereia (1962).

Nasceu em Barcelona, Espanha. Criou, com Carlos Planel e Eduardo Alcoy, o grupo «Silex», em Barcelona. É um dos valores da pintura informalista Catalã. Possui vários prémios.

Possui, entre outros, o «Prémio Armando de Basto», do S. N. I.; menções honrosas e 3.ª medalha da Sociedade Nacional de Belas Artes, 3.ª e 2.ª medalhas do Salão do Estoril. Está representado no Museu Nacional de Soares-dos-Reis, no Museu de Amarante, na Agência Geral do Ultramar e nas Câmaras Municipais de Matosinhos e de Braga.

Tomou parte na Missão Estética da Academia Nacional de Belas Artes em Vila Viçosa (1948), conquistando o «Prémio Rocha Cabral». Foi distinguido com outros prémios, entre os quais: «Bolsa de Viagem de José Malhó», 3.ª e 2.ª medalhas (óleo e aguarela) da S. N. B. A.; e prémios «Armando de Basto», «António Carneiro», «Silva Porto», «Roque Gameiro» e «Henrique Pousão», do S. N. I. Está representado no Museu de Arte Contemporânea, Museu Soares dos Reis, Museu Machado de Castro, Museu José Malhó, Museu de Amarante, na Agência Geral do Ultramar e na Câmara Municipal de Matosinhos. Como director da Academia Alvarez organizou numerosas exposições, salientando-se a das ilustrações de Portinari para «A Selva», de Ferreira de Castro e a póstuma das obras de Amadeo de Souza Cardoso, em 1956.

Estuda pintura na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Esteve representado nos I e II Salões dos Fenianos, em «4 Jovens Pintores na Galeria Divulgação» na Exposição do Centro Ramalho Ortigão e no II Salão de Novíssimos, do S. N. I.

Foi bolseiro em Paris (1947) do Instituto de Alta Cultura. Fez parte da I, II, IV, V e VI Bienais de S. Paulo, «4 Pintores Portugueses na Finlândia», Exposição Internacional de Bruxelas, I e II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, XXX Bienal de Veneza, etc. Prémio Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes; Prémios «Armando de Basto» e «Souza Cardoso», do S. N. I.; «Prémio Especial» e menção honrosa na I e V Bienais de S. Paulo; 2.º Prémio de Pintura na I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian e «Prémio Diogo Macedo», da S. N. B. A. Está representado nos principais museus portugueses, Museu Aalesund Kunstforening (Noruega), Museu da Arte Moderna de S. Paulo e Museu de Helsínquia.

MARIA ADELAIDE MARQUES — 1929

54 — SALTIMBANCOS

Frequentou a Academia Dominguez Alvarez. Participou na XII Exposição dos Artistas do Norte, organizada pelo S. N. I.; II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian e nos Salões da Primavera em 1958 e 1959 onde obteve uma menção honrosa.

MARIA DE LIMA — 1929

55 — PINTURA

56 — PINTURA

Professora do ensino Liceal, licenciada pela Faculdade de Letras de Coimbra. Frequenta a Academia Dominguez Alvarez.

MATIAS LOPES TAVARES — 1911

57 — PINTURA

58 — PINTURA

Iniciou os seus estudos de pintura em 1955, na Academia Dominguez Alvarez.

SEIXAS BRANCO — 1923

59 — GRAVURA

60 — GRAVURA

61 — COMPOSIÇÃO

62 — COMPOSIÇÃO

Fez parte da Exposição de Arte Moderna dos Artistas do Norte (1952) e da exposição no Clube Fenianos Portuenses (1961). Frequenta a oficina livre de gravura da Academia Alvarez.

TITO ROBOREDO — 1936

63 — PINTURA

64 — PINTURA

Começou em 1955 a estudar pintura na Academia Dominguez Alvarez. Em 1958 matriculou-se na Escola Superior de Belas Artes do Porto onde tem frequentado o Curso de Pintura e de Escultura. Concorreu a várias exposições colectivas, tem o prémio «Rodrigo Soares» da E. S. B. A. P. e está representado no Museu Machado de Castro.

VIEIRA DA SILVA — 1908

65 — SERIGRAFIA

66 — SERIGRAFIA

Nasceu em Lisboa e foi para Paris em 1928, onde estudou com Bourdelle, Despiau, Friesz e Fernand Léger. Tem obras suas na «Tate Gallery» de Londres e nos Museus de Arte Moderna de Paris, Nova Iorque, Basileia, Lausana, Zurique, Amsterdão, S. Paulo, Jerusalém, Melbourne, Michigan e outros. Naturalizou-se francesa em 1956, e a sucessão de prémios conquistados por Maria Helena Vieira da Silva culminou, em 1961, com o «Grande Prémio de Pintura» da Bienal de S. Paulo. São-lhe dedicadas numerosas bio-monografias pelos mais categorizados críticos de Arte.

Catálogo nº 7

1966 (Setembro)- Catálogo da exposição "*Arte Contemporânea / Coleção Particular*", Amarante, Biblioteca – Museu Municipal de Albano Sardoeira.



ARTE CONTEMPORÂNEA COLEÇÃO PARTICULAR

BIBLIOTECA-MUSEU MUNICIPAL DE ALBANO SARDOEIRA • AMARANTE



OS ORGANIZADORES EXPRIMEM O SEU PROFUNDO RECONHECIMENTO
AO EX.^{MO} SR. DR. ANTÓNIO MARIA TENREIRO PELA CEDÊNCIA
DAS OBRAS QUE FIGURAM NESTA EXPOSIÇÃO.

Há dez anos, colaboramos na organização de uma exposição de Amadeo de Souza Cardoso, na Galeria Dominguez Alvarez, que, despertando certo entusiasmo, iria marcar o início de uma série de exposições retrospectivas—estas apresentadas pelo S. N. I.—como as dos artistas Armando de Basto, Mário Eloy, António Carneiro e, novamente, Amadeo de Souza Cardoso.

Assim, pudemos contactar directamente com pinturas que, por pertencerem na maioria a particulares, nos eram, de outro modo, inacessíveis.

Pena foi que esta fase de entusiasmo não tivesse continuado com Almada Negreiros, Eduardo Viana, António Soares, Francisco Smith, Alvarez, etc., etc., e mesmo Santa-Rita Pintor—pois, apesar de sabermos que, à hora da morte, pediu ao irmão queimasse toda a sua produção artística, recusamo-nos a admitir que dela não exista, em colecções particulares, o suficiente para ser mostrado ao público este precursor da pintura moderna em Portugal, companheiro de Almada e de Souza Cardoso.

E, em natural sequência, não podemos deixar de lamentar que não se empreguem mais esforços na divulgação da pintura portuguesa, tão pouco conhecida, mesmo em Portugal. Se alguma coisa podemos considerar como tendo sido realizada, nos últimos anos, em prol da arte contemporânea portuguesa, são essas realizações dum plano de actividade tão lento que as julgamos de resultados pouco positivos.

Com a mesma satisfação com que, há dez anos, colaboramos na organização da exposição que ficaria como pioneira nas de divulgação de mestres da nossa pintura moderna, prestamos hoje todo o nosso apoio à desta colecção, desejando que, como então, se desenvolva a partir dela verdadeiro entusiasmo e que outros facultem ao grande público as suas colecções de arte, ajudando assim a alargar consideravelmente as possibilidades de estudo directo das Artes Plásticas em Portugal uma vez que—salvo raras excepções—o melhor da pintura portuguesa é pertença de entidades particulares.

Os organizadores, ao solicitarem do Dr. António Maria Tenreiro que deixasse expor no Museu de Amarante parte da sua colecção, estavam cientes do alcance cultural desta iniciativa e, se seleccionaram a pintura contemporânea, foi porque encontraram neste conjunto uma representação significativa e bastante homogênea da arte portuguesa, tendo-lhes sido grato observar o espírito do coleccionador atento aos fenómenos actuais que se manifestam através das Artes Plásticas, ao reunir obras que, quando do mesmo autor, nos permitem julgar da sua evolução.

De Artur Justino, apresentam-se quatro obras. Devemos salientar que Artur Justino, formado pela Escola de Belas Artes do Porto, expôs pela última vez em 1929, no Salão Silva Porto, em companhia de Dominguez Alvarez de quem foi amigo dilecto e com quem fez parte do grupo « + Além » (Mais Além) que fora organizado em oposição à pintura académica, nesse mesmo ano. Aproveitamos esta oportunidade para prestar justa homenagem a Artur Justino a quem a morte prematura recusou a realização de mais vasta obra.

Jaime Isidoro

CATÁLOGO ►

- SARAH AFFONSO
1 Coreto
ANIBAL ALCINO
2 Praia
DOMINGUEZ ALVAREZ
3 Desenhos
4 Desenho
5 Desenho
6 Desenho
7 Desenho
JUSTINO ALVES
8 Composição / óleo
9 Natureza Morta / óleo
10 Trás-os-Montes / óleo
11 Aguarela
D'ASSUMPÇÃO
12 Ciclo Eterno / tríptico
13 Aguarela
MARIA AUGUSTA
14 Monotipia
ARTUR BUAL
15 Pintura
AMADEO DE SOUZA CARDOSO
16 Azenha—Escada
MANUEL CARGALEIRO
17 Pintura
18 Pintura
19 Guache
CARLOS CARNEIRO
20 Interior
MARTINS DA COSTA
21 Paisagem
ANTÓNIO CRUZ
22 Fontainhas / aguarela
23 Ribeira
24 Edimburg / aguarela
25 Rio Douro / aguarela
JOÃO DIXO
26 Vermeer e o séc. XX
MÁRIO ELOY
27 Desenho

- JORGE FREITAS
28 Figura / óleo
- AUGUSTO GOMES
29 Lavadeiras / óleo
- DORDIO GOMES
30 Alentejo / óleo
- JAIME ISIDORO
31 Homenagem a Braque / óleo
32 Ribeira / óleo
33 Retrato / óleo
34 Barcelos / óleo
- COSTA JUNIOR
35 Ribeira / óleo
36 Paisagem / óleo
37 Cais da Ribeira / óleo
38 Fábricas / óleo
39 Rio Douro / óleo
- ARTUR JUSTINO
40 Retrato / óleo
41 Igreja / óleo
42 Desenho
43 Desenho
- ELVIRA LEITE
44 Paisagem / óleo
- SILVA LINO
45 Porto Imaginário / óleo
46 Pintura
- ALMADA NEGREIROS
47 Desenho
48 Maternidade / óleo
- C. NETO
49 Pintura
- MANUEL RIBEIRO DE PAVIA
50 Alentejana / guache
51 Desenho
52 55 Desenhos / ilustrações para o livro de
poemas «PUREZA» de Eugénio de Andrade
- DOMINGOS PINHO
56 Pintura
- ANTÓNIO QUADROS
57 Guache

TITO REBOREDO

58 Composição / óleo

JÚLIO RESENDE

59 Máscara / aguarela

60 Figura / aguarela

61 Alentejano / desenho

62 Pescador / óleo

63 Mulheres no Alentejo / óleo

64 Figuras

65 Homem das mãos vazias

66 Pássaros

ABEL SALAZAR

67 Aguarela

68 Figura / aguarela

69 Desenho

ANTÓNIO SAMPAIO

70 Casario / óleo

71 Aguarela

ABÍLIO SANTOS

72 Monotipia

AMÂNDIO SILVA

73 Vendedores de Cavalos / litografia

74 Barcos / litografia

VIEIRA DA SILVA

75 Guache

ÂNGELO DE SOUSA

76 Ponte

77 Flores

JOÃO TEIXEIRA DE VASCONCELOS

78 Cristo / aguarela

79 Reflexos / óleo

80 Pintura / óleo

81 Pintura / óleo

VESPEIRA

82 Azulua / óleo

TOMÁS VIEIRA

83 Figuras

84 Cabeça

ORGANIZAÇÃO DO GRUPO DOS AMIGOS DA BIBLIOTECA-MUSEU
E GALERIA DOMINGUEZ ALVAREZ • SETEMBRO • 1960

Catálogo nº 8

1978 (Janeiro)- Catálogo da exposição “ Sarah Affonso ,Estoril, Junta de Turismo da Costa do Sol .

SARAH

AFFONSO

A pintura de Sarah Affonso fala-nos da ingenuidade como sabedoria e da alegria como coisa séria. «...A coisa mais séria da vida», a alegria. Disse-o, em português, Almada Negreiros, com helénica exigência de nitidez. E eu gostaria que o leitor não perdesse tempo com o que eu escrevo e se ocupasse antes da obra piniada, escrita e falada de Almada ele próprio — tudo tão bem desenhado! Em especial, para hoje, seria bastante um poema de «A invenção do dia claro» ou a lembrança da sua conferência «Elogio da Ingenuidade ou as desventuras da Esperteza Saloia».

Entre as suas frases felizes, interessou-me sempre imenso o rigor desta que fala da coisa séria que é a alegria.

Há certamente quem possa aproveitar-se do facto de frequentemente as palavras **séria** e **importante** funcionarem com sentido paralelo, para reintegrarem a afirmação num tipo de raciocínio mais habitual. Quem só pode entende-la trocando as palavras, pensa que o autor é que fez um mero trocadilho, construiu um paradoxo; mas mesmo assim, se engraçar com o trocadilho, sentirá que ele exprime o que o raciocínio mais habitual não pode referenciar. (Demasiada luz sobre nós próprios perturba

os hábitos e ofende os tabus, e só com licença da superficialidade o bom senso do senso comum permite que se fale das coisas profundas. O que talvez esteja certo, para não as comprometer muito...)

Na sua brevidade, a fórmula revela-se portanto segura, em mais do que um jeito de se lhe pegar. Imediatamente ela nos coloca no domínio da sabedoria, e a imediatidade só a ingenuidade é possível. Por assim dizer: entrar em graça, ter a sensação da liberdade, chegar a onde já estava.

Em cada momento é preciso reabilitar em nós a voz primordial. E a sabedoria de que se fala é a sabedoria da vida.

Se houve busca apaixonada em Breton e em alguns (poucos) surrealistas e dadaístas, foi a busca dos começos. Se houve uma filosofia implícita em Almada e em alguns dadaístas, como Picabia ou Arp, parece-me ser a de um vitalismo.

Este dadaísmo-surrealismo nega o pecado original, para afirmar a inocência original. Esta via solar do surrealismo e a que para mim constitui a de um verdadeiro movimento de libertação total, e compreendo sem inveja o sucesso mundano das outras: estão mais imbuídas das desculpas que muitos pedem ao mundo pelo acto puro de criar, de que parecem ter vergonha.

«A arte é a maior alegria que o homem dá a si próprio». (Karl Marx)

«Se há uma ascese na arte moderna, é para uma maior inocência». (Van Lier)

«Quando deixamos de ser crianças, estamos mortos. É pura alegria o que vos dou». (Brancusi)

«Quando a arte chega, a tristeza faz as malas e vai-se embora». (Arp)

«A liberdade de interpretar edenicamente o mundo está reservada àqueles cuja infância cresceu sem abandonar a sua pureza primordial». (Tristan Tzara)

«...a ingenuidade, tivesse ela apenas o poder de saciar em nós a nostalgia da infância, mereceria só por isso ser tomada como uma graça sem igual». (André Breton)

«Cada homem é original; mas qual o que o sabe e arrisca a aventura da sua própria descoberta?» (Robert Lapoujade)

Vindas das mais diversas zonas as numerosas afirmações do valor poético da ingenuidade pareceriam ser bastantes para facilitar a construção de um discurso crítico. Não é verdade. Falo por mim, que aqui apareço juntamente com uma pintora que assume esse valor e de quem pouco ou nada tenho escrito. Devo-lhe porém muito: uma crença cotidianamente vivida sobre a função da arte, ao nível individual e colectivo, é no milagre de obras como a de Sarah Affonso que se esclarece e fortifica.

«Eu não faço o elogio dos ingénuos, mas sim o da ingenuidade». (Almada Negreiros). E eu elogio a ingenuidade sábia que há na pintura de Sarah Affonso e agradeço-lhe que torne pública a sua atitude espiritual.

No movimento para o imaginário, os artistas com a atitude de Sarah Affonso têm um lugar que ainda não está devidamente reconhecido. É, contudo, certos aspectos do moderno figurativismo e na obra destes líricos que encontra, às vezes a suas primeiras manifestações, e sempre uma expressividade autêntica, a que não falta naturalidade nem natureza.

Sarah Affonso conhece bem as técnicas da pintura, mas não é isso que importa fazer apreciar. É antes a força íntima da sua visão e a coerência afectiva. (Lembro-me de um admirável «retrato de família», de 1935, amantíssimo; e sei o que por amor à família a Sarah é capaz de sacrificar).

Se me disserem que Sarah pinta como quem obedece a ordens de um sonho, eu acredito. E se me disserem que a sua arte é um acto voluntarioso, eu acredito também. Porque acontece que o nosso tempo recusa a natural criatividade. E por isso poucos dos que se decidem reencontram a pureza primordial. Isto existe aqui, nas pinturas e ilustrações de Sarah Affonso, as linhas ondulantes, vividas com graça e singeleza, as cores gráficas e as ambientais, certo sabor popular nos fundos lisos e nos jogos de perspectivas que fogem às ordenações rígidas para obedecerem às necessidades afectivas, as texturas que visualmente se sobrepõem aos limites delineados, as texturas das ervas, da lã, as ovelhas, os caracóis ou crocodilos estilizados... Barroquismo e ternura, existe aqui!

RUI MÁRIO GONÇALVES

Acto realmente mais político que o acto de pintar, desconheço-o. E se há sítio onde a **revolução universal** tenha de facto dado um passo em frente, esse sítio é por certo a pintura.

No entanto aos políticos, e aos futebolistas, só terei a reprovar o **exclusivismo**.

Em 1946, André Breton, considerava espinhosa a questão de «saber se a ausência de mito não é ainda um mito, e se não deveremos ver aí o mito dos nossos dias».

E mais directamente a nós dirigido, isto escrito por Almada Negreiros em 1920; «Que horror caros compatriotas, deduzir experimentalmente que, de todas as nossas conquistas e descobertas, apenas tinha sobrevivido a imbecilidade».

O meu programa é criar um local de convívio, um local onde expor não seja tão somente pendurar quadros em paredes. Queria aqui exposições com critério, exposições de pintura comparada, exposições com inteligência própria, um apelo à imaginação no plano social, no plano artístico, no plano pragmático, não exposições dirigidas quase que exclusivamente à vista. Infelizmente não posso garantir que este programa se realize, mas apenas que por ele lutarei. Devo lembrar ainda que esta não é uma galeria comercial, embora não queira deixar de expressar a minha homenagem às duas ou três galerias que se mantiveram abertas, durante estes dois últimos anos.

Dirigi e continuarei a dirigir convites a poetas, críticos, ensaistas, e igualmente a outras personalidades, para que organizem exposições aqui, segundo critério seu (ou sugestão minha), exposições que **assinariam**. Assim Natália Correia propõe-se organizar uma exposição sobre **As Sorores**, mas ao dr. José Augusto França pedi uma **exposição sobre o simbolismo em Portugal**. Queria que aqui fosse lembrada a pintura do passado. Os impressionistas portugueses, por exemplo, são necessários a uma visão mais perfeita dos nossos próprios passos.

Por certo não nos faltarão obstáculos, e entre outros este de não haver entre nós o hábito, ou a experiência, de emprestar obras por exemplo dos primitivos portugueses, pelos museus, ou pelas colecções particulares. Essas obras seriam imprescindíveis para algumas das exposições que nos parecem necessárias, e urgentes. Picasso dizia que toda a obra de arte tem pai e mãe...

Para contornar algumas dificuldades, e para começar já, teremos algumas pequenas exposições retrospectivas, ou de homenagem implícita, como esta de Sarah Affonso, que é um dos artistas mais notáveis da sua geração, de que apresentamos os últimos desenhos e ilustrações, e dois retratos, que nos levam a desejar para breve uma exposição só de retratos seus.

Neste momento não me é possível, como queria e devia, dar um calendário completo das exposições durante um ano. As pessoas estão perturbadas, como se não tivessem jamais feito qualquer **revolução** dentro de si próprias. Mas, a pintura, não é por certo o pior que se faz neste país!

Dirigi convites a alguns dos pintores que prefiro; evidentemente que não haveria aqui o espaço para explicar ou justificar essas preferências, mas, o que quero assentar, é que, sendo este programa estabelecido para um ano com uma exposição por mês, há por certo mais de 12 pintores que merecem o meu interesse.

Vozes sensatas dizem-me que a galeria é longe de Lisboa. Que há uma evidente crise na pintura. Que não há compradores, etc., etc., etc. Por mim penso que, enquanto o homem existir, necessitará, (ele, e mais ainda a sociedade em que vive), de qualquer coisa como a ideia que hoje temos de pintura, por que, sempre, «em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente, continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas», como diz Álvaro de Campos na «Tabacaria».

Que este não seja mais um local de descontento, é o que tentaremos, citando agora Margel Duchamp: «Ce sont les regardeurs qui font les tableaux».

Quanto à revolução, ela poderá vir por exemplo da pintura. Ou de um controlo rigoroso da natalidade. Ou de qualquer coisa que nem os mais imaginosos podem imaginar, (nem afinal os próprios poetas!) como foi essa ida à lua, que há uns trinta anos ninguém acreditaria possível. Naturalmente a revolução, se vier, terá que se opor frontalmente à natureza e à história. A revolução não vem por caminhos ingénuos, simplesmente vestida de visível.

CRUZEIRO SEIXAS

Sarah Affonso passou a sua infância no Minho. Foi a última discipula de Columbano na Escola de Belas Artes de Lisboa. Trabalhou em Paris em 1924 e 1928. Em 1929 expôs no «Salon d'Automne», o quadro que actualmente se encontra no Museu de Arte Contemporânea. Casou com o Pintor Almada Negreiros. Expôs pela primeira vez em 1924, a que se seguiram exposições individuais em 1928, 1933, 1939, e em 1953. No «IX Salão de Arte Moderna», obteve o prémio Amadeu de Souza-Cardoso. Durante quinze anos manteve uma intensa actividade executando gravuras, cartões para tapeçarias, bordados, e ilustrando livros e revistas.

Quadros seus no Museu de Arte Contemporânea, no Museu de Bragança, no Museu de Amarante, e em colecções de Portugal e Brasil. A sua actividade como pintora a óleo ficou encerrada em 1948. Continua no entanto a desenhar, tendo ilustrado alguns livros para crianças.



JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL-JANEIRO 1977

Catálogo nº 9

1978 (Junho)- Catálogo da exposição "*Retratos de Sarah Affonso (1927-1947)* ,Estoril,
Junta de Turismo da Costa do Sol .

RETRATOS DE

SARAH

AFFONSO

1 9 2 7

—

1 9 4 7

Dar a ver uma série de retratos feitos entre 1926 e 48, por Sarah Affonso, constitui uma importante contribuição para o conhecimento de uma obra, em grande parte ignorada pelo público.

Pelo facto de não existir em Portugal um museu de arte moderna, pelo facto de não se poder ainda fazer uma leitura, senão completa, pelo menos mais justa da moderna arte portuguesa, toda a mostra que faça sair uma obra da obscuridade, se torna relevante, num país onde a história da arte do século XX é ainda mal conhecida, e onde Sarah Affonso tem um lugar preciso.

Tendo Sarah Affonso vivido emancipadamente em Paris em 1924 e em 1928/29, tendo sido a última discípula de Columbano, tendo sofrido o inevitavelmente académico ensino da Escola de Belas Artes, tendo sido a mulher de Almada Negreiros, soube a pintora fazer algo de extremamente difícil para quem por tudo isto passou: atingir o ponto zero, recuperar a inocência do primeiro olhar, encontrar o encantamento.

O seu encantamento enraíza no Minho onde a pintora viveu na infância e na adolescência. Nos ex-votos, nas alminhas, nas procissões e nas festas do povo.

- 1 — «Auto-Retrato» — 1927 — Colecção Particular
- 2 — «Retrato de Minha Irmã» — 1927 — Colecção Particular
- 3 — «Menina do Chapéu Verde» — 1929 — 60 000\$00
- 4 — «Fernanda de Castro e Filho» — 1928 — Colecção Particular
- 5 — «José Tagarro e Valdemar da Costa» — 1929 — Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian
- 6 — «Duas Raparigas da Costa da Caparica» — 1930 — Colecção Particular
- 7 — «Retrato de Ana Rosa» — 1930 — Colecção Particular
- 8 — «Retrato de Meu Irmão» — 1930 — 80 000\$00
- 9 — «Retrato do Dr. David Benoliel» — 1931 — Colecção Particular
- 10 — «Retrato de Matilde Veléz Carço» — 1932 — Colecção Particular
- 11 — «Retrato do Zé» — 1936 — Colecção Particular
- 12 — «Família» — 1937 — Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian
- 13 — «Retrato de meu Filho» — 1944 — Colecção Particular
- 14 — «Retrato de Ana Paula» — 1946 — Colecção Particular
- 15 — «Retrato de meus Filhos» — 1947 — Colecção Particular
- 16 — «Retrato do Zé» — Desenho — 1935 — Colecção Particular
- 17 — «Retrato de Ana Paula» — Desenho — 1942 — Colecção Particular
- 18 — «Retrato de minha Neta Rita» — Desenho — 1973 — Colecção Particular
- 19 — «Retrato de minha Neta Catarina» — Desenho — 1976 — Colecção Particular



NOTA BIOGRÁFICA

SARAH AFFONSO nasceu em 1899 tendo passado a sua infância no Minho. Seu pai era oficial do exército. Vindo para Lisboa em 1924 foi na Escola Superior de Belas Artes aluna de Columbano. Esteve em Paris em 1924 e em 1928-29 onde frequenta a Academia Grand Chaumière. Em 1929 expôs no «Salon d'Automne» um quadro que actualmente é pertença do Museu de Arte Contemporânea. Casou em 1934 com o pintor Almada Negreiros de quem teve dois filhos. Expôs em 1924, em 1928, em 1933, em 1935, e, em 1977, nesta mesma Galeria. No «IX Salão de Arte Moderna» obteve o Prémio Amadeu de Souza-Cardoso. Durante 15 anos manteve uma intensa actividade executando gravuras, cartões para tapeçarias, bordados, e ilustrando livros e revistas. Quadros de Sarah Affonso no Museu de Bragança, no Museu de Arte Contemporânea, no Museu de Amarante, e em colecções de Portugal e do Brasil. A sua actividade como pintora a óleo ficou encerrada em 1948. Continua no entanto a desenhar, tendo ilustrado alguns livros para crianças.

Assim a fusão da modernidade com a voluntária representação ingénuia, onde a experiência do bordado tem grande peso, dão à obra de Sarah Affonso uma dimensão lírica raramente encontrada na arte moderna portuguesa.

Mas, porque de exposição de retratos se trata, dois tipos de retratos teremos de distinguir: uns que existem por exigência de rigor na análise visual e psicológica que à pintora se apresenta, e outros, verdadeiramente inovadores na obra da artista e na arte em geral, que são os retratos de família em que os planos do real e do imaginário se somam. São imagens invocadoras de uma iconologia popular, em que a candura é máxima. Os retratos de família podem ler-se como se lê um presépio; o filho pode ter a conotação do menino Jesus pairando sobre a cabeça dos pais, coroando um triângulo simbólico. Nestes casos, o retrato ultrapassa o exercício de rigor naturalista para se instalar eminentemente no plano do imaginário, instaurando uma nova visão simbólica e afectiva.

Sílvia Chicó

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL - JUNHO 1978

Catálogo nº 10

1978 (Agosto)- Catálogo da exposição “*Retratos de Sarah Affonso (1927– 1947)*”,
Porto, Centro de Arte Contemporânea / Museu Soares dos Reis.

RETRATOS DE

SARAH

AFFONSO

1927 — 1947

Dar a ver uma série de retratos feitos entre 1926 e 48, por Sarah Affonso, constitui uma importante contribuição para o conhecimento de uma obra, em grande parte ignorada pelo público.

Pelo facto de não existir em Portugal um museu de arte moderna, pelo facto de não se poder ainda fazer uma leitura, senão completa, pelo menos mais justa da moderna arte portuguesa, toda a mostra que faça sair uma obra da obscuridade, se torna relevante, num país onde a história da arte do século XX é ainda mal conhecida; e onde Sarah Affonso tem um lugar preciso.

Tendo Sarah Affonso vivido emancipadamente em Paris em 1924 e em 1928/29, tendo sido a última discípula de Columbano, tendo sofrido o inevitavelmente académico ensino da Escola de Belas Artes, tendo sido a mulher de Almada Negreiros, soube a pintora fazer algo de extremamente difícil para quem por tudo isto passou: atingir o ponto zero, recuperar a inocência do primeiro olhar, encontrar o encantamento.

O seu encantamento enraíza no Minho onde a pintora viveu na infância e na adolescência. Nos ex-votos, nas alminhas, nas procissões e nas festas do povo.

Assim a fusão da modernidade com a voluntária representação ingénuas, onde a experiência do bordado tem grande peso, dão à obra de Sarah Affonso uma dimensão lírica raramente encontrada na arte moderna portuguesa.

Mas, porque de exposição de retratos se trata, dois tipos de retratos teremos de distinguir: uns que existem por exigência de rigor na análise visual e psicológica que a pintora se apresenta, e outros, verdadeiramente inovadores na obra da artista e na arte em geral, que são os retratos de família em que os planos do real e do imaginário se somam. São imagens invocadoras de uma iconologia popular, em que a candura é máxima. Os retratos de família podem ler-se como se lê um presépio; o filho pode ter a conotação do menino Jesus pairando sobre a cabeça dos pais, coroando um triângulo simbólico. Nestes casos, o retrato ultrapassa o exercício de rigor naturalista para se instalar eminentemente no plano do imaginário, instaurando uma nova visão simbólica e afectiva.

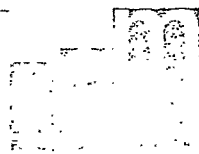


NOTA BIOGRÁFICA

SARAH AFFONSO nasceu em 1899 tendo passado a sua infância no Minho. Seu pai era oficial do exército. Vindo para Lisboa em 1924 foi na Escola Superior de Belas Artes aluna de Columbano. Esteve em Paris em 1924 e em 1928-29 onde frequenta a Academia Grand Chaummière. Em 1929 expôs no «Salon d'Otomne» um quadro que actualmente é pertença do Museu de Arte Contemporânea. Casou em 1934 com o pintor Almada Negreiros de quem teve dois filhos. Expôs em 1924, em 1928, em 1933, em 1935, e, em 1977, nesta mesma Galeria. No «IX Salão de Arte Moderna» obteve o Prémio Amadeu de Souza-Cardoso. Durante 15 anos manteve uma intensa actividade executando gravuras, cartões para tapeçarias, bordados, e ilustrando livros e revistas. Quadros de Sarah Affonso no Museu de Bragança, no Museu de Arte Contemporânea, no Museu de Amarante, e em colecções de Portugal e do Brasil. A sua actividade como pintora a óleo ficou encerrada em 1948. Continua no entanto a desenhar, tendo ilustrado alguns livros para crianças.



P
7539



DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO



BIBLIOTECA DE ARTE



30001001822412

CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS

PORTO - AGOSTO 1978

EXPOSIÇÃO GENTILMENTE CEDIDA PELA JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

Catálogo nº 11

1986 (Novembro / Dezembro)- Catálogo da Exposição "*Sarah Affonso (1899-1983)*",
Vila Moura, Galeria d'Arte.

SARAH AFONSO
(1899-1983)



4·10·86 ~ 2·11·86

GALERIA D'ARTE

VILAMOURA

"Eu entrei na pintura por emoção. A primeira vez que vi o sol desaparecer no mar, a impressão que isso me fez! Era ainda muito pequena, tão pequena que nem sabia que aquilo era o pôr do sol, mas fiquei para sempre com aquela recordação."

"I became emotionally involved in painting. The first time I saw the sun sinking into the sea it made a great impression on me. I was very young at the time - too young to even know that it was the sunset - but I never forgot it."

Sarah Afonso

Sarah Afonso nasceu em Lisboa, a 13 de Maio de 1899. A sua meninice passou-a no Minho, que nunca pode esquecer. Tirou o curso de pintura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Columbano, seu professor, distinguiu-a com uma atenção muito especial; depois de reformado continuou ainda a ir à Escola para só a Sarah Afonso dar lições.

Em 1924 parte para Paris, à procura do que Lisboa lhe não pôdia dar, estudando pintura e frequentando o meio artístico, o que foi muito importante para a sua formação. Em 1928 expõe no "Salon d'Automne" a que concorreram milhares de pintores, e recebe pelo seu quadro "Meninas" uma menção honrosa, aparecendo o seu nome nos jornais, entre Fugita e Van Dongen. Mas nesse mesmo ano tem que voltar a Portugal porque sua mãe está a morrer e Sarah Afonso tem que tomar conta duma casa cheia de irmãos mais novos. Entretanto, borda e desenha. Depois, subitamente, todo o desenho começa a ser coberto de tintas, óleo de preferência. Mas é sempre patente a importância do desenho como base da composição do quadro, e como meio de expressão.

Participa em diversas exposições colectivas, e leva a efeito também algumas individuais em que, por vezes, mostrava os seus bordados. Os motivos dos bordados eram de inspiração minhota: alminhas, procissões, etc. Os temas da pintura eram geralmente os retratos dos irmãos, e também algumas paisagens.

A crítica desde o princípio elogiou o trabalho de Sarah Afonso. Manuel Mendes diz por exemplo de uma exposição que teve lugar na Galeria Bodone: "A infantilidade e a malícia mais simpáticas, são as das pessoas crescidas. Elas conservaram um encanto fresco pela vida, e uma visão mais bela do mundo. Por isso nos encanta uma artista como Sarah Afonso, cuja arte sabe acordar em nós

sensações há muito perdidas. Aquele interesse que tivemos algum dia por uma vida mais bela, e que parecia quedar-se completamente adormecido, desperta perante estes trabalhos. É um estímulo maravilhoso. Dir-se-ia que provoca a lembrança de sonhos de infância, que havia tanto tínhamos esquecido."

E Diogo de Macedo, noutra ocasião: "Sarah Afonso anda fora da lei de Deus, porque pinta, e sobretudo porque pinta diferentemente dos outros. É uma isolada, e esse factó leva-a a uma certa forma de revolta. O mais estranho é que Sarah Afonso não vê a vida senão pelo lado infantil, pelo mais puro, pelo mais ingénuo. A sua arte é alegre, aparentemente sem sombras. É uma arte simples, feminina, adorável. Os seus modelos, no geral, são as crianças. E as suas crianças são bonecas lindas, pobres ou ricas, mas sempre bonecas. Há quem julgue - por facilidade no julgamento - que ela pinta brincando. E, no entanto, aqui eu juro que ela sofre, que ela estuda profundamente, que ela é mais culta que a maioria, que as suas composições, as suas emoções, a intensidade dos seus deslumbramentos, os seus quadros, os seus bordados, os seus desenhos, são exaltadamente sentidos, meditados, vívidos. Amar as bonecas é compreender um mundo oculto, que o próprio amor disfarça..."

Sendo a vida tanta coisa complicada, resume-se no final a bem pouco; inteligência e amor. Ora Sarah Afonso, aos seus modelos, às suas meninas, aos seus bonecos, não empresta mais do que isso, o que não é nada pouco. Eis a quermesse da sua arte, a vida da sua pintura. Arte de encantamento e de subtilezas, ela substancia em si uma delicada perversidade de expressão, que muito nos cativa e perturba. Sarah Afonso não é uma cerebral. É uma emotiva. Mas melhor que ninguém ela soube explicar-se, quando escreveu para um catálogo: "Perante a natureza, procuro a emoção. Não lhe tiro o retrato."

Em 1933 Sarah Afonso casa com o grande pintor José de Almada Negreiros. A partir de 1934/35 a sua pintura entra numa fase verdadeiramente original, tanto na sua própria obra, como no que se refere ao que de uma maneira geral se fazia aqui. Diz: "Todas essas procissões e alminhas me deslumbravam, e mais tarde passei a bordar muitos desses motivos. Um dia o José disse-me que esse era um bom caminho a seguir; e foi daí, dos meus bordados, que eu passei à fase mais conhecida da minha pintura."

As suas imagens são simples e claras como as grandes emoções das crianças ao verem a solenidade de uma procissão; a alegria de um papagaio-estrela de papel colorido, ao imaginarem a sereia das lendas que a tradição conta. Mas é com igual emoção que pinta os retratos da família e dos filhos, como que os acrescentando às maravilhas da infância.

Depois, devido a razões pessoais, Sarah Afonso entrou infelizmente numa longa paragem em relação à pintura. No entanto, em 1970, ano da morte de seu marido retomou o desenho, e realiza muito belas ilustrações de

livros infantis. Já desde os desenhos de Paris ("A Menina das tranças"), através da fase de evocação popular do Minho, até às suas últimas ilustrações, se torna bem clara a sua linha pessoal, pura, delicada, infantil e ingénua, mas com a marca forte de estilo, inconfundível, que é continuidade dos bordados e do artesanato popular, que afinal patenteiam as suas origens por certo eruditas, que também inspiraram Sonia e Robert Delaunay, a quando da sua permanência em Portugal, em 1915.

Os seus últimos desenhos têm uma grande maturidade, são completos, refletem um ponto muito alto da sua carreira, e da arte do desenho. Representam atmosferas, ou uma floresta inspirada num filme de Visconti, ou então um forte, pesado e denso ambiente de um antigo jardim de camélias na Beira, e também montes e aldeias solitários, o rio Mondego, ninfas evocando Camões...

Sarah Afonso morre em 1983, com 84 anos. Como muito bem disse, "as pessoas vão vivendo, e deixando coisas pelo caminho."

Maria José de Almada Negreiros
Junho 86

Transcrição parcial da referência a Sarah Afonso no Dicionário da Pintura Universal - Edição Estúdios Côr-

"...depois duma intensa actividade, retirou-se voluntariamente das lides artísticas - com manifesto prejuízo da cultura portuguesa. A pintura de Sarah Afonso inspira-se directamente nas formas da arte popular e mais particularmente do Minho

onde a artista passou a infância. A sua aproximação no plano iconográfico e ao nível da criação poética arreda-se porém de qualquer exploração folclórica que contemporaneamente se realizou. Festas populares com "Procissões", "Casamentos", "Brinquedos de Feira", "Carroceis", "Contos", "Bandas de Música", constituem temas saborosos tratados numa visão de "primitivista" encantada. Senhora de segredos pictóricos no emprego corajoso das cores de alegre viveza, iluminadas por uma luz solar e um desenho de graciosa elasticidade - é capaz de retemperar a sua imaginação nas fontes puras duma feérica imaginação infantil..."

Sarah Afonso was born in Lisbon on 13th May 1899 but her whole life was influenced by the Minho where she spent her childhood. She studied painting at the Escola Superior de Belas Artes in Lisbon under Columbano, who selected her for very special attention, even returning to give her private lessons after his retirement.

In 1924 she went to Paris to further her studies which was not possible in the rather provincial Lisbon of that time, and she moved in artistic circles which was very beneficial to her professional development. In 1928 she was one of the many artists included in the Salon d'Automne exhibition at which her painting "Meninas" received acclamation and her name appeared in the press alongside those of Fugita and Van Dongen. However, in that same year she had to return to Portugal to take over the running of the home and care for the younger members of the family as her mother was dying. In between household duties she embroidered and drew. She did more painting than drawing as, at that time, drawings were to be filled with paint, preferably oils. But drawing was obviously of great importance to the composition of the picture and as a means of expression.

She took part in some collective exhibitions and had some solos. At times, she showed embroidery also in which the motifs were inspired by her life in the Minho, showing processions, wayside shrines, etc. The subject matter of her paintings included everything from portraits of her own family to landscapes.

From the beginning she was well received by the critics. Manuel Mendes had the following to say about an exhibition of Sarah Afonso's work at the Galeria Bodone: "It is most charming when one finds a childlike outlook and naughtiness in adults. They have retained a refreshing

zest for living and they see the world as a beautiful place. That is why an artist like Sarah Afonso is such a delight - her work reminds us of long-forgotten sensations. That fresh approach to life which we once had, our belief in the more beautiful world - which seemed to have been completely lost in the subconsciousness - is once again aroused. It is a wonderful stimulant. One could say that it reminds us of the long forgotten dreams of childhood."

Diogo de Macedo declared: "Sarah Afonso is different because she paints, and especially because she paints differently to everyone else. She stands alone, and that makes her a rebel. It is most extraordinary that Sarah Afonso only sees life through a child's eyes, pure and innocent. Happiness, without a hint of gloom, shines through her work. It is uncomplicated, very feminine, adorable. Her subjects are usually children and her children are beautiful dolls, some rich, some poor, but always dolls. There are people who are of the opinion - because it is the easiest answer - that she plays at painting, but I swear that she suffers: that she studies deeply, that she is better educated than most; that her compositions, her emotions, the intensity of her fascination, her paintings, her embroideries, her drawings, spring from deeply felt, meditated and experienced events. To love dolls is to understand a secret world which is protected by that love... In the end, life, which is so complicated, can be reduced to just intelligence and love, and this is all that Sarah Afonso concedes to her dolls. This is the reason behind her art the life of her painting. It is an enchanting and subtle art; she uses a gentle perversity of expression which captivates and disturbs us. Sarah Afonso is not ruled by the head; rather is she an emotional person but she explained herself better than anyone else could when she wrote in a catalogue: "I look for feeling in nature. I don't just paint what I see."

In 1933 she married the great painter José Almada Negreiros. From 1934/35 her painting went through a truly original phase, not only as regards her own work but in relation to the art of the time. She declared: "All those processions and shrines used to fascinate me and later I began to use them as motifs for my embroidery. José told me one day that it was a good line to follow and out of my embroidery grew the best known of my paintings."

Her pictures are as simple and clear as the emotions of children attending solemn processions, or enjoying a star-shaped kite made of coloured paper, or trying to imagine the mermaid in the fairy tales they are told. The same feeling went into the family portraits and those of her children. It was a short but productive period. Later, for personal reasons, she regrettably almost gave up painting.

After the death of her husband in 1970 she started drawing again, and illustrating children's books - something she had been doing all her life.

Her personal touch is always identifiable in her

work, whether in the drawings done in Paris ("The Girl with Plaits"); the phase showing the traditional Minho way of life, or in her most recent illustrations - that pure, delicate, feminine, childlike and innocent touch, combined with a well-defined style of drawing. Throughout she was inspired by everyday life, as known in her childhood and never abandoned even after excellent schooling. Those same themes were the inspiration for Sonia and Robert Delaunay when they stayed in the north of Portugal.

Her last drawings show great maturity and are completely satisfying, obviously having been executed when she was at the height of her career. Their subject matter is atmosphere; or forests vaguely inspired by Visconti films; or the strong, dense ambient of a camélia garden in the Beira province; or farmhouses and abandoned villages; the river Mondego, and nymphs calling out to Camões...

Sarah Afonso died in 1983 aged 84 years. As she once said: "People just go through life leaving things behind them."

Maria José de Almada Negreiros
June 1986

SARAH AFONSO

Born in Lisbon in 1899. Studied Painting at the Escola das Belas Artes in Lisbon where she was one of the last students of Columbano. Was in Paris in 1923/24 and 1928/29 where she exhibited at the Salon d'Automne (1928). Exhibited alone in Lisbon in 1927.

Married to the painter Almada Negreiros, she withdrew of her own accord from artistic circles after almost 15 years of intensive activity, and her departure was a patent loss to Portuguese culture.

Sarah Afonso's painting takes its inspiration directly from native art forms and especially from the Minho where she spent her childhood. Her individual style of drawing and level of poetic creativity were

completely independent of any contemporary folklore revivalist movements. Public "Festas" with "Processions", "Weddings", "Fairground Amusements", "Merry-go-rounds", "Story-telling" and "Bands" were some of her delightful themes, treated in a charming primitive fashion. Expert and courageous in the use of dazzling bright colours, illuminated by sunlight, and with a fluidity to her line-drawings, she can reactivate your imagination at the unspoiled source of a wondrous childlike imagination.

In its pure form Sarah Afonso's paintings see the world in its true light and with the frankness of a child, and her own childlike vision is obvious in her portrayals of children playing with paper kites or in portraits executed with loving attention...

ÓLEOS / OILS

1 - Auto-Retrato	1927	10 - José	1920 (?)
2 - Procissão	1940 (?)	11 - Meninas	?
3 - Anemonas	1924	12 - Rapaz dos Bois	?
4 - Au bord de la Merne	1924	13 - Pastor	?
5 - Paisagem	1924	14 - Duas meninas com jarra	?
6 - Meus Filhos	1947	15 - Maternidade	?
7 - Retrato de meu filho c/ fundo azul	1936	16 - Menina das tranças	1940 (?)
8 - Sereia	?	17 - Duas meninas com leque	1930
9 - Lucilia	1920 (?)		

GRAVURAS / ETCHES

18 - Mãe e duas filhas	?	21 - Sereia	1960 (?)
19 - O menino e a Estrela	?	22 - Nossa Senhora da Nazaré	1940
20 - Maternidade	1930		

ILUSTRAÇÕES PARA CRIANÇAS / ILLUSTRATIONS FOR CHILDREN

23 - Gato	1971	25 - Pombos	1971
24 - Cordeirinhos	1971		

DESENHOS A LÁPIS / DESIGNS IN PENCIL

26 - Flores Selvagens	1972	30 - "Sola Sapato Rei Rainha"	1973
27 - Flores Selvagens	1972	31 - Retrato de Ana	1947
28 - Flores Selvagens	1972	32 - Retrato de minha irmã Paula	?
29 - Jardim de Camélias	1972		

33 - Figurino para a peça de Almada Negreiros "Antes de Começar"			1956
<i>Costume design from the theatre production "Before Starting" by Almada Negreiros</i>			

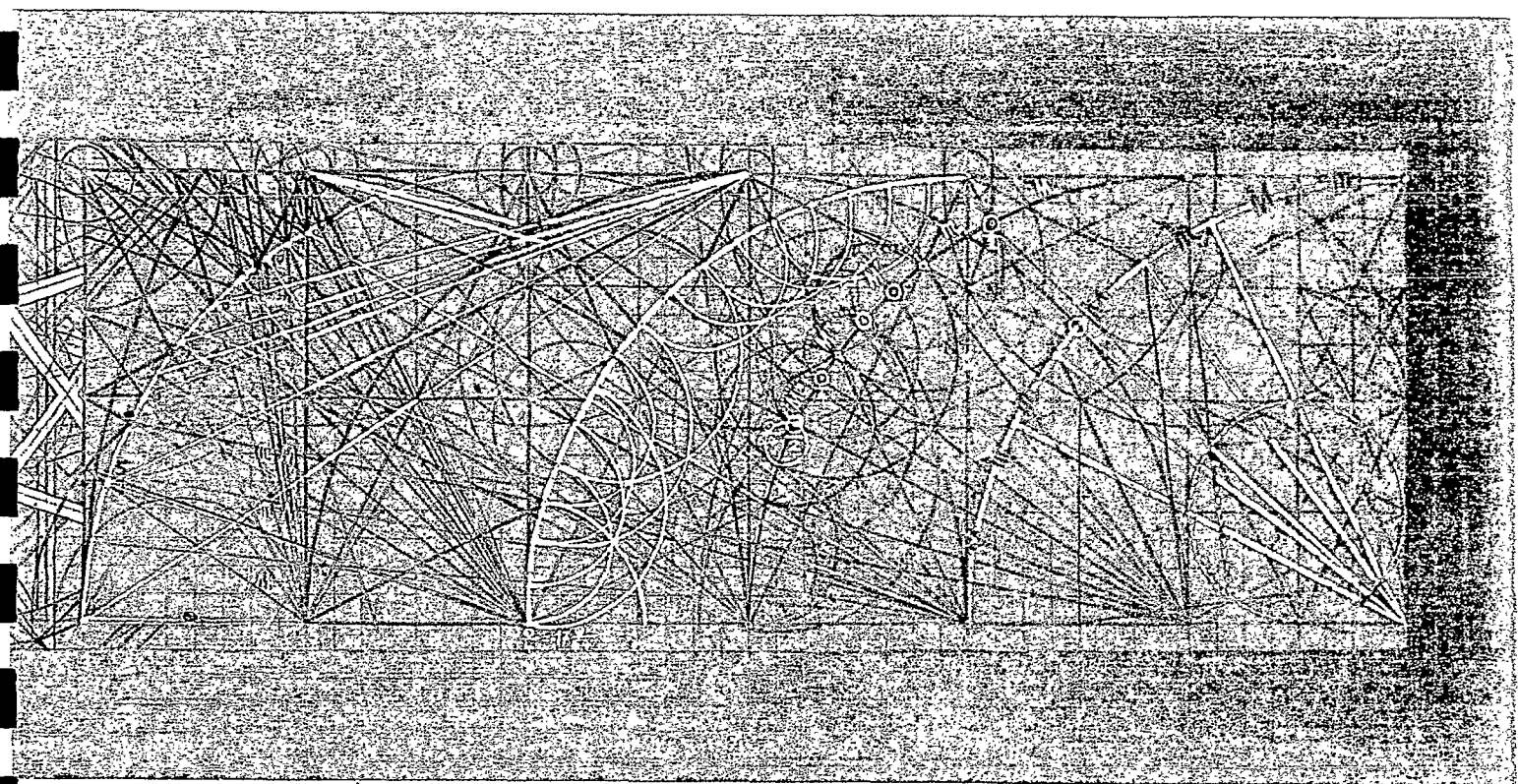
Catálogo nº 12

1995 (Junho) - Catálogo da Exposição "*Sarah Affonso e José de Almada Negreiros*",
Oeiras, Galeria Verney.

SARAH AFFONSO

E

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS



SARAH AFFONSO

E

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

Exposição conjunta de pintura, só agora possível de realizar, pondo a par a obra destes dois pintores que, apesar de se terem influenciado mutuamente, de um com o outro terem vivido casados até ao fim das suas vidas, tiveram percursos individuais completamente independentes.

Eles preencheram, cada um à sua maneira, lugares importantes no mundo intelectual e artístico que protagonizaram durante os anos que entre nós permaneceram, um período de cerca de oito décadas, em que fizeram da própria vida uma obra de arte que não sairá jamais das nossas memórias.

Unir na arte, o que a vida jamais separou: José de Almada Negreiros e Sarah Affonso. A Livraria-Galeria Verney dificilmente poderia resistir ao desafio de um projecto que visa uma exposição conjunta das duas obras, para mais tratando-se de uma experiência surpreendentemente inovadora. Pôr lado a lado a irreverência creadora de Almada e a serenidade encantada de Sarah, a obsessão futurista face à recreação de memórias de infância, a descoberta de novas geometrias das formas face ao primado da cor e da luz.

Com esta iniciativa, mais uma vez se regista a preocupação — que se pretende orientadora das actividades da Livraria-Galeria Verney — de integrar numa mesma exposição diferentes formas de expressão artística. Almada é um expoente na cultura portuguesa desse ecleticismo: pintor, desenhador, poeta, ensaísta, dramaturgo, romancista... Por isso, mais do que uma homenagem a dois grandes nomes da cultura portuguesa, pretende-se homenagear a própria criação artística, sem estar sujeita aos vícios da especialidade ou aos limites de visões compartimentadas.

Isaltino Afonso de Moraes
Presidente da Câmara Municipal de Oeiras

SARAH AFFONSO

Nasceu em Lisboa em 1899.

Diplomada em pintura pela Escola de Belas-Artes, onde foi a última aluna de Columbano.

Foi distinguida sempre pela crítica desde a sua primeira exposição.

Em 1924, foi para Paris.

Em 1928, numa exposição no «Salon D'Autonne», no «Grand Palais», foi citada pela melhor crítica francesa, de então, entre os grandes nomes da pintura moderna.

Na originalidade e na novidade da sua linha pessoal, pura, delicada, por vezes feminina, até infantil e ingénua, utilizou a continuidade das linhas dos bordados e da arte de inspiração popular.

Manteve sempre a sua forte expressão própria, evoluindo e amadurecendo ao longo dos anos, demarcando-se de todas as influências.

... «*Entreí na pintura por emoção...*»

Foi para a pintura pela emoção que sentiu, em pequena, ao ver as primeiras imagens do mundo, impressões essas que sempre recordou em toda a sua vida e na sua obra.

De um primeiro período em que pintou retratos com grande disciplina, aplicação ao trabalho, atenção ao desenho e à composição, revelando um bom domínio técnico da pintura a óleo, é desse período: *Auto-retrato*.

A educação, o ensino, o estudo e o melhor que viu dos museus, das exposições, de Paris, levaram-na a pintar, estimulada por Matisse, em 1924: *Anémonas*.

A evolução da sua personalidade foi-se afirmando e entrou numa fase nova e verdadeiramente original na sua obra e na arte em geral, como que evocando recordações de parte da infância passada no Minho: *Procissão na Aldeia*.

Às imagens da arte de inspiração popular foi buscar a continuidade das linhas dos bordados, estudando-os e executando-os, como este, na forma ingénua de ex-voto religioso: *Alminhas*.

Com essa magia a aparentar infantil aparecem: *Retrato dos Filhos*; flutuando no ar envolvido pelos brinquedos, *Retrato do Filho*; e suspensa como numa lenda onírica, *Sereia*.

Obras expostas:

SARAH AFFONSO:

- 1 *Auto-Retrato*, 1923, 50 × 40 cm, óleo sobre tela
- 2 *Anémonas*, 1924, 40 × 35 cm, óleo sobre tela
- 3 *Procissão*, 1934, 110 × 70 cm, óleo sobre tela
- 4 *Alminhas*, 1935, 47 × 37 cm, bordado lã sobre linho
- 5 *Retrato do Filho*, 1936, 100 × 80 cm, óleo sobre tela
- 6 *A Sereia*, 1939, 120 × 80 cm, óleo sobre tela
- 7 *Retrato dos Filhos*, 1947, 50 × 40 cm, óleo sobre tela

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS:

- 8 *Auto-Caricatura*, 1912, 62 × 45 cm, tinta da china sobre cartão
- 9 *Auto-Retrato*, 1927, 46 × 38 cm, óleo sobre tela
- 10 *A Engomadeira*, 50 × 40 cm, óleo sobre tela
- 11 *Meninas Sentadas Lendo*, 105 × 101 cm, óleo sobre tela
- 12 *Anjo Azul*, 102 × 89 cm, óleo sobre tela
- 13 *Cabeça de Mulher*, 1939, 63 × 53 cm, óleo sobre tela
- 14 *Auto-Retrato*, 62 × 62 cm, técnica mista, arame sobre cartão
- 15 *Número de Ouro*, 200 × 209 cm, óleo sobre tela
- 16 *Começar*, 1969, 31,5 × 129 cm, técnica mista, tinta da China, guache sobre papel

Sarah Affonso
Auto-Retrato
Óleo s/reta
50 x 40 cm

Almada Negreiros
Auto-Retrato
Óleo s/reta
46 x 38 cm



O Presidente da Câmara Municipal de Oeiras tem o prazer de convidar V. Ex.^a para a inauguração da exposição de Sarah Affonso e José de Almada Negreiros, na Livraria-Galeria Verney, na Rua Cândido dos Reis, n.º 90, em Oeiras (próximo da Igreja Matriz), no dia 23 de Junho (6.^a feira), pelas 21h30.



Lerney
livraria e galeria
municipal

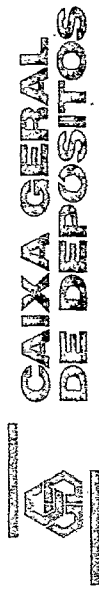
Sarab Affonso

e

Almada Negreiros



Apoio de:



V. | (44) 211 44 44 |

Livraria - Galeria Verney

Rua Cândido dos Reis, 90 - 2780 Oeiras • Telefone: 442 79 47 • Fax: 442 79 97

Horário: Terça a Sábado, das 13.00h às 19.30h

Catálogo nº 13

1996 (Março/ Maio) - Catálogo da exposição “ *Almada Negreiros e Sarah Affonso* “ ,
Cascais, Palácio da Gandarinha.

San of Alfonso
Admiral

Sarah Affonso
Almada

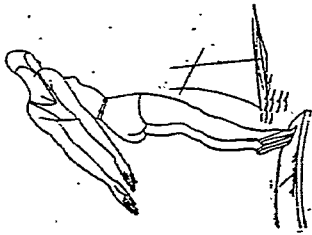
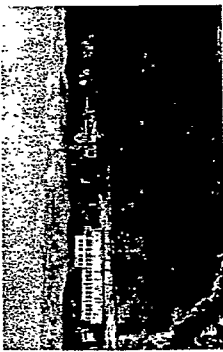


EXPOSIÇÃO CONJUNTA SARAH AFFONSO E JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS
EM CASCAIS

29 MARÇO - 26 MAIO 1996



EM CASCAIS o passado Elvira Freire Sobral costumava passar as férias com a família. Al conhece António de Almada Negreiros com quem vem a casar, em S. Tomé, onde lhes nasceram dois filhos, José e António.

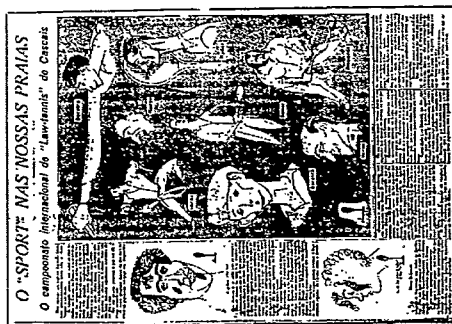


Horas da terra



ELA - Jovem, que todos se milha no abraço seu no Casino. ELA - Enão para não pôde-se ir adormecer!

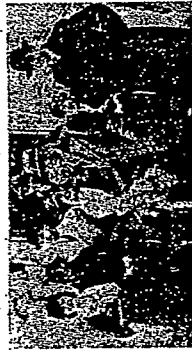
• José Sobral de Almada Negreiros, desde a sua adolescência e Juventude, deixa-nos documentada Cascais em desenhos e crónicas.



Inglês na linha de Cascais

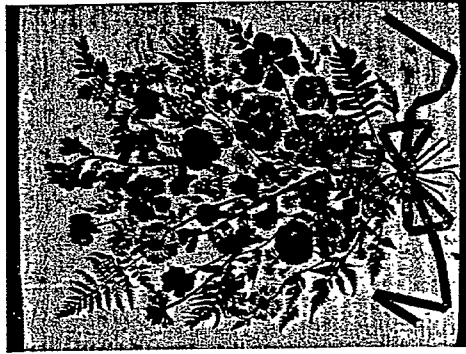
ELA - Isto como pagamos, é maravilhoso de lizesse... ELA - Ora! Se lizessemos tudo isso, não tinha gra... co reutilizar...

CASAMENTO DE ARTISTAS.



• Casa com Sarah Affonso e passam uns dias da lua de mel no Estoril - no Hotel Paris.

• Pouco tempo depois vêm para o Concelho, para a sua casa em Bicesse, onde a partir dos finais da década de trinta estudam e realizam grande parte das suas obras.



Exposição conjunta de pintura, pondo a par a obra destes dois pintores que, apesar de se terem influenciado mutuamente, de um com o outro terem vivido casados até ao fim das suas vidas, tiveram percursos individuais completamente independentes.

Eles preencheram, cada um à sua maneira, lugares importantes no mundo intelectual e artístico que protagonizaram durante os anos que entre nós permaneceram, um período de cerca de oito décadas, em que fizeram da própria vida uma obra de arte que não sairá jamais das nossas memórias.



SARAH AFFONSO

Nasceu em Lisboa em 1899.

Diplomada em pintura pela Escola de Belas-Artes, onde foi a última aluna de Columbano.

Foi distinguida sempre pela crítica desde a sua primeira exposição.

Em 1924, foi para Paris.

Em 1928, numa exposição no «Salon D'Automne», no «Grand Palais», foi citada pela melhor crítica francesa, de então, entre os grandes nomes da pintura moderna.

Na originalidade e na novidade da sua linha pessoal, pura, delicada, por vezes feminina, até infantil e ingénua, utilizou a continuidade das linhas dos bordados e da arte de inspiração popular.

Manteve sempre a sua forte expressão própria, evoluindo e amadurecendo ao longo dos anos, demarcando-se de todas as influências.

...«Entre na pintura por emoção...»

Foi para a pintura pela emoção que sentiu, em pequena, ao ver as primeiras imagens do mundo, impressões essas que sempre recordou em toda a sua vida e na sua obra.

De um primeiro período em que pintou retratos com grande disciplina, aplicação ao trabalho, atenção ao desenho e à composição, revelando um bom domínio técnico da pintura a óleo, é desse período: *Auto-retrato*.

A educação, o ensino, o estudo e o melhor que viu dos museus, das exposições, de Paris, levaram-na a pintar, estimulada por Matisse, em 1924: *Anémonas*.

A evolução das sua personalidade foi-se afirmando e entrou numa fase nova e verdadeiramente original na sua obra e na arte em geral, como que evocando recordações de parte da infância passada no Minho: *Procissão na Aldeia*.

As imagens da arte de inspiração popular foi buscar a continuidade das linhas dos bordados, estudando-os e executando-os, como este, na forma ingénua de ex-voto religioso: *Alminhas*.

Com essa magia a aparentar infantil aparecem: *Retrato dos Filhos*; flutuando no ar envolvido pelos brinquedos, *Retrato do Filho*; e suspensa como numa lenda onírica, *Sereia*.

Nasceu r

Veio para

Autodida

como cas

«Moderni

Desde o

actividad

Foi criad

Foi para l

Dedicou l

sinais no

Tem uma

designer,

«O mais

Foi, desd

o movime

expõe, co

O import

por todo

Trazido d

seu comp

«Está acti

traço e co



JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

Nasceu em S. Tomé, em 1893.

Veio para Lisboa, onde fez as primeiras letras e o liceu.

Autodidacta, muito novo manifestou a exuberância das suas aptidões. Os aspectos multifacetados da sua criatividade levaram-no, como caso único, a todas as formas de intervenção e agitação no meio intelectual e artístico, sendo protagonista no nascimento do «Modernismo».

Desde os anos dez, participou em exposições, aparecendo no grupo dos «Humoristas Portugueses». Simultaneamente, a sua actividade literária levou-o a integrar-se no movimento do «Orpheu», em 1915, ao lado de Fernando Pessoa e Mário Sá Carneiro. Foi criador dos primeiros bailados modernos em Portugal, como coreógrafo e bailarino.

Foi para Paris, em 1919. Regressando a Lisboa, partiu para Madrid, em 1927, onde desenvolveu grande actividade literária e plástica. Dedicou uma importante parte da sua vida, desde muito cedo, à investigação da composição em arte, sua geometria e primeiros sinais nos vários períodos da humanidade.

Tem uma importante obra de ficção literária, a par de uma longa vida de pintor, tendo deixado, em desenho e pintura, como *designer*, ilustrador, figurinista, vitralista e muralista, um dos maiores testemunhos deste século.

«O mais difícil não é ser como os grandes é ser igual a si próprio»

Foi, desde muito cedo e em todas as formas de toda a sua criatividade, um inovador, um modernista profético. Pode considerar-se o movimento dos «Humoristas» como um alvor do «Modernismo», surgindo logo na primeira década do século, onde, muito novo, expõe, como é exemplo a pintura datada de 1912: *Auto-caricatura*.

O importante período de vivência, convivência, permanência e de trabalho passado em Madrid, cidade agitada, aberta e visitada por todo o mundo, é representado, em 1927, pelo *Auto-retrato*.

Trazido da memória da sua obra literária terá surgido como evocação da sua novela, tão elogiada pelo próprio Fernando Pessoa, seu companheiro do «Orpheu», que, a propósito, se referiu a ele nestes termos:

«Está actualmente um homem de génio, em absoluto uma das grandes sensibilidades da literatura moderna...». E ainda: «Fixa em traço e cor o sorriso da sua alma atenta».

Terá sido, portanto, essa sua novela que o levou a pintar o quadro com o mesmo nome: *Engomadeira*.

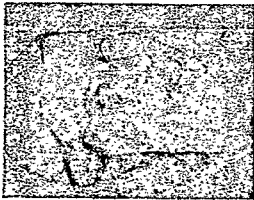
O factor de grande interesse, para além do equilíbrio e da elegância da composição, é sobretudo a exuberância da cor que mostra bem a intenção com que foram pintados os quadros que foram encontrados enrolados, desde que foram feitos até há poucos anos, e, portanto, completamente protegidos da acção erosiva da luz e do tempo, que os faz parecer terem agora nascido: *Meninas Sentadas Lendo*, e descendo azul do céu à terra para apanhar a estrelinha que caiu, o *Arjo Azul*.

A força deste óleo de 1939 — *Cabeça de Mulher*, faz-nos pensar nos enormes frescos que fez nas gares marítimas de Alcântara e da Rocha de Conde de Óbidos.

O vanguardismo das suas posições e das suas atitudes levam-no, muitas vezes, a propostas aparentemente agressivas e desconcertantes, como pode exprimir este objecto de arame em forma de *Auto-retrato*.

A sua dedicação permanente, desde muito novo, ao estudo de uma forma geral dos primitivos, do arcaico, dos primeiros movimentos, dos sinais, dos registos, da «anterioridade» que, segundo ele, sempre teve uma importância emanancialmente mágica para toda a humanidade, a linguagem abstracta e coerente da geometria (que alguns chamam geometria secreta dos pintores), levaram-no, na fase mais avançada da sua pintura, a fazer quadros como *Número de Oiro* e a deixar-nos, como testamento final de toda a sua obra, o que ele referiu como sendo toda a história do «Número», o grande painel gravado em pedra à entrada da sede da Fundação Calouste Gulbenkian, a que deu o nome significativo de: *Começar*.

TOPE DE BUNADA NEGRINHOS
MARÇO DE 1996



SARAH AFFONSO

- 1 *Auto retrato*, 1923, 500 x 400 mm, óleo sobre tela Col. particular
- 2 *Au bord de la Merne*, 1928, 470 x 390 mm, óleo sobre tela Col. particular
- 3 *Anémonas*, 1924, 400 x 350 mm, óleo sobre tela Col. particular
- 4 *Menina de tranças*, 350 x 250 mm, lápis sobre papel. Col. particular
- 5 *Menina com anémonas*, 1927, 740 x 950 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 6 *Menina sentada com limão*, 1927, 670 x 780 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 7 *Senhora com gato*, 1928, 1000 x 800 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 8 *Mãe de M.^a Helena Vieira da Silva*, 1926, 800 x 650 mm, óleo sobre tela. Col. Dr.^a Susana Parente
- 9 *Meninas*, 1928, 920 x 770 mm, óleo sobre tela. Museu do Chiado
- 10 *Retrato de sua irmã Lucilla*, 1000 x 750 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 11 *Irmã Paula*, 380 x 295 mm, tinta da china sobre papel. Col. particular
- 12 *Retrato da filha Ana Paula*, 500 x 400 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 13 *Ilustrações de histórias*, (220 x 270) mm. Col. particular
- 14 *Ilustrações de histórias*, (220 x 270) mm. Col. particular
- 15 *Ilustrações de histórias*, (220 x 270) mm. Col. particular
- 16 *Menina com boi*, 810 x 750 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 17 *Retrato dos filhos*, 1947, 500 x 400 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 18 *Retrato do filho*, 1944, 620 x 500 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 19 *Alminhas*, 1935, 470 x 370 mm, bordado, lã sobre linho. Col. particular
- 20 *Lavadeiras*, 760 x 670 mm, óleo sobre tela. Col. Eng.^o Orlando Viegas
- 21 *Lavadeiras com bois*, 1000 x 800 mm, óleo sobre tela. Col. Dario Martins
- 22 *Sarah Affonso e filho*, 1935, 500 x 650 mm, lápis sobre papel. Col. particular
- 23 *Baileirinos*, 1500 x 1500 mm, bordado a ponto de Castelo Branco, sobre desenho de Almada. Col. particular
- 24 *Anjo*, 1955, 1310 x 800 mm, bordado com aplicações sobre linho cru (executado pela filha Ana Paula). Col. particular
- 25 *Peixes e plantas*, 1972, 500 x 500 mm, lápis de cor e grafite sobre papel. Col. particular
- 26 *Signos*, 600 x 600 mm, painel de azulejo. Col. Galeria Ratton Cerâmicas

- 27 Sereia, 300 mm diâmetro, prato, cerâmica policromada. Col. particular
- 28 Proissão, 1934, 1100 x 700 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 29 Retrato do filho, 1936, 1000 x 800 mm, óleo sobre tela. Col. particular
- 30 Sereia, 1939, 1200 x 800 mm, óleo sobre tela. Col. particular

« Tudo o que sobe converge » — Teilhard de Chardin.

A comparação das obras de Sarah Affonso e de Almada Negreiros revelam algumas semelhanças e algumas diferenças. Um as outras são interessantes.

Entre as semelhanças, podem ser notadas as seguintes: o uso de cores claras, geralmente aplicadas lisamente e nitidamente contornadas; a temática inspirada pela vida quotidiana, perto do povo e dos seus mitos.

Entre as diferenças, avultam: a geometrização dos contornos e a estilização dos valores luminosos, em Almada Negreiros, com o seu espírito fortemente construtivista; em Sarah Affonso, o lirismo manifestava-se de modo mais livre e directo. O construtivismo e o lirismo são dois modos ascendentes de afirmação da vida humana. Podem conjugar-se em doses variadas, numa mesma personalidade; e no diálogo de duas personalidades. O construtivismo de Almada está no seu intelecto; o de Sarah, na proibidade oficial. O lirismo de Almada está no seu sentido do Cosmos; o de Sarah está no intimismo, no apego ao mundo tangível, no ornato, nas tradições dos camponeses.

A pintura de Sarah Affonso revelou, inicialmente, uma tendência para o retrato, talvez sob o fascínio do exemplo de Columbano, que foi seu mestre na Escola; mas a cor era a oposta da desse retratista, assim como o sentido de volumes, mais tangíveis. Alguma proximidade com a obra de Eduardo Viana é passível de ser descoberta; mas, tal como aconteceu com esse companheiro de Amadeo, as cores da natureza minhoto confirmavam as teorias da cor e da luz de Robert Delaunay; e o exemplo dos brinquedos e dos trajes populares não escaparam ao olhar arguto da grande inspiradora Sónia Delaunay. Mas Sarah tinha a vantagem de ter absorvido esse cromatismo esplendoroso na sua infância.

Harmoniosamente, Sarah soube cultivar os dados da natureza. A natureza da terra onde viveu e a sua própria natureza. Como tudo o que foi vivido na infância, foi no mundo onírico que esses e outros dados se recriaram, se assumiram, se exprimiram. « Perante a Natureza, procuro a emoção [...] e faço por ser coerente e sincera », escreveu ela no catálogo do Salão dos Independentes (SNEA, 1930). Neste Salão, apresentou o seu quadro « Meninas », que já mostrara em Paris, quadro pleno de lirismo, onde assumiu poeticamente a ingenuidade.

Nesse mesmo ano, alguns dos bordados de Sarah inspiraram-se em imagens populares do Minho da sua infância, como as imagens do Purgatório, onde as « Alminhas » aguardam da caridade terrestre um auxílio para a sua Salvação. Outros quadros misturaram o maravilhoso cristão com o maravilhoso pagão: a Virgem Maria e a Sereia.

Uma correcta adequação de técnica-temática-função é verificável, por exemplo, na tapeçaria intitulada «As Quatro Estações», que abdica de qualquer irracionalismo simbolista, para se manter no âmbito mais convencional das alegorias. No sentido pleno de decoração, tal tapeçaria é imediatamente legível e agradável.

A temática de sentido feérico adopta soluções plásticas que servem também temas muito próximos da vida quotidiana. Os objectos, modelados simplifcadamente, são «empurrados» para cá da tela, devido ao vigor cromático dos fundos lisos. Assim, um retrato do seu filho, visto adoradamente como se fosse um Menino Jesus, mostra o bebé emoldurado de brinquedos tradicionais. Num outro quadro, o retrato colectivo da «Família» (1937), Sarah representa-se juntamente com o marido, ambos à janela, aberta; sobressaindo do fundo azul celeste, a criança parece escapar à força da gravidade, tal como o barco. A vidraça está decorada com rendas. O rendilhado é também evidenciado noutra quadro, «Casamento na Aldeia», valorizando o vestido branco da noiva. O gosto pela decoração, a fantasia das cenas e a simplificação formal aproximavam a artista da sensibilidade popular. A pintura de Sarah Affonso fala-nos, pois, da ingenuidade como sabedoria e da alegria como coisa séria. «A coisa mais séria da vida», a alegria, disse-o Almada.

Na sua brevidade, este aforismo de Almada coloca-nos imediatamente no domínio da sabedoria; e a imediatidade só à ingenuidade é possível acontecer. Por assim dizer: entrar em graça, ter a sensação da liberdade, chegar aonde já estava, reiluminadamente.

A cada momento é necessário reabilitar em cada pessoa a voz primordial, purificadora da sabedoria da vida.

É no milagre de obras como as de Sarah Affonso que se esclarece e fortifica uma crença quotidianamente vivida sobre a função da arte, no âmbito individual e no âmbito colectivo. Aí vai um cacho de citações.

«A arte é a maior alegria que o homem dá a si próprio» (Karl Marx).

«Quando a arte chega, a tristeza faz as malas e vai-se embora» (Jean Arp).

«Quando deixarmos de ser crianças, estamos mortos. É pura alegria o que vos dou» (Brancusi).

«A ingenuidade, tivesse ela apenas o poder de saciar em nós a nostalgia da infância, mereceria só por isso ser tomada como uma graça sem igual» (André Breton).

«A liberdade de interpretar edenicamente o mundo está reservada àqueles cuja infância cresceu sem abandonar a sua pureza primordial» (Tristan Tzara).

«Se há uma ascese na arte moderna, é para uma maior inocência» (Van Lier).

«Como é que se pode ultrapassar, se vamos todos para trás» (Almada).

Sarah Affonso conhecia bem as técnicas da pintura, tinha um admirável sentido artesanal. Mas não é isso que importa fazer apreciar. É antes a força íntima da sua visão e a coerência afectiva.

Se se disser que Sarah pintava como se obedecesse a ordens de um sonho ou de uma boa recordação, tal afirmação merece crédito. E se se disser que a sua arte era um acto voluntarioso, tal afirmação também merece crédito. Porque o nosso tempo recusa a natural criatividade.

«Eu não faço o elogio dos ingénuos, mas o da ingenuidade» (Almada).

Perante a vida e a obra de Almada Negreiros, compreende-se melhor a coerência da sua personalidade de artista total, quando em cada momento, se considera simultaneamente a multiplicidade dos seus diversos modos de expressão, e não quando se isolam as modalidades. E pode reparar-se que algumas das suas melhores obras constituem por si mesmas grandes sínteses, como acontece com os murais das gares marítimas.

Para o espectador, a importância das grandes obras reside no facto de nelas poder encontrar resposta mais completa para as mais arrebatadoras ansiedades e interrogações. Porque cada pessoa transporta consigo ansiedades e interrogações, por vezes dilacerantes, por vezes esperançosas; transporta no seu próprio interior, quando é pessoa de boa vontade, o desejo de ver claro; e procura na obra de arte um modo de estruturar a sua visão, tão plenamente quanto possível.

Uma grande obra de arte não é aberta, quando se presta a muitas interpretações, a muitas saídas; mas, sim, quando oferece muitas entradas. E cada um dos visitantes leais, é sempre conduzido para a mesma iluminação. Porque tudo, na obra de arte, apela para o melhor de nós próprios.

A arte reúne os que vêm de lugares diferentes e se aproximam dela de modos diferentes. A obra transforma as consciências. E desse sortilégio resulta que a arte é intransigência, sem qualquer violência.

São as grandes obras que explicam as menores. É o alto que explica o baixo. Dai advém a vantagem de conhecer e divulgar o mais possível a arte e a personalidade de um artista total, como foi Almada Negreiros.

Este artista, que um dia soube dizer que «a perfeição precede a exactidão», não receava que as formas alcançadas pelo seu instinto de perfeição constituíssem objecto do exame rigoroso. Para ele, a arte era linguagem perpétua. Almada não estava filosoficamente muito longe — e certamente sem o saber — do pensamento de Kerkgaard, para quem o acto perfeito é aquele que pode repetir-se indefinidamente. Se utilizo esta linguagem que não escolhe entre a ciência, a arte ou a moral, é porque o gosto pela nitidez, pela luz — que levou Almada a apaixonar-se pelos antigos gregos — consubstanciava-se com uma sua inteireza da fala, da própria atitude. Disse uma vez: «Nunca gostei de quem não sabe desenhar-se». E a mim declarou que ele se fazia a si próprio através da sua obra. Mais: os seus comportamentos e compromissos mudavam sempre que realizava obras novas. Assim, Almada era uma «personagem»; e a sua maneira de assumir-se como personagem estava ligada à sua obra.

Quem o ouviu falar reparou facilmente que ele tinha um sentido muito forte das artes do espectáculo. «Espectáculo» era para ele uma palavra que exprimia admiração. Expor, por exemplo, era «coragem de acometer um espectáculo», como disse num acto de simpatia, por ocasião de uma exposição de obras de estudantes da Escola de Belas-Artes do Porto, no início dos anos sessenta. As figuras que ele desenhou aparecem muitas vezes em gestos teatrais. Na gare da Rocha, as figuras humanas adquirem força teatral em simultaneidade com a força visual da forma. Quanto mais pura é a forma, mais nítido é o gesto: o braço que se estende para apanhar o boné caído à água; o pescoço que se evidencia no inclinar da cabeça; a agilidade de uma trapezista, incorporadas, arabesco, puro signo linear, o garoto que joga triunfalmente o ás de copas...

Real e imaginário confrontando-se na gare de Alcântara. Aí, as meninas lembram os versos de Cesário Verde; "Descalças! Nas descargas de carvão, desde manhã à noite, a bordo das fragatas". Também podem lembrar uma página do próprio Almada, em "Judith - Nome de Guerra", embora nesse livro se descreva a ribeira do Porto, numa cena que esteve ainda mais completamente ilustrada num guacho preparatório da pintura mural, guacho, onde, além das varinas se vêem homens. Nesse livro, escreveu Almada!

"Por contraste com a sua actividade, havia no cais uns homens sentados ao sol em sacas de serapilheira cheias de mercadoria. Para um destes homens aquelas dezenas de mulheres não eram todas a mesma; esperava sempre que essa passasse mais perto donde ele estava para lhe dizer o que tinha a dizer-lhe. A rapariga não fazia caso e seguia com as outras. Era um dito qualquer e talvez sempre o mesmo de todas as vezes que acontecia chegar a altura de ela passar por onde ele estava. Centenas de vezes, e não fálhou uma! Mas uma vez a rapariga vinha a meio da prancha com uma canastra carregadinha, e ele começou logo como de costume a gracejar com ela; sem ninguém esperar, ali mesmo em cima da prancha, parou de repente, despejou a canastra ao rio, apontou o braço livre na direcção ao tal homem e com o sangue todo nas faces disse-lhe esta única palavra:

- Desgraçador!

"Nunca mais esquece esta palavra".

As diversas artes que Almada praticou citam-se umas às outras e a si próprias, umas frases retomavam propostas e esboços anteriores. Este retomar de elas mesmas e umas das outras, como modos de fazer citações, transposições, redefinições, era fruto de um voluntarismo que merece cuidada análise, porque talvez esteja aí uma das chaves mesiras do seu construtivismo, entendido de uma maneira englobante.

São citações, transposições e redefinições a que não é alheio o sentido estético que, nos anos dez e vinte, foi explorado pelos bailados de Diaghilev, pela música de Stravinsky, pela pintura de Picasso, pela poesia e mitografia de Jean Cocteau, retomando o neoclassicismo, e, de outro modo, o sentido do espectáculo, de vivência comunitária, de vitalíssimas sinestias de Frederico Garcia Lorca.

Neste momento, não quero deixar de pôr em paralelo algumas frases e conceitos de Almada com frases e conceitos de Jean Cocteau e de Frederico Garcia Lorca, que definem uma atitude poética característica de certo estado de espirito dos anos vinte a que eu chamaria um construtivismo inspirado pelo mais puro lirismo.

Frase de Almada: "Nunca gostei de quem sabe desenhar-se".

Frase de Jean Cocteau: "É preciso cuidar da nossa linha interior".

Alguns, Almada fala do anjo da guarda, e diz que, por vezes, o seu anjo da guarda lhe pedia que fosse Almada o anjo da guarda dele. Cocteau escreveu: "Tiram-se as coisas de nós próprias. Exalámo-las, expirámo-las. Todos nós contemos um anjo e temos obrigações de ser os guardiões desse anjo".

Almada disse: "Ser moderno não é um modo de vestir, mas maneira de ser e de sentir". Cocteau escreveu: "Se fosse possível, eu gostaria de abrir um instituto de beleza para as almas. Não que a minha seja bela ou que eu conte fazer milagres. Mas para que o cliente cuide da sua linha interior".

Agora, a celeberrima frase de Almada: "A alegria é a coisa mais séria da vida".

Comparemos com Gracia Lorca: "No meio da gravíssimos conflitos sentimentais e por mais esmagado que eu esteja pelo amor, a sociedade, a fealdade, a mim próprio impuz como regra de vida e alegria, seja porque preço for, e aguento-me".

Almada escreveu: "Quereis saber se uma lei é boa ou má? Observem as suas consequências estéticas". Garcia Lorca: "Um povo sem arte está morto".

Mas centremos de novo a nossa atenção nas circunstâncias portuguesas, e da arrancada do modernismo.

O artista total, que foi Almada Negreiros, constituiu a espinha dorsal do modernismo português, desde o seu início. Foi em Almada que confluíram e se tornaram perenes as características estéticas dos pioneiros, tanto no domínio da literatura como no das artes de desenho, da dança e do teatro.

A geração que introduziu o modernismo em Portugal, caracterizou-se por várias atitudes entre as quais podemos salientar duas: a obsessão da originalidade e a passagem de um humor fútil aos actos provocatórios "futuristas".

Nas numerosas caricaturas que muitos artistas dessa geração realizaram, não apareceu nada equiparável ao génio de Rafael Bordalo Pinheiro, que todos admiravam; também não apareceu nada equiparado ao empenho político de um Leal da Câmara, nem à subtilidade e cultura de um Celso Herminio. Eram numerosos os caricaturistas superficiais. Havia necessidade de reflectir e seleccionar. Ora em 1913, o artigo sobre a arte da sátira publicado por Fernando Pessoa, a propósito da exposição individual de Almada, caracterizou, como se sabe, três géneros de espírito satírico.

Primeiro, aquele que é derivado do ódio e tenta produzir a revolta; segundo, aquele que resulta do desprezo e procura produzir o riso; terceiro, o espírito satírico causado pelo interesse fútil das coisas e cenas e que apenas produz o sorriso. Em cada um destes três géneros, Fernando Pessoa distingue três níveis de mérito artístico: (o genial, o talentoso e o meramente brilhante). Na sua maioria, os novos caricaturistas inscrever-se-iam seguramente no terceiro género e no nível mais baixo, isto é, as caricaturas de 1912 eram, na sua maioria, fúteis e apenas habilidosas. Fernando Pessoa distingue, porém, Almada Negreiros. Fernando Pessoa acreditava que Almada Negreiros, não manifestando génio, era mais do que um caso de mera habilidade e brilhantismo. Era talentoso.

Na camaradagem que então se intensificou entre os dois, Almada em breve convenceu Pessoa acerca dos seus méritos, no próprio campo de actividade deste: a literatura. Fernando Pessoa, em carta a Cortes Rodrigues, anunciando o "Orpheu 3", falou do génio literário de Almada, que nessa revista ficaria patente com "A Cena do Ódio".

Se repararmos no quadro de características e méritos proposto no anterior artigo de Pessoa, verificamos agora uma posição diametralmente oposta: Almada passou a ser conhecido como um génio na literatura e o seu espírito satírico manifestava ódio e revolta. Com a "Cena do Ódio" e com "A Engomadeira", Almada marcou o vanguardismo literário. São textos de rotura e de inovação, de certo modo precursores do Surrealismo na obsessão da série de imagens e de chaves dentro de chaves, até ao absurdo e humor. "O K4 quadrado Azul" é já outra coisa. É a nitidez, a atemporalidade maior.

Com "A Invenção do Dia Claro", Almada abandonou a atitude de rotura, para se concentrar na atitude construtiva, que, porém, era inteiramente inspirada pelo mais puro e elevado lirismo.

Nem pilhérias sobre o povo português, nem autopiedade. Depois, redigiu o romance "Judith - Nome de Guerra" numa visão rigorosamente oposta à de Eça de Queirós em "A Capital". O jovem não se perde em Lisboa; pelo contrário, encontra-se.

"Judith", se não é um livro auto-biográfico, é pelo menos um livro de aprendizagem. E também Almada se encontra a si próprio, como poeta original, tentando reaver a inocência.

A obsessão da originalidade, tão exarcebada em Sá Carneiro, transforma-se, em Almada, em responsável assumo do destino próprio, nem pessimista, nem optimista, não havendo entre ele e a vida qualquer mal entendido. Viajando pelo estrangeiro, aí compreendeu que um artista não devia estar fora da sua pátria.

Observando atentamente a obra de Picasso, Almada conseguiu colher relações da pintura com as outras artes (baillado, teatro), interiorizou as figuras dos saltimbancos e a do Arlequim; e a sua linha prodigiosa unificou o neo-classicismo e o cubismo sintético. É certo que, antes de sair de Portugal, Almada já dançara, como já desenhara e já escrevera. Mas foi nos anos vinte que estas diferentes práticas passaram a melhor se corresponderem e amadurecerem o seu pensamento.

Terá sido Almada um dos poucos artistas portugueses, senão o único, que entendeu o neo-classicismo, não como um desanimado abandono da modernidade, nem como mero reflexo dos retornos à ordem exigidos pelos políticos, numa Europa devastada pela Grande Guerra; mas, à maneira de Jean Cocteau, compreendeu o neo-classicismo como um momento audacioso e superior em que a modernidade se proclamava capaz de absorver o que antes combatera.

As "audácias do gosto" que, segundo Apollinaire, caracterizaram a geração dos cubistas, levando-os ao encontro ou ao reencontro das artes plásticas de outros povos e do passado europeu pré-renascentista, foram audácias que puderam então ter como consequência a firmeza do juízo estético, pois só há juízo estético, quando se enuncia em termos aplicáveis a todas as artes.

Cocteau foi o campeão parisiense da convivência das artes. Almada foi mais do que prometeia a vida colectiva lisboeta.

Escritor e artista plástico, Almada foi o único escritor que compreendeu Amadeo, Santa-Rita, Viana e os Delaunay. O único escritor, pois nem Pessoa, nem Sá-Carneiro revelaram saber olhar para uma obra plástica. Do mesmo modo, ele terá sido o único artista plástico a compreender, nos seus tempos de convívio, os poetas Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Também de nenhum dos seus companheiros de geração se mostrou ciumento; nenhum tomou como rival, como aconteceu em 1917 com Sata-Rita em relação a Amadeo.

Se à introspecção de Fernando Pessoa deve-se o heroísmo da realização solitária da grande obra que hoje se conhece, ao activismo de Almada deve-se a vibração espectacular do nosso "futurismo" e outras oportunas intervenções públicas, a que era preciso dar a cara.

Nos seus textos de intervenção, não era um analista, nem um sistemata, como Fernando Pessoa. Afirmava, ciente de que esse era um direito que lhe cabia, como criador, e cumpria o dever de comunicar; ciente de que, por competência própria, o pintor encontra e regista as evidências, mais do que os outros.

Como Picasso, Almada não procurava: encontrava.

Sem cálculo eram as suas observações geométricas: a consciencialização e utilização do evidente. Do desenho, arte do espaço, passou, de um modo muito próprio, à geometria, ciência do espaço. Não lhe bastava a comunhão das artes e da literatura.

Alargava o âmbito da sua presença activa à mãe das ciências; à matemática; e mostrava como a estrita experiência artística confirmava a superioridade do sistema numérico de base dez. Ele sabia. Tinha presciência. Porque, para ele, "a arte precede a ciência" e "a perfeição precede a exactidão".

Rui Mário Gonçalves

Catálogo nº 14

1999 (Janeiro / Março)- Catálogo da exposição "*Memórias de Viana, Sarah Affonso (1899-1999)*", Viana do Castelo, Museu Municipal de Viana do Castelo.

memórias de viana



Sarah Alfonso

Viana do Castelo

Sarah Alfonso

1899 - 1999

Tiana do Castelo

FICHA TÉCNICA

Título: *Sarah Affonso*
Complemento do título: *Memória de Viana*
Apresentação: *Defensor Moura (Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo)*
Textos introdutórios: *José Afonso de Almada Negreiros, Ana Vasconcelos e Melo e João d'Alpuim Botelho*
Editor: *Câmara Municipal de Viana do Castelo*
Data e Local da edição: *Viana do Castelo, 1999*
Arranjo gráfico: *Serviço de Publicações da Câmara Municipal de Viana do Castelo*
Composição e impressão: *Gráfica Casa dos Rapazes*
Tiragem: *500 ex.*
ISBN: *972-588-099-4*
Depósito legal: *133787/99*

SARAH AFFONSO: MEMÓRIAS DE VIANA.
Viana do Castelo, 1999

Sarah Affonso : *Memórias de Viana* / [apresent. Defensor Moura ; Pref. José Afonso de Almada Negreiros ; intr. Ana Vasconcelos e Melo e João d'Alpuim Botelho - Viana do Castelo : Câmara Municipal, 1999. - 36 p. : il. ; 22x22 cm. ISBN 972-588-099-4

I. AFONSO, Sara
I - Apresent. II - pref. III - Melo, Ana Vasconcelos e
IV - Botelho, João de Alpuim V - Tít.
CDU 061.4 : 75.071.1 SARAH AFFONSO



Organização:



Apoios:



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

LUSITANIA
COMPANHIA DE SEGUROS, SA

AGRADECIMENTOS

Arq. José Afonso de Almada Negreiros e sua família.
Sra. D. Paula Afonso.
Pianista Adriano Jordão
Pintor Manuel da Costa Cabral (Fundação Calouste Gulbenkian)
Dr. Jorge Molder (Fundação Calouste Gulbenkian)
Dra. Maria José Moniz Pereira (Fundação Calouste Gulbenkian)
Irmã Maria do Rosário Silva (Comunidade de S. José de Cluny)
Pe. Armando (Capela de Santa Catarina)
António Carvalho
Miguel Ângelo Sá
Rosa Gandra Lima
Arqta. Conceição Redol (C. M. Cascais)
Filomena Graça (C. M. Cascais)

Um agradecimento muito especial aos colecionadores que tornaram possível esta exposição emprestando gentilmente as suas obras e que preferiram manter o anonimato, bem como a todos os que por qualquer outra forma colaboraram para a sua realização.

Sarah Affonso

1899 - 1999

Viana do Castelo

memórias de viana

CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO

Museu Municipal

23 de Janeiro a 1 de Março

1999

Sarah Affonso passou a infância e a adolescência em Viana do Castelo e à convivência com o céu azul, o sol brilhante, o verde aveludado das encostas, a manta multicolorida das veigas, deixou - como se pode ver pela sua obra - marcas profundas na alma juvenil que perduraram pela vida inteira. Acrescentem-se a essas impressões os contactos afectivos com as gentes vivazes da Ribeira, com as habilidosas matriarcas das margens do Lima, lavradeiras, bordadeiras e verdadeiras senhoras da casa familiar. Também o bulício álaure das romarias com suas bandas filarmónicas, seus bombos e foguetório, suas piedosas procissões constituíram um acervo de lembranças e reminiscências a que uma alma sensível de artista não podia ficar alheia.

A exposição que acolhemos no Museu Municipal e vai ser aberta pelo Senhor Presidente da República, no encerramento das comemorações do sesquicentenário da cidade, é constituída por um conjunto de obras de Sarah Affonso que demonstram de forma evidente que Viana do Castelo, as suas gentes e a sua cultura, acompanharam a artista durante toda a vida e acudiram-lhe aos pincéis e às telas com uma frequência e força que muito lisonjeia todos os vianenses.

Pelo que se infere das obras expostas não precisaria a grande artista de escrever, já na fase mais madura da sua obra, que adorava Viana e que tinha sempre uma grande alegria quando cá vinha, porque nesses quadros se "lê" essa adoração e se presente a memória profunda e viva que de Viana do Castelo sempre conservou.

É para a nossa cidade uma grande honra que uma artista, do nível e da repercussão de Sarah Affonso, tenha encontrado na nossa terra tantos motivos para dar alimento à criatividade de uma pintora que renomados e exigentes críticos parisienses colocavam, na sua época, entre os grandes nomes da pintura modernista.

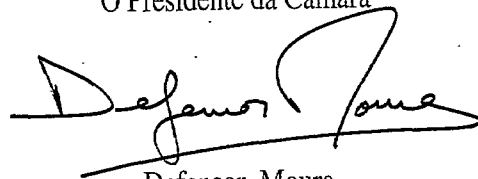
Nem mesmo a enorme projecção atingida pelo génio desassombrado de seu marido - o grande Almada Negreiros - ofuscou a visibilidade merecida por Sarah Affonso no panorama das artes plásticas portuguesas.

E como os lugares e as cidades valem pelo que são e pelo que inspiram, é com indifarsável orgulho que os vianenses acolhem esta expressiva manifestação artística da força motivadora de Viana do Castelo.

À Dra. Ana Vasconcelos, pelo apoio dado a este certame, ao arquitecto José Almada Negreiros, filho de Sarah Affonso, pelo empenho com que sempre acarinhou esta iniciativa e às duas entidades patrocinadoras, deve a Câmara Municipal uma palavra de apreço e gratidão.

Viana do Castelo, Janeiro de 1999

O Presidente da Câmara



Defensor Moura

Sarah Affonso
1899 – 1983

É uma das personalidades representantes do movimento artístico do modernismo, a primeira ou das primeiras entre as raríssimas mulheres que a partir da década de 20 participaram nas importantes exposições nacionais e internacionais. Foi distinguida pela crítica desde o princípio, foi citada pela melhor crítica francesa de então – 1928 — entre os grandes nomes da pintura moderna em Paris.

Deixa uma vasta obra em pintura e desenho, uma larga produção de ilustrações (sobretudo em livros infantis), fez cerâmica e tapeçaria, trabalhou em artes decorativas, dirigiu cursos de decoração, colaborou em revistas de arte e cultura, atenta às várias manifestações de artes tradicionais coseu, bordou e foi inspectora do ensino oficial neste sector.

Na pintura e no desenho a originalidade da sua expressão pessoal desenvolve a continuidade das linhas bordadas das artes de inspiração popular. As cores intensas e contrastadas, e as formas definidas pela luz clara são as do Minho, como do Minho foram as suas primeiras emoções ao ver o céu, os campos, as festas, as bandas de música, os coretos, os bombos, as procissões que retrata nos seus quadros.

É um reavivar dos seus primeiros anos da idade da memória no Minho, em Viana do Castelo, quando volta mais tarde, mesmo depois de casada com o pintor José de Almada Negreiros, que confirma na fase mais madura da sua obra:

*“Eu adoro Viana, quando lá vou
tenho sempre uma grande alegria”*

diz a minha Mãe e ensinou-me a dizer também.

JOSÉ AFONSO DE ALMADA NEGREIROS

VIANA DO CASTELO - JANEIRO 1999



“Eu adoro Viana, quando lá vou tenho sempre uma grande alegria.

Corro todos os sítios, levanto-me às 6 da manhã, de excitação, e tenho um enorme prazer em andar por Viana, que graças a Deus está mais ou menos na mesma, tirando umas construções altas logo à entrada e que ficam muito mal!”

“O Minho foi um grande centro de cultura e por isso mesmo um sítio onde a arte popular floresceu com tanta força! Porque não pode haver arte popular sem cultura e isso vê-se nas aldeias; onde não há cultura, a arte popular também não existe.”

M^ª. José Almada Negreiros, Conversas com Sarah Affonso

Biografia Sumária:

Nasceu em Lisboa em 1899 e em 1904 vem para Viana, acompanhando a sua família, onde fica ou até 1914. Já em Lisboa, entra com 15 anos para a Escola Superior de Belas-Artes, no curso de pintura, onde foi a última aluna de Columbano.

Expõe pela primeira vez em 1923, numa exposição com outros alunos das Belas-Artes e encorajada pela crítica parte para Paris onde passa o ano de 1924.

Participa no I Salão de Outono de Eduardo Viana em 1924 e em 26 no segundo. Em 1927 realiza a sua primeira exposição individual no Salão Bobone. Nesse mesmo ano volta para Paris, onde frequenta a Academia Grand Chaumière e expõe no Salon d'Automne onde é dado grande destaque ao seu quadro As Meninas. Regressa a Lisboa em 1929 e expõe com José Tagarro. Em 30 participa no I Salão dos Independentes e, no ano seguinte, no II Salão. Em 1932 volta a expor sozinha, na Galeria de O Século.

Em 1934 casa com José de Almada Negreiros e, em 1935 nasce o seu primeiro filho, José, em 1937, a segunda, Ana Paula. Costuma passar as férias no Alto Minho com a família, onde se inspira cada vez mais na simplicidade infantil e popular para os seus trabalhos.

Continua a expor e, participa na exposição dos Artistas Independentes em 1936. Em 37 expõe com Almada e Mário Eloy. Colabora na Exposição do Mundo Português e é-lhe atribuído um prémio no IX Salão de Arte Moderna, em 1944. Praticamente deixa de pintar por esta altura, embora ainda faça uma exposição, em 1953 na Galeria de Março e na II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1953.

Só depois da morte do seu marido, em 1970, se volta a interessar pelo desenho, com um traço de grande maturidade e beleza. Morreu em 1983, aos 84 anos.

Sarah Affonso

SARAH AFFONSO *memórias de viana*

Que Sarah Affonso ficou marcada pela sua infância passada em Viana do Castelo é uma verdade que a sua obra confirma em cada tela... O Minho é não só um dos seus motivos principais, como está quase sempre presente, de forma insinuada, em todos os trabalhos que realizou.

Se essa marca é fácil de verificar, já o inverso, isto é, a marca que Sarah Affonso terá deixado ficar em Viana, foi bem mais difícil de encontrar. Não nos podemos esquecer que, quando saiu de Viana, Sarah era uma anónima menina de 14 anos que não deixa muitas marcas da sua passagem... Foi, de qualquer forma este o desafio que nos propusemos enfrentar: reconstituir o ambiente de Viana do Castelo, no princípio do século, seguindo as poucas pistas que Sarah Affonso nos deixou, recorrendo, no início, às memórias dos familiares¹ e às que deixou ficar na cidade.

Sabemos que veio para Viana por causa da colocação do seu pai no quartel de Infantaria 3. O edifício do quartel ainda existe, mas hoje funcionam aí os serviços sociais do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

A casa onde morou, na rua de Nossa Senhora de Monserrate, entre a igreja de N. Sra. D'Agonia e o jardim de D. Fernando foi demolida. Procurámos na Junta de Freguesia algum vestígio que a família tenha deixado, mas já não existe documentação dessa época.

¹ Foram fundamentais as indicações dadas pelo filho da artista, José de Almada Negreiros, a irmã, Paula Affonso, bem como o livro *Conversas com Sarah Affonso*, da sua nora M^{te} José de Almada Negreiros

O colégio onde andou, de Nossa Senhora de Monserrate, das irmãs de S. José de Cluny, foi extinto com a República e nesse edifício está hoje instalada a Guarda Nacional Republicana. Dos seus arquivos nada resta, nem na sede portuguesa da Congregação, nem na Casa Mãe, em Paris. Aqui foi possível ter acesso a um pequeno anuário com o registo dos factos importantes da vida, não só do colégio, mas também da cidade, que nos forneceu pequenas mas preciosas peças deste puzzle.

Foi assim que soubemos de toda a importância que era dada ao ensino artístico no colégio, onde com certeza terão sido acarinhadas as suas tendências, não só de desenho - nas condições de admissão refere-se que o preço inclui o ensino de português, francez, desenho linear e trabalhos de mãos, e ainda que o desenho de figura e pintura será pago separadamente a 1\$000 réis. - mas também noutras artes, como o teatro, e é assim que a vemos em 10 de Agosto de 1907 a representar num sarau o papel de "amiga de Margarida" na comédia infantil A Minha Prenda de Anos (Castro, 1989, p. 237).

Em Novembro de 1908 vamos encontrá-la alinhada à porta da Igreja de S. Domingos para saudar o rei D. Manuel II que, na sua visita à cidade aí ouvira um Te Deum. E tão entusiasmada estava que não se conteve e fugiu da formatura para lhe beijar a mão. Aqui é muito curioso confrontar dois testemunhos do acontecimento: se o anuário nos diz simplesmente que "En novembre de 1908, la ville de Viana était heureuse d'acclamer son jeune monarque, D. Manuel II. Lorsque le roi sortit de l'église de S. Domingo (sic) où l'on avait chanté le

Te Deum, nos enfants rangées sur deux files offriront dans une poésie de circonstance leurs souhaits de bienvenue et un bouquet que Sa Majesté accepta avec un bienveillant sourire.” (*Annuaire de la Communauté de N-D Monserrat à Viana do Castelo*), já a versão de Sarah Affonso é bastante mais vivida “E ainda me lembro do rei, que uma vez foi a Viana. Quando o vi fui a correr para lhe beijar a mão. Apanhei um raspanete das freiras, que eram com quem eu estava «isso não se faz, não se vai falar assim ao rei, sem mais nem menos». Mas senti-me tão contente de beijar a mão ao rei!” (*Negreiros*, 1993, p. 37).

Terá feito nesta mesma igreja a Primeira Comunhão, por volta de 1905, mas também esse registo não foi possível encontrar.

Em 20 de Julho de 1909 aqui nasceu a sua irmã Paula, deixando finalmente um documento oficial comprovativo da passagem da família pela cidade, hoje na conservatória do registo civil. Em Dezembro desse mesmo ano viveu as terríveis cheias que inundaram toda a zona baixa da cidade.

Foi também em Viana que assistiu à implantação da República, que encerrou o colégio onde andava.

Um último e muito saboroso vestígio desta sua passagem por Viana encontramos na assinatura e datação daquele que é considerado o seu Primeiro Desenho: Sara Sancha Afonso, 13.XI.1911, Viana do Castelo

Estes são os factos, as pequenas peças deste puzzle, que foi possível encontrar.

Do ambiente que Sarah viveu apenas é possível procurar fazer uma reconstituição, recorrendo por vezes aos seus quadros e indo depois ao que teriam sido as suas fontes de inspiração:

— O contacto com a Ribeira, o bairro piscatório da cidade – vizinho da sua casa - e com as gentes do mar seria constante, com os seus trabalhos, as redes, com os barcos e o seu colorido, com as suas tragédias e religiosidade, que inspirou a Sereia.;

— A alegria das romarias e da festa representada no Casamento na Aldeia e na Procissão;

— Os passeios no campo, onde observou os trabalhos e modos de vida, o que a levou a transpor para a pintura o matriarcado minhoto, já que os campos que pinta não são trabalhados por homens, nem são homens quem guia as juntas de bois. Nos óleos Lavradeiras, Lavradeiras com Bois e Menina com Boi evoca essa presença constante da mulher no campo;

— A singeleza dos brinquedos comprados nas feiras em Retrato do Filho.

Se todas estas coisas impressionaram a menina, também a artista, depois de ter estudado em Lisboa e Paris, soube regressar a esse ambiente da infância e ver a sua alma, interpretar a sua simplicidade e respeitá-la por isso mesmo:

“O Minho foi um grande centro de cultura e por isso mesmo um sítio onde a arte popular floresceu com tanta força! Porque não pode haver arte popular sem cultura e isso vê-se nas aldeias; onde não há cultura a arte popular também não existe” (*Negreiros*, 1993, p. 12)

Por todas estas razões a obra de Sarah Affonso é um importante contributo para a manutenção de uma memória popular minhota e, mais concretamente, vianense, pois os seus olhos têm a dupla perspectiva de quem conhece a realidade porque a viveu, mas agora a vê desde o exterior.

Sarah Affonso

Casamento na Aldeia, a par com **Lavradeiras Com Bois** (pintura igualmente conhecida como *Cena Campestre do Minho*) são as obras que, de um modo mais completo, formulam uma iconografia rural plenamente estabelecida e pessoalizada, aquela na festa, esta no trabalho.

Aqui Sarah Affonso aborda o tema do trabalho da mulher no campo e da ligação desta a um universo telúrico, primordial, onde é acompanhada pela força de trabalho bruta dos bois, e pela inocência, pela pureza, da criança, sua dependente (mas também, de certo modo, sua protectora, razão pela qual as dimensões relativas das figuras não são proporcionais, sendo a criança comparativamente maior, envolta numa aura de alegre colorido). No plano intermédio desta tela estão representadas duas mulheres de perfil a cavar a terra, viradas para a direita da composição, confrontando-se, ainda que num plano ligeiramente recuado, com o carro de bois de raça barrosã, este orientado para a esquerda da composição. Estes dois elementos formam um só conjunto pictórico: são duas forças de trabalho que se encontram na identificação da terra minhota. No primeiro plano, recorta-se sobre o fundo verde escuro, uma mulher que ordenha uma vaca e a criança de cabelo loiro e olhos azuis, vestido cor-de-rosa, braços levantados num gesto de saudação. Está representada bem de frente para o observador, com as maçãs do rosto vermelhas, expressão aberta e feliz. Todas as figuras em primeiro plano têm uma expressão de tranquilidade, dada por um tratamento cuidado dos rostos que se opõe à indefinição dos rostos das mulheres que trabalham. A meda de palha que encima a composição, sendo o

resultado do trabalho, como que coroa toda esta evocação da ruralidade minhota.

O tema do trabalho da mulher no campo - experimentado nos desenhos **Mulher com Junta de Bois e Mondadeiras** -, é retomado nas pinturas **Menina com Boi e Lavradeiras**, em que as figuras femininas são novamente representadas com intencional densidade volumétrica, na dupla evocação, por um lado, da força de trabalho e, por outro, da feminilidade, características da mulher minhota, aqui expressas nas mãos mal talhadas e grosseiras em contraste com a serenidade dos rostos, dormindo ou olhando com ternura o animal.

A obra **Sereia** lembra os ex-votos marítimos, com uma imagem sagrada representada no plano superior da composição, ladeando a imagem de um barco.

Esta imagem é aqui uma Nossa Senhora, talvez inspirada na Nossa Senhora d'Agonia, mas com o Menino ao colo. A sua auréola rendilhada, evoca o ouro em filigrana, envolvendo toda a figura e acompanhando o recorte do manto azul, decorado com pontilhado branco e formas ondeantes.

Não há uma distinção nítida entre céu e mar: a imagem religiosa assenta numa nuvem, da qual parte uma grande rede de pesca que envolve a Sereia, criando uma lógica decorativa e imprimindo o ritmo e a organização compositiva do quadro. Note-se que a representação da corda exterior da rede evoca um cordão de contas de ouro ou um terço. Esta rede de pesca relaciona as duas figuras femininas - Virgem e Sereia -, ligando conseqüentemente, os imaginários católico e pagão. Ambas as figuras interferem no destino dos pescadores e toda a composição se organiza na

evocação dessa dimensão encantatória que lhes é comum. A dimensão humanizada da **Sereia** é acentuada no guache, em que esta surge com duas caudas de peixe como pernas.

Encontramos idêntica lógica decorativa, muito feminina, no **Retrato do Filho**, em que o emolduramento da criança numa cercadura de flores e brinquedos, tal com a rede e os peixes da Sereia, é remanescente das composições maneiristas de outra pintora marcante, Josefa d'Óbidos. Nesta obra está novamente presente a volumetria e o naturalismo na representação da figura humana: o retrato de uma criança que dá os primeiros passos, sendo mesmo representada a andar. No entanto, o tratamento dado à composição, ao colocá-la suspensa num espaço irreal, artificializa o modelo, aproximando-o de uma visão imbuída de religiosidade e ultrapassando, desta forma, a simples evocação da inocência da infância. A criança surge sobre uma vaga atmosfera azul, numa moldura de flores, estrelas e brinquedos tirados do artesanato popular.

Um outro ambiente é criado em o **Casamento na Aldeia** que representa, não uma situação real - como nas *Lavradeiras* e na *Menina com boi* -, ou um ambiente irreal - como na *Sereia* ou no *Retrato do Filho* -, mas uma situação de pose, pensada como um retrato de grupo. Nesta pintura, nota-se a intencional rigidez das figuras, contrastante com a volumetria dos corpos representados nas situações mais "realistas".

Todos os figurantes têm um tratamento gráfico como se fossem bonecos, sem expressão, apenas com o ar compenetrado de quem "tira o retrato", a que só a figura da direita (a irmã/cunhada?) foge, com o seu ar

empertigado. Este tratamento gráfico é ainda mais nítido nos músicos, hirtos, de movimentos articulados, quase marionetas e claramente inspirados nas bandas de música de louça.

Aqui a aldeia não é já o local de trabalho, mas sim o local de festa, com a banda de música, o arco festivo e a casa com a sua horta e junta de bois.

Esta criação de ambientes colectivos contrasta com a primeira fase da carreira de Sarah Affonso como pintora, em que fez muitos retratos, numa continuidade "modernizada" da pintura do seu mestre na Escola de Belas Artes, Columbano Bordalo Pinheiro. O seu **Auto-Retrato**, datado de 1923, sendo anterior à sua partida para Paris, tem uma notável densidade psicológica, sendo a visão austera de uma jovem mulher determinada, dirigindo um olhar oblíquo e enigmático, ao observador.

Um outro aspecto da sua personalidade artística reflecte-se nos vários desenhos de motivos vegetalistas que realizou, entre os quais se destaca o mais antigo desenho conhecido de sua autoria (e que a artista mais tarde "autenticou" como sendo o **Primeiro Desenho**), que tem a particularidade de estar assinado e datado de *Viana do Castelo*. O desenho **Espigas**, mantém a temática, fazendo parte de uma série feita já no fim da vida.

Também o bordado **Alminhas** se reveste de um carácter muito simbólico, justificado pelas palavras da própria artista: "todas essas procissões, alminhas, me deslumbravam, e mais tarde passei a bordar muitos desses motivos. Um dia, o Zé [Almada Negreiros] disse-me que era um bom caminho a seguir. E foi daí, dos

meus bordados, que eu passei à fase mais conhecida da minha pintura.”(Negreiros, 1993, p. 13).

Se esta exposição pretendeu de algum modo reflectir sobre o processo do estabelecimento de uma iconografia rural minhota pela pintora, enquanto linguagem pictórica válida no âmbito do “seu” modernismo, muitos dos bordados realizados assinalam o momento de viragem, que precedeu as suas pinturas mais inovadoras e pessoais. Neste bordado transcreve-se, de uma forma quase literal, um tema popular, utilizando uma iconografia pré estabelecida. É também um excelente exemplo da utilização magistral de uma “arte decorativa” enquanto instrumento de investigação plástica.

É muito nítido no universo imagético da pintora uma recorrente atenção para com o mundo infantil, que

Sarah Affonso

transportava consigo, no sentido que lhe atribuiu Manoel Mendes na crítica que fez à sua exposição, na galeria Bobone, em 1929: “a infantilidade e a malícia mais simpáticas são as das pessoas crescidas. Elas conservaram um encanto fresco pela vida e uma visão mais bela do mundo”. (Negreiros, 1989, p. 27).

Esta particular facilidade de comunicação e compreensão permitiu-lhe ilustrar muitas histórias infantis, muitas delas retiradas da sua infância. As ilustrações da lenga-lenga *Sola-Sapato*, da *Nau Catrineta*, da *Linda Falua* ou mesmo o *A, E, I, O, U*, que fez para os filhos revelam uma diferente faceta da sua muito especial sensibilidade artística.

Ana Vasconcelos e Melo
João d’Alpuim Botelho

Obras consultadas para este trabalho:

Negreiros, Maria José de Almada, *Sarah Affonso*, (1989), INCM, Lisboa

Negreiros, Maria José de Almada, *Conversas com Sarah Affonso*, 1993, D. Quixote, Lisboa (1ª ed. 1982)

Viana, António Manuel Couto, *Gentes & Cousas d’Antre Minho e Lima*, 1988, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.

Castro, Luís Cyrne de, *O Colégio de N. Senhora de Monserrate em Viana do Castelo*, in Araújo, José Rosa de, Serão, 1989, Caminha, Caminha

Dias, Fernando Paulo, *Ecoss expressionistas na Pintura Portuguesa(1910-1940)*, 2 vols, tese de mestrado policopiada, apresentada na FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 1996

Lista de Obras

1. *Auto Retrato*, 1923, óleo s/ tela, 50 x 40, ass. ; dat., col. particular
2. *Lavradeiras com Bois*, 1937, óleo s/ tela, 100 x 80, ass. ; dat., col. particular
3. *Lavradeiras*, óleo s/ tela, 76 x 67, ass. ; n. dat., col. particular
4. *Menina com Boi*, óleo s/ tela, 75 x 81, ass. ; n. dat., col. particular
5. *Sereia*, 1939, óleo s/ tela, 120 x 80, ass. ; dat., col. particular
6. *Retrato do Filho*, 1936, óleo s/ tela, 100 x 80, ass. ; dat., col. particular
7. *Casamento na Aldeia*, 1937, óleo s/ tela, 103 x 86, ass. ; dat., col. Fund. Calouste Gulbenkian/CAMJAP

8. *Alminhas*, (1935), Bordado (lã s/ linho), 47,5 x 37, ass. ; n. dat., col. particular

9. *Primeiro Desenho*, 1911, grafite s/ papel, 32,6 x 21,5, ass. ; dat., col. particular
10. *Mondadeiras*, 1933, tinta sépia s/ papel, 26 x 34, ass. ; n. dat., Col. Fund. Calouste Gulbenkian/CAMJAP
11. *Feira de Gado*, grafite e esferográfica sobre vegetal, 61,7 x 54,5, col. particular
12. *Mulher com Junta de Bois*, 1937, grafite s/ papel, 47,6 x 34, ass. ; dat., col. particular
13. *Sereia*, grafite s/ papel, 27,5 x 44, col. particular
14. *Sereia*, guache s/ papel, 31,5 x 40, ass. ; n. dat., col. particular
15. *Mulher com Filho*, tinta da china s/ papel, 34,5 x 25, ass. ; n. dat., col. particular
16. *Menina das Tranças*, 1928, grafite s/ papel, 32 x 24,7, ass. ; dat., col. particular
17. *Espigas*, 1975, grafite s/ papel, 32 x 22, ass. ; dat., col. particular
18. *Meninas Ajoelhadas*, tinta da china s/ papel, 35 x 25, ass. ; n. dat., col. particular

- 19-23. *Vogais: A, E, I, O, U.*, colagem (papel lustro s/ cartolina), 50,2 x 35, col. particular
24. *Nau Catrineta*, reprodução, 21,4 x 15,8, ass. ; n. dat., col. particular
25. *Linda Falua*, reprodução, 21,4 x 15,8, ass. ; n. dat., col. particular
- 26-33. *Sola-Sapato*, 8 reproduções, 25 x 16,5, ass. ; n. dat., col. particular